



Cristina Filipe Caetano

# O CONTRIBUTO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS PORTUGUESAS PARA AS HUMANIDADES DIGITAIS

Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, orientada pela Doutora Maria Manuel Borges e coorientada pela Doutora Maria Manuela Barreto Nunes, apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Imagem: Fotografia Day 158: Diffusion of Knowledge / CC BY Quinn Dombrowski

# O contributo das Bibliotecas Públicas Portuguesas para as Humanidades Digitais

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	O Contributo das Bibliotecas Públicas Portuguesas para as Humanidades Digitais
Autor	Cristina Filipe Caetano
Orientadora	Maria Manuel Borges
Coorientadora	Maria Manuela Barreto Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ciência da Informação
Data	2017
Data de Defesa	2017.07.21
Júri	Maria Graça Melo Simões (Presidente Júri) Maria Luísa Melo e Alvim Oliveira Dias de Almeida Maria Manuela Barreto Nunes Lopes Esteves
Classificação	19 valores





À Mafalda e ao Zeca,  
os meus pilares.

## **AGRADECIMENTO**

À Doutora Maria Manuel Borges, da Universidade de Coimbra, minha orientadora, por me abrir as portas a um novo mundo.

À Doutora Maria Manuela Barreto Nunes, minha coorientadora, pelo incentivo e confiança.

Ao companheiro académico, Paulo Silva, pela prontidão no apoio.

A todos os colegas bibliotecários que me inspiraram.

À minha família pela paciência e pela compreensão do tempo roubado.



*O querer e o poder, se divididos são nada, junto e unidos são tudo.*

Padre António Vieira





## Resumo

Este estudo apresenta uma reflexão sobre o papel das bibliotecas públicas, enquanto instituições de salvaguarda do património documental e bibliográfico e da história da comunidade local, no mundo digital e na investigação académica. A literatura consultada permite verificar que os investigadores em humanidades privilegiam o acesso a fontes primárias, aos documentos que transmitem, em primeira mão, as ideias, os saberes, os costumes e comportamentos da Humanidade. E, as bibliotecas públicas, as instituições detentoras da custódia da memória de uma comunidade que se concretiza através de uma política de gestão de coleções especiais, nomeadamente, Fundo Local e Fundo Antigo, são fornecedoras de conteúdos para as humanidades digitais. Perante a dificuldade em delimitar o termo *humanidades digitais*, percebe-se que estamos perante um novo paradigma no modo de investigar nas ciências sociais e humanas e onde se estabelece uma relação de simbiose entre as práticas de investigação das humanidades e as tecnologias digitais. Sendo que, neste processo de investigação, criam-se condições para a contribuição e enriquecimento da história da comunidade local, através da agregação dos resultados da investigação à coleção especial.

O objetivo geral do trabalho é analisar o posicionamento das bibliotecas portuguesas nas humanidades digitais. Assim, a investigação parte da questão: existe nas bibliotecas públicas portuguesas um processo estruturado na gestão das coleções especiais com reflexo para a investigação nas humanidades digitais? Para cumprir com o objetivo deste trabalho, foi efetuada uma análise às práticas vigentes nas bibliotecas públicas portuguesas para a disponibilização das coleções especiais no mundo digital. Para tal, partiu-se do universo de bibliotecas públicas e municipais portuguesas, selecionou-se um método que permitisse fornecer a informação necessária para fazer uma pesquisa integral. Seguiu-se o método da observação direta e análise descritiva dos dados.

Conclui-se neste trabalho que as bibliotecas públicas devem olhar além do papel tradicional de recolha e organização das suas coleções. No momento em que se promovem debates para refletir sobre o futuro das bibliotecas públicas e sobre as novas competências dos seus profissionais, o presente trabalho apresenta um ponto da situação no que diz respeito às práticas das bibliotecas públicas portuguesas na disseminação das coleções especiais em ambiente digital. Este estudo coloca em evidência a importância das bibliotecas públicas nas humanidades digitais.

**Palavras-chave:** humanidades digitais, bibliotecas públicas, coleções especiais, investigação

## **Abstract**

This paper is a reflection on the role of public libraries as cultural institutions that save documentary and bibliographic patrimony and history of the local community, in the digital world and in academic research. Academic literature shows that humanities researchers value the access to primary sources that transmit mankind ideas, knowledge, customs and behavior. Public libraries institutions are keepers of community memory, that it is materialized through special collection - Local e Rare collection - and therefore they are the providers of contents and raw materials to the digital humanities. Given the difficulty in defining the term digital humanities, it is clear that we are facing a new paradigm in what concerns the social and human sciences research and which establishes a symbiotic relationship between research practices in the humanities and digital technologies. And in this investigation/research process, conditions are built to contribute to the enrichment of the local community history, through the aggregation of research results to the special collection are created (are developed).

The main goal of this research is to analyze portuguese libraries role in digital humanities. Thus, the research is based on whether public libraries have a structured process in the management of special collections with an impact on scholarship in digital humanities. In order to comply with this objective, we analyzed the current practices in portuguese public libraries to make their special collections accessible in the digital world. This research is based on the universe of portuguese public and municipal libraries. In order to analyze the necessary information to make an global research, we chose the direct observation of digital platforms, followed by a descriptive data analysis.

It is concluded in this work that public libraries should look beyond the traditional role of collecting and organizing their collections. At the moment debates are held to reflect on the future of public libraries and on the new skills of their professionals. The present work presents a situation regarding the practices of portuguese public libraries in the dissemination of special collections in digital environment. This study highlights the importance of public libraries in digital humanities.

**Keywords:** digital humanities, public libraries, special collections, research



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
Declaração de intenções .....	16
Questão de investigação e objetivos .....	16
Metodologia .....	17
Estrutura da dissertação .....	18
<b>1 HUMANIDADES DIGITAIS</b> .....	20
1.1 Conceito ou prática? .....	20
1.2 A matéria prima dos investigadores em humanidades.....	31
1.3 As necessidades do investigador.....	35
1.4 Um projeto nas humanidades digitais e seus intervenientes .....	39
<b>2 BIBLIOTECA PÚBLICA</b> .....	45
2.1 Missão .....	45
2.2 Coleções especiais.....	48
2.2.1 Fundo Local .....	50
2.2.2 Fundo Antigo .....	55
2.3 Coleções fechadas são invisíveis aos investigadores .....	59
2.4 Valorização do património documental, bibliográfico e cultural da comunidade.....	63
2.5 A investigação académica e a Biblioteca Pública .....	65
<b>3 AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS PORTUGUESAS E AS HUMANIDADES DIGITAIS</b> .....	72
3.1 Identificação da presença das bibliotecas públicas portuguesas na Web .....	72
3.2 Observação das plataformas digitais das coleções especiais das bibliotecas públicas portuguesas.....	73
3.3 Apresentação e discussão dos resultados.....	75
Tipologias .....	77
Comunicação e Interatividade .....	79
Recuperação da Informação .....	80
Metadados .....	82
Colaboração .....	83
<b>CONCLUSÃO</b> .....	87
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	93
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b> .....	100
<b>ANEXOS</b> .....	101



## INTRODUÇÃO

O que se conhece, em Portugal, sobre a importância das bibliotecas públicas para o estudo das humanidades? A resposta parece evidente quando se relaciona a leitura dos escritos dos nossos antepassados e o papel da biblioteca na organização do conhecimento produzido pelo Ser Humano. Esta relação viabiliza o estudo das humanidades.

Por humanidades<sup>1</sup> entendemos o estudo da Literatura, História, Filosofia, Artes, e Etnografia e a adesão a alguns dos valores das civilizações grega e romana antigas, particularmente ao seu especial interesse pelo Homem entre todas as coisas e seres do mundo. É pois, desde a antiguidade clássica que os estudos das humanidades têm estado no centro de uma educação de artes liberais. Através do estudo das humanidades desenvolve-se a capacidade de obter uma compreensão precisa e profunda sobre o mundo, comentando o pensamento criativo e crítico, o raciocínio e a capacidade de questionar. Estas competências permitem formular ideias sobre tudo, desde a poesia e pinturas até a modelos de negócio e a estratégias políticas.

A investigação sobre a experiência humana aumenta o conhecimento sobre o mundo. O trabalho do humanista permite preservar as grandes conquistas e realizações do passado, e fornece novas formas de compreensão e entendimentos dos valores de diferentes culturas. Para André (2012) o estudo das humanidades é a “promoção da própria humanidade” pois permite uma melhor compreensão das diferentes culturas e povos e, ao aprender os seus modos de vida e de comunicar, “damo-nos conta da riqueza do património dos outros” (André, 2012, p. 290) e “pelo estudo da História, da Geografia, das Línguas, das Culturas, da filosofia e das Artes adquirimos uma capacidade de comunicar com os outros sem a marca de exclusão”. O objetivo das humanidades é cultivar o indivíduo, cultivar o cidadão.

Assim, surge a urgência de divulgar os feitos da Humanidade e a conseqüente preservação de manifestações representativas da cultura material e imaterial, e a necessidade de conservar os modos de vida de existentes e os testemunhos patrimoniais que funcionam como referências temporais e explicam o desenrolar da história e das ideias.

Paralelamente, vivemos atualmente na Sociedade da Informação, também conhecida por Sociedade do Conhecimento ou a Sociedade em rede, como preconizou Castells (2002), onde as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm desempenhado um papel transformador. Este cenário, vigente desde a década de 60 do século XX, no qual grande parte das actividades humanas se encontram cada vez mais dependentes das tecnologias, veio alterar por completo o paradigma de produção, acesso e uso da informação. O desenvolvimento tecnológico é sinónimo de progresso e constitui uma peça basilar do indivíduo na sociedade global. Para Castells (2002) a informação torna-se um recurso estratégico na economia global e as TIC fornecem a infraestrutura para o funcionamento de redes que constituem a morfologia social da atual sociedade. O espaço e o tempo são transcendidos nas práticas sociais devido à capacidade de fazer tudo de todos os lugares graças à capacidade do contacto contínuo e omnipresença das TIC. Os desenvolvimentos tecnológicos são concebidos como o principal facilitador e força motriz dos processos de globalização, de inovação, mais eficientes e muitas vezes mais acessível.

A competência do uso das tecnologias para o desenvolvimento, manutenção e uso de computadores e software para processamento e distribuição da informação é valorizada na

---

<sup>1</sup> Movimento intelectual que surgiu no século XV na Itália e que se propagou pela Europa, que se baseia na filosofia ou doutrina da antiguidade clássica e que tem por base o homem a ser o centro de interesse. In: Freitas, Gustavo de (19??). *Vocabulário de história : política, social, económica, cultural, geral*. Lisboa : Plátano

atual sociedade. É neste contexto de evolução tecnológica que o estudo das Humanidades adquire uma nova dimensão: as humanidades digitais.

Hoje, o conhecimento humanista continua a ser o fundamento ideal para explorar e compreender a experiência humana. Investigar um ramo da filosofia para se refletir sobre questões éticas. Aprender outro idioma para obter uma apreciação pelas semelhanças em diferentes culturas. Contemplar uma escultura para pensar sobre como a vida de um artista afetou suas decisões criativas. Ler um livro de outra região do mundo para pensar sobre o significado da democracia. Ouvir um curso histórico para entender melhor o passado e, ao mesmo tempo, oferecer uma imagem mais clara do futuro. A cultura humanista é a âncora da identidade individual face à globalização.

As humanidades digitais são uma área emergente, de interseção de tecnologias digitais e as disciplinas das humanidades. A definição das humanidades digitais está em constante mutação e o facto de ser uma área recente, em constante crescimento e transformação, dificulta a tarefa dos teóricos na delimitação da área e do objeto de estudo. No entanto, por um lado é notório que a investigação e o acesso ao legado deixado pelos nossos antepassados são impulsionados por uma nova forma de estudar as humanidades. Por outro lado, as instituições que preservam as memórias da humanidade são chamadas a adaptar as técnicas de organização e disponibilização da herança cultural à nova realidade: a integração das TIC e a percepção da alteração dos comportamentos e necessidades dos utilizadores da informação no mundo digital.

## Declaração de intenções

A área das humanidades digitais é importante, tanto do ponto de vista cultural como do ponto de vista académico. Em Portugal, não foi realizado qualquer estudo sobre o envolvimento e o reconhecimento da área das humanidades digitais em instituições culturais. Assim, este estudo apresenta uma reflexão sobre o contributo das bibliotecas públicas portuguesas para a consagração das humanidades digitais em Portugal e, conseqüentemente, também sobre a prática de preservação, divulgação da memória local e respetivos fundos locais das bibliotecas públicas. Além disso, foi perceptível ao longo da revisão da literatura que, os estudos sobre as humanidades digitais focam-se nas bibliotecas académicas cuja função é indissociável da investigação científica. No presente estudo, as bibliotecas públicas em Portugal podem ser vistas como elementos fundamentais para a investigação das ciências humanas e sociais, trazendo assim uma nova luz sobre as práticas das bibliotecas públicas num contexto pouco estudado.

## Questão de investigação e objetivos

Pretende-se contribuir para a investigação acerca da complexidade da área emergente das humanidades digitais e, através da valorização das coleções especiais, aprofundar o conhecimento do papel das bibliotecas públicas na investigação académica.

Assim, a investigação parte da questão: existe nas bibliotecas públicas portuguesas um processo estruturado na gestão das coleções especiais com reflexo para a investigação nas humanidades digitais?

Neste âmbito, o presente estudo tem como objetivo geral perceber o posicionamento das bibliotecas portuguesas nas humanidades digitais.

Em termos de objetivos específicos pretende-se ainda:



- a) Identificar as potencialidades das coleções especiais digitalizadas das bibliotecas públicas para a investigação das ciências sociais e humanas;
- b) Indagar como o Fundo Local e o Fundo Antigo contribuem para o reforço do papel da biblioteca pública na comunidade;
- c) Analisar a relação entre as práticas vigentes nas bibliotecas públicas portuguesas para a disponibilização das coleções especiais no mundo digital e as necessidades dos investigadores.

## Metodologia

Neste ponto é descrita a metodologia ao longo desta investigação. A metodologia é condição necessária para que o trabalho científico tenha um rumo, direção e que possa ser analisado de uma forma crítica por outros pesquisadores (Bell, 1997; Reis, 2010).

Numa análise aos problemas metodológicos da investigação nas ciências sociais, Almeida e Pinto (1986, p. 55) apontam para o efectivo contributo da teoria, entendida “como um conjunto organizado de conceitos e relações entre conceitos *substantivos*”, conjugada com os “procedimentos padronizados de recolha de informação sobre o real”, para o desenvolvimento da prática científica.

Assim, para atingir os objectivos apresentados, dividimos a investigação em dois momentos: etapa teórica e a etapa empírica.

Para a etapa teórica, procedemos à pesquisa e análise de bibliografia especializada para a definição de conceitos base, que permitam sustentar teoricamente a reflexão a que nos propomos.

Na selecção das fontes científicas válidas, utilizamos bases de dados de abrangência internacional, designadamente a *Library & Information Science Source* (base de dados especializada da Ciência da Informação), a *Web of Science*, Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), *ResearchGate*, *Google Scholar* e o *Directory of Open Access Books* (doab).

Mais especificamente na área das humanidades digitais, recorreu-se a publicações periódicas de livre acesso com arbitragem científica, designadamente a *Digital Humanities Quarterly* (DHQ) e a *Digital Scholarship in the Humanities*. Considerando que a área em causa é caracterizada como uma área emergente, estipulou-se como baliza temporal, a jusante do ano de 2004, como a literatura comprova, que foi um ano de consolidação para o termo *humanidades digitais*.

Quanto à pesquisa bibliográfica para o enquadramento teórico do capítulo bibliotecas públicas e as coleções especiais, não foi estipulado uma baliza cronológica. Considerou-se, porém, a bibliografia europeia mais relevante para o presente estudo por aproximação da realidade. Assim, a recolha bibliográfica teve como base a pesquisa boleana *And* utilizando os termos *cultural heritage*, *digital humanities*, *public library*, *local library*, *local studies* e *rare books*.

Para uma melhor contextualização e compreensão do “estado de arte” do tema em questão, optou-se por apresentar ao longo do estudo teórico exemplos de práticas a nível internacional e, sempre que possível, focar a realidade portuguesa no domínio em estudo.

Na etapa empírica adotou-se, numa primeira fase, como principal método a pesquisa exploratória onde se realizou um estudo da realidade portuguesa, baseando-se na observação dos sítios Web e plataformas utilizadas pelas bibliotecas, para recolha direta da informação. Esta etapa teve início na identificação da presença das bibliotecas públicas portuguesas na Web,

utilizando como fonte de informação os dados disponíveis no sítio Web da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas<sup>2</sup> e a Wiki *Directório de Bibliotecas*<sup>3</sup>. A seguir, procedeu-se à análise exploratória de verificação da presença de coleções especiais nas plataformas digitais. Na segunda e última fase, após a identificação e seleção de bibliotecas que se enquadram no âmbito deste projeto de investigação, elaborou-se uma ficha de avaliação cujos campos de observação foram preenchidos de acordo com os critérios e aspetos essenciais apontados ao longo da etapa teórica.

## Estrutura da dissertação

O presente trabalho encontra-se organizado em três capítulos. No capítulo 1, apresenta-se uma breve revisão bibliográfica dos conceitos relacionados com as humanidades digitais e as questões em debate na atualidade inerentes às características da área emergente e contextualizando o seu crescimento e importância (1.1). A revisão da literatura continua refletindo sobre a matéria prima dos investigadores em humanidades (1.2), identificando as fontes primárias que os investigadores procuram estudar, assim como os requisitos essenciais para o acesso às mesmas (1.3). Termina-se o capítulo com uma análise aos intervenientes nos projetos desenvolvidos no âmbito das humanidades digitais.

No capítulo 2, para refletir sobre o papel bibliotecas públicas como importantes contribuidoras de fontes primárias para os projetos de investigação nas humanidades digitais, analisamos a missão da biblioteca pública (2.1), fazemos uma pequena abordagem do conceito coleção especial (2.2) e procuramos identificar os diferentes fundos que constituem as coleções especiais das bibliotecas públicas, o fundo local (2.2.1) e fundo antigo (2.2.2). No ponto seguinte, abordamos a importância da visibilidade das coleções especiais em ambiente Web, focamos o papel do património documental e bibliográfico para a valorização da comunidade (2.4) e reflete-se sobre a relação entre a investigação académica e a biblioteca pública (2.5).

No capítulo 3, dá-se início ao estudo empírico analisando a presença das bibliotecas públicas na Web. Depois de determinada o universo de bibliotecas que serão objeto de estudo, apresenta-se o método de recolha e parâmetros a de avaliação (3.2). Por fim, apresentam-se e discutem-se os resultados recolhidos (3.3).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://bibliotecas.dglab.gov.pt/>

<sup>3</sup> Disponível em: <http://bibliotecas.wikifoundry.com/>



# 1 HUMANIDADES DIGITAIS

## 1.1 Conceito ou prática?

Houvera uma coisa sobre a qual todos os que se interessam por humanidades digitais concordassem seria que a história das humanidades digitais ainda tem de ser escrita (Terras, 2006). Isto não é assim tão surpreendente, visto que precisamos entender com clareza o que são humanidades digitais, podemos até colocar a questão apenas no sentido singular uma vez que existem autores que utilizam a forma singular do termo<sup>4</sup>. Antes de podermos escrever a sua história é importante salientar que as humanidades digitais começaram a ser apreendidas a uma escala social e académica nos tempos mais recentes (Svensson, 2016).

A área das humanidades digitais tem sido identificada por muitos termos: humanidades em computação, informática humanista, computação literária e linguística, recursos digitais nas humanidades, para citar apenas alguns. Mais recentemente, é predominantemente conhecida como humanidades digitais, embora outras variações, como eHumanities, sejam ocasionalmente encontradas na literatura emanada da Europa continental (Nyhan, Flinn, & Welsh, 2015).

As humanidades digitais são certamente um assunto que está na ordem do dia, e, ao contrário de muitas outras áreas de estudo e de experiências interdisciplinares, é possível identificar as origens das humanidades digitais. Estas remontam a 1949 quando o estudioso jesuíta, Padre Roberto Busa, iniciou uma tarefa monumental de elaborar um dicionário léxico de todas as palavras da obra de São Tomás de Aquino (Hockey, 2004; Nyhan et al., 2015). Apesar do pequeno distanciamento temporal, Nyhan et al. (2015) consideram que a compreensão deste momento pioneiro para a história, quer se trate de humanidades em computação, quer se trate das humanidades digitais, o da incorporação não especializada do computador em vários aspetos do trabalho dos investigadores e eruditos das humanidades tradicionais, permanece obscura e ainda está por ser reconhecida pela comunidade académica.

Porém, é consensual no seio da comunidade das humanidades digitais considerar Busa um dos pioneiros das humanidades digitais. Para Hockey (2004), Busa “has continued to have a profound influence on humanities computing, with a vision and imagination that reach beyond the horizons of many of the current generation of practitioners who have been brought up with the Internet”(2004, par.4). Em 1998 a *Aliança das Organizações das Humanidades Digitais* (ADHO) instituiu o prémio *The Busa Prize* em homenagem a Busa, para premiar os que se destacam na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) aplicadas à investigação em humanidades. O próprio padre Busa foi o primeiro a receber o prémio Busa em reconhecimento pelo seu trabalho inovador e pelas notáveis conquistas na investigação das humanidades e da aplicação da tecnologia da informação à pesquisa humanística (Hockey, 2004).

During World War II, between 1941 and 1946, I began to look for machines for the automation of the linguistic analysis of written texts. I found them, in 1949, at IBM in New York City. Today, as an aged patriarch (born in 1913) I am full of amazement at the developments

---

<sup>4</sup> Kirschenbaum, M. (2012). *What Is Digital Humanities and What's It Doing in English Departments?* No entanto, iremos considerar o termo plural porque como veremos ao longo da reflexão teórica, umas das características intrínsecas das humanidades digitais é a interdisciplinaridade.

since then; they are enormously greater and better than I could then imagine. *Digitus Dei est hic!* The finger of God is here!.<sup>5</sup>(Busa, 2004)

Busa pretendia elaborar um dicionário léxico de todas as palavras da obra de São Tomás de Aquino e começou com a transferência gradual dos textos inteiros para cartões perfurados com cartões. O objetivo de Busa era ter um arquivo de 13 milhões desses cartões, um para cada palavra, com um contexto de 12 linhas estampadas na parte de trás. O arquivo teria 90 metros de comprimento, 1,20 m de altura, 1 m de profundidade e teria pesado 500 toneladas (Busa, 2004). Em 1955, os cartões perfurados são substituídos por fitas magnéticas<sup>6</sup> e em 1980 trabalhou em 1.800 fitas, cada uma com 731,52 metros de onde resultou um comprimento total de 1.500 km. Nesse ano é publicado em papel e em formato de enciclopédia o *Índice Thomisticus* com 20 milhões de linhas em 65.000 páginas englobados em 56 volumes do índice.

O conhecimento dos benefícios possíveis resultantes da aplicação das ferramentas computacionais aos estudos dos textos e seus autores, expandiu-se gradualmente pelos canais de comunicação académica. Daqui resultou que os anos que se seguiram ficaram marcados por projetos que exploravam essas ferramentas computacionais cujo foco era a fonte textual. A partir da ideia inovadora de Busa e com o objetivo de aperfeiçoarem a qualidade dos seus trabalhos, outros investigadores e estudiosos iniciaram projetos aplicando as mesmas metodologias desenvolvidas até então. Hockey refere que, em 1960, Dolores Burton escreveu quatro artigos científicos a realçar a importância de unir os estudos das humanidades com os computacionais. No Reino Unido, Roy Wisbey, fundador do *Centre for Literary and Linguistic Computing da University of Cambridge*, em março de 1970, produziu um conjunto de índices de textos da Idade Média de origem Alemã. Nos Estados Unidos da América, Stephen Parrish estabeleceu as relações textuais dos poemas de Matthew Arnold e de W. B. Yeats, publicadas posteriormente pela uma universidade americana, Cornell University Press (Hockey, 2004).

Assistiu-se a uma fase de mudanças no estudo dos textos e da linguística. Foi despoletada uma grande produção de textos eletrónicos, que foram acompanhados também pela criação e implementação de centros de computação em algumas universidades de letras e linguística na Europa, sobretudo com o intuito de compilar dicionários linguísticos. Temos como exemplo o *Trésor de la Langue Française*, criado em Nancy para construir um arquivo de material literário francês e igualmente o Instituto de Lexicologia Holandesa em Leiden (Hockey, 2004). Este período veio consolidar uma nova metodologia no estudo das fontes textuais. Os avanços alcançados permitiram investigações e estudos até então impossíveis e os eruditos das humanidades, em particular da área da literatura e da linguística, viram a sua área de pesquisa ganhar um maior grau de profundidade.

Mais tarde, nos finais da década de 80, o surgimento do computador pessoal e do correio eletrónico veio alterar o paradigma na comunicação entre os investigadores. Estas duas novas tecnologias revolucionaram e impulsionaram a inovação na investigação académica, visto que os utilizadores dos computadores não estariam condicionados aos centros de computação e, com o correio eletrónico, surgem as listas de discussão entre investigadores e as primeiras redes virtuais de trabalho. Em 1986, Patrick Conner cria a lista *Ansaxet*<sup>7</sup>, a primeira lista de

---

<sup>5</sup> Em 2004, Busa escreve o prefácio de *Companion to Digital Humanities*, uma obra que é considerada como o ponto de viragem para a consolidação do termo humanidades digitais.

<sup>6</sup> Os primeiros foram os de aço de Remington, seguidos pelos plásticos da IBM.

<sup>7</sup> Ansaxnet, a mais antiga lista de discussão eletrónica para as humanidades, foi fundada por Patrick Conner em 1986, na conferência ALLC de 1985 em Nice.

discussão virtual nas humanidades (Hockey, 2004). Deu-se início a uma nova era da comunicação imediata entre os investigadores em ciências humanas.

Assim, parece evidente que a interseção da computação e a investigação em ciências humanas alterou não apenas o sentido e as possibilidades da pesquisa em ciências humanas, mas também as condições em que é realizada. As mudanças sociais e culturais dentro do seio académico fizeram-se sentir entre os filósofos e intelectuais (McCarty, 1998; McGann, 2005), que reconheciam uma mudança de paradigma nas ciências humanas. A constatação deste facto não é de *per se* sinal de consenso. A dicotomia de opiniões evidencia as divergências substanciais no que concerne à relação ao computador e ao seu impacto na investigação em humanidades. De um lado, é realçado o fator comercial do computador, que é vendido como um produto da sociedade de consumo, e, por outro lado, denota-se um discurso pejorativo que relativiza o discurso de revolução tecnológica ao serviço da investigação. Para veicular esta ideia defendida pelos mais cétricos, Nyhan et al., (2015, p.74) citam William Turkel que afirma: "Computers and computing... have always been surrounded by hype (it was—and may still be—the only way to sell them)". Desta forma, refutavam esta nova fase da investigação nas humanidades visto que em vários momentos da História, os humanistas estiveram profundamente envolvidos na construção de conhecimento: "Archimedes, the Banu Musa brothers, da Vinci, Vaucanson, the Lunar Men, Bauhaus, W. Grey Walter, Gordon Mumma. The list could easily be multiplied into every time and place" (Nyhan et al., 2015, p. 72). Do outro lado da controvérsia, o computador é "uma ferramenta".

Um sinal de mudança é visível na necessidade de implementar novos programas de ensino nas universidades vocacionados para as humanidades em computação:

We wanted to design a program that would enhance all the humanities including the creative, fine, and performing arts. Too often humanities computing is focused exclusively on textual computing and is therefore only of interest to students in textual disciplines like English, Linguistics, and Comparative Literature. (Rockwell, 2013)

Para Rockwell (2013), as humanidades em computação são focadas exclusivamente na computação textual e, portanto, só de interesse para os académicos das Letras, Linguística e Literatura Comparada. Assim, realça a necessidade de conexão com todas as disciplinas, retirando a exclusividades aos textos alargando o âmbito de trabalho aos criativos, de forma a proporcionar a reflexão crítica do objeto de estudo, mas também a inovar e a criar novos objetos de estudo.

Quando se fala de *digital humanities*, o termo surge em paralelo com humanidades em computação. Na literatura consultada, verifica-se que no seio da comunidade académica ambos os termos estão diretamente relacionados com a relação indissociável da investigação académica com as tecnologias digitais. Na primeira década de 2000, as humanidades digitais expandiram em múltiplas formas: "indeed, ten years ago, the notion of digital humanities itself was an emerging one, arising out of a relabeling process within the humanities computing community" (Kirschenbaum, 2012; Svensson, 2012). Um termo que surge num consenso entre um grupo relativamente pequeno de investigadores, agora é reconhecido e apoiado por uma comunidade académica que consegue alcançar um nível de investimento, infraestruturas e compromissos administrativos que teria sido impensável há uma década atrás.

Para Fitzpatrick (2012) e Vanhoutte (2013), o ponto de viragem para a consolidação do termo humanidades digitais acontece no seio de uma discussão entre autores e editor a propósito da escolha do título de um livro que originalmente seria *A Companion to Humanities Computing*. Porém, pretendia-se um título mais apelativo para os humanistas em geral e

*humanities computing* soava como se a ênfase fosse colocada preferencialmente na tecnologia, fugindo da ideia que se tratava de uma obra sobre digitalização. Por isso, a escolha recaiu em *digital humanities*. Em 2004 é publicado *A Companion to Digital Humanities*, uma obra que, segundo os autores, representa um momento decisivo no campo das humanidades digitais. Pela primeira vez, teóricos e profissionais de diversas áreas juntam-se para refletir sobre como as humanidades digitais se relacionam com a investigação académica. A publicação deste trabalho, conjunto, ajudou a caracterizar uma área de pesquisa e de ensino apoiada por conferências de notoriedade, revistas de prestígio e pela comunidade académica.

Para Fitzpatrick (2012), a expressão humanidade digital pode ser entendida como a conexão de domínios do conhecimento e o uso de tecnologias de computação para pesquisar, analisar e estudar os problemas e linhas de investigação inerentes às ciências humanas.

Em 2006, Terras defende que apesar da comunidade de investigação das *Humanities computing* estar a aumentar em consequência do aparecimento de ferramentas, técnicas e novos modos de fazer investigação nas Humanidades, não existe uma definição para esta área. Mais tarde, Terras (2011) utiliza a expressão *digital humanities* para veicular a mesma noção sobre esta nova prática e acrescenta que muito se tem escrito e teorizado acerca da definição das humanidades digitais. Acrescenta que apesar da volatilidade da tentativa de delimitar definições e perspetivas que encerram esta nova prática de investigar, o seu valor e utilidade reflete-se e reside nos resultados demonstrados e decorrentes da própria investigação, das ferramentas criadas para o efeito e da literatura produzida.

Na mesma linha de pensamentos, Guerreiro e Borbinha (2014) e Oberhelman (2015), abstraindo-se parcialmente das questões teóricas e filosóficas que a propósito da definição se têm colocado, optam por descrever a prática das humanidades digitais – “what used to be called «humanities computing»” – a partir do novo paradigma do modo de investigar em humanidades. Explicam assim que se trata de uma área emergente, de trabalho colaborativo no qual as ferramentas digitais são aplicadas aos métodos de investigação tradicionais e na produção de novos conhecimentos das ciências sociais e humanas. De facto, na atualidade, não só uma definição abrangente parece ser impossível de formular, como estudiosos argumentam que a tarefa de definição pode ser improdutivo, fossilizando um campo emergente e restringindo o novo trabalho na delimitação de fronteiras (Terras, 2006).

Schaffner e Erway (2014) consideram o que se designa por “Digital Humanities today will soon be considered The Humanities” (2014, p.16), independentemente da abordagem que se faça à teorização e conseqüente objetificação do termo. Para estes autores, a reflexão e debate inerente a esta problemática seguirá um caminho natural.

Para Kirschenbaum (2012) as humanidades digitais constituem um campo diversificado e emergente que não é fácil de definir. Kirschenbaum (2012) afirma que se trata, na realidade, de um termo estratégico, um marco amplo que abarca tanto o uso das TIC na investigação nas humanidades e ciências sociais, como uma reflexão teórica em torno da relação entre estas disciplinas e as novas tecnologias. Iguamente está patente na relação entre a mudança cultural e social marcada pela forte influência da Internet ou manifestações culturais em formato digital.

Na verdade, McCarty defendia em 1998, a importância fundamental da reflexão que aparece tão proeminente na literatura da área e considera que à pergunta “what is humanities computing?”, do ponto de vista para as humanidades, não é uma questão para ser respondida, mas para ser continuamente explorada e complementada. Para além disso, considera que “we cannot, therefore, rest content with the comfortably simple definition of humanities computing as the application of the computer to the disciplines of the humanities, for it omits the very heart of the matter” (McCarty, 1998, p. 3). Para este autor as humanidades em computação consistem numa comunidade diversificada de várias disciplinas na área das humanidades onde são

incorporados os métodos, os dispositivos e as perspectivas das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo que se mobilizam ferramentas e perspectivas singulares proporcionadas pela tecnologia digital.

Rockwell (2013) contrapõe a posição de McCarty por manter uma atitude tradicional ao defender a interdisciplinaridade das humanidades em computação com a utilização de técnicas computacionais para estudar os objetos tradicionais das humanidades. Rockwell (2013) defende uma perspectiva inovadora e considera que as humanidades em computação, incitada pela interpenetração e cultura humanística, caminham para a identificação de uma nova área de investigação, para o estudo de novos objetos e novas formas de olhar a investigação em humanidades.

Para Svensson (2012), as várias definições que surgem para responder à mesma pergunta continuam a ser uma rica fonte de debate intelectual para os estudiosos. Observa que é comum verificar que as humanidades se caracterizam pelo seu foco no processo e é o processo de explorar essa questão, ao invés de tentar respondê-la definitivamente, que tem maior valor para o debate. O autor enfatiza a função intermediária e facilitadora das humanidades digitais e argumenta que as humanidades digitais não constituem uma disciplina, mas permitem conexões entre todas as disciplinas das humanidades. Assim como permitem a ligação entre a comunidade académica e o mundo exterior, pois a componente digital inerente às humanidades digitais é uma forma de canalizar o interesse em repensar as humanidades no ensino e constituir uma alavanca para a inovação, o diálogo e o acoplamento para o futuro da investigação e construção de saberes.

Verifica-se que a discussão nas humanidades digitais remete para a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade veiculada por Piez (2008) ao afirmar que a definição das humanidades digitais inclui pelo menos quatro ou cinco disciplinas diferentes. Inclui as línguas e literatura, mas também a sociologia da comunicação, antropologia e etnografia, estudos dos media, arquivística e biblioteconomia, património cultural e, é claro, informática. O que coloca um problema para a definição de um objeto de estudo nas humanidades digitais. Para Piez, “the proper object of Digital Humanities is what one might call “media consciousness” in a digital age, a particular kind of critical attitude analogous to, and indeed continuous with, a more general media consciousness as applied to cultural production in any nation or period” (2008, p. 9)

Rodríguez-Yunta (2014) constata que as humanidades digitais evoluíram a partir do seu precedente, das unidades de informática para as humanidades (humanities computing), ampliando os seus objetivos para desempenhar atualmente um papel central em todo o processo de criação, desenvolvimento e manutenção a longo prazo de projetos de bibliotecas digitais, bases de dados e cultura digital. Considera que o desenvolvimento das humanidades digitais está diretamente relacionado com a aplicação da *e-Science* no campo das ciências sociais e humanas que, por sua vez, adquiriram características próprias, tais como, a reflexão epistemológica sobre a aplicação de ferramentas tecnológicas na pesquisa, considerando também a Internet como um campo de estudo ou de reflexão sobre a dimensão ética no fluxo de informações e de dados através de novos meios de comunicação.

Para Alvarado (2012) não há definição de humanidades digitais, isto se por definição queremos dizer um conjunto consistente de preocupações teóricas e metodológicas de pesquisa que possam estar associados a uma determinada disciplina, seja a uma área científica sólida ou uma área emergente e transdisciplinar. A categoria não denota nenhum conjunto de métodos computacionais amplamente compartilhados que contribuam para o trabalho de interpretação, nem normas acordadas ou géneros recebidos para publicação digital, nem um amplo consenso sobre se o trabalho digital, por mais delimitada que seja, conta como trabalho académico genuíno. Em vez de uma definição, temos uma genealogia, uma rede de semelhanças familiares



entre escolas provisórias de pensamento, interesses metodológicos e ferramentas preferidas, uma história de pessoas que escolheram chamar-se humanistas digitais e que, no processo de tentar definir, estão a criar essa mesma definição. Para Alvarado (2012), as humanidades digitais são uma categoria social, cujo termo tem um conjunto mais ou menos claro de referentes organizacionais e não uma questão ontológica, em que não existe uma relação clara e categorial entre os conceitos dos múltiplos domínios das humanidades digitais.

Enquanto categoria social, Alvarado (2012) relembra o número de jornais e revistas da especialidade com arbitragem científica (*peer review*), as conferências anuais e uma rede internacional de centros académicos associados ao termo humanidades digitais, que procuram uma definição. Porém, a necessidade de estabelecer uma definição parece indicar uma nova fase na história da área das humanidades, que pode indicar o surgimento de um instinto territorial num ambiente de escassos recursos - mesmo quando a expressão *big tent*<sup>8</sup> emerge. Afinal, a mudança de "humanidades em computação" para "humanidades digitais" indica um crescimento no tamanho e popularidade da comunidade.

Em consonância com esta perspetiva, Terras (2011), Spiro (2012) Rodríguez-Yunta (2014), Klein (2014) e Fiorimonte, Numerico, & Tomasi, (2015) demonstram a complexidade, a diversidade e a riqueza do fenómeno das humanidades digitais. As investigações, neste domínio, têm um caminho percorrido consubstanciado em conferências, debates, jornais e revistas científicas. A consolidação das humanidades digitais como uma área de atividade científica e académica, com uma magnitude internacional, baseia-se na identificação de várias características transversais a todas as iniciativas internacionais desenvolvidas sob o domínio das humanidades digitais<sup>9</sup>:

Entre as associações, destacamos a *American Association for Computers and the Humanities* (ACH), a *European Association for Digital Humanities* (EADH), demonização atual da *Association for Literary and Linguistic Computing* de ALLC criada em 1973), que, por sua vez, conta com entidades nacionais em Itália e Alemanha, a *Canadian Society for Digital Humanities/Société canadienne des humanités numérique* (CSdh/SCHN), a Australiana *Association for Digital Humanities* (AADH), e a Japonesa *Association for Digital Humanities* (JADH) que, no sentido de coordenar esforços e recursos na área das humanidades digitais integram a *Alliance of Digital Humanities Organizations* (ADHO). Nos últimos anos, na Europa têm proliferado associações: em Itália a *Associazione per l'Informatica Umanistica e la Cultura Digitale* (2010), em Espanha a *Humanidades Digitales Hispánicas* (2012) e na Alemanha a *German-speaking* (2012). Em 2013 investigadores portugueses e brasileiros criam a Associação das Humanidades Digitais (AHDig) cujo elo de ligação é o português como língua dominante. No mesmo ano é fundada na Argentina a *Asociación Argentina de Humanidades Digitales* e em Israel a *Digital Humanities Israel*.

Entre os encontros internacionais para o debate das humanidades digitais, a ADHO coordena a conferência anual de maior relevo a nível internacional - *Digital Humanities* - para discussão e partilha nas humanidades digitais. É de destacar a conferência anual informal *Thatcamp*, de participação livre, que junta profissionais de vários quadrantes: estudantes

---

<sup>8</sup> Em 2009, William Pannapackers introduz o termo "big tent" para caracterizar a abrangência das áreas científicas e disciplinas implicadas nas humanidades digitais. Em 2011, é realizada uma Conferência Internacional na Califórnia sob o título "Big Tent Digital Humanities" para discutir e reflectir sobre a interdisciplinaridade e a natureza mutável das humanidades digitais. Seguiram-se vários estudos e artigos a reflectir sobre a pertinência do termo.

<sup>9</sup> Os autores apontam dificuldades para o mapeamento das associações, centros e jornais devido à difícil delimitação de objeto de estudo das humanidades digitais.

especialistas, bibliotecários, arquivistas, profissionais de museu, desenvolvedores e programadores, professores do ensino básico e secundário, administradores, gestores e financiadores, empresários. Estes profissionais colaboram num ambiente não-hierárquico e de partilha e colaboração, os participantes são incentivados a criar, e construir, a escrever, e a resolver problemas. O fórum anual que decorre em ambiente digital, *Day of Digital Humanities*, apela à partilha dos intervenientes em iniciativas e projetos para promover a colaboração numa plataforma para analisar o panorama e o estado da arte das humanidades digitais. O *Benelux*, o bloco europeu formado por Bélgica, Luxemburgo e Holanda, organizaram em 2014 a primeira conferência *Digital Humanities Benelux*, tendo continuidade nos anos a seguir. Em Portugal, realizou-se em 2015 o primeiro congresso dedicado exclusivamente à temática das humanidades digitais<sup>10</sup>.

No que diz respeito às publicações especializadas, a ADHO apoia a revista online de arbitragem científica *Digital Humanities Quarterly* e dois ensaios introdutórios publicados pela *Blackwells*: o *Companion to Digital Humanities* e o *Companion to Digital literary Studies*. O jornal de arbitragem científica *Digital Scholarship in the Humanities* tornou-se a principal revista académica publicada e apoiada pela EADH e pela ADHO. A estes títulos podemos acrescentar outros títulos exclusivamente digitais: *Digital Medievalist*, *Journal of Digital Humanities*, *Informatica humanística*, *Humanist Studies & the Digital Age*, *First Monday*, *Open Library of Humanities*, *Digital Studies / Le champ numérique*, *CA: Journal of Cultural Analytics*, *Journal of the Text Encoding Initiative*, *DHCommons*, *Kairos*. Outros dois títulos que se destacam por representarem uma nova onda de publicações na web que refletem a necessidade de ir além dos rótulos clássicos das humanidades digitais – o *Spanish Caracteres Estudios culturales y críticos de la esfera digital* e *Swiss-led Frontiers in Digital Humanities*. A lista aumenta para várias dezenas de publicações se tivermos em conta ambientes específicos como a linguística (*Literary and linguistic computing*), história (*Digital medievalista*, *Journal of the digital medievalist community*) ou geografia (*GeoInformatica*), assim como as publicações sobre edição digital ou património digital. É de realçar que todas as publicações<sup>11</sup> são de Acesso Aberto<sup>12</sup>.

A presença em plataformas de comunicação social na Internet demonstra o carácter dinâmico das humanidades digitais na web social e traduz-se na existência de blogs específicos, (*Digital humanities now*; *Digital scholarship in the humanities*; *Filología digital*), grupos no Zotero (*Digital humanities education*), de plataformas wiki sobre recursos (*Digital humanities wiki*; *Dirt - Directory of digital research tools*) e de redes sociais<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> *Congresso de Humanidades Digitais em Portugal*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 8 e 9 de outubro de 2015

<sup>11</sup> Digital humanities journals - plataforma para descobrir e aceder às publicações das humanidades digitais. Disponível em: <http://digitalhumanities.berkeley.edu/resources/digital-humanities-journals>

<sup>12</sup> O Acesso Aberto é um movimento académico internacional que tem como objetivo tornar os resultados da investigação científica, tais como publicações e dados, disponível sem restrições de autor e de licenciamento. O termo surge pela primeira vez em 2002, na *Budapest Open Access Initiative* (BOAI), onde foram elaboradas um conjunto de recomendações que incluem o desenvolvimento de políticas de acesso aberto em instituições de ensino superior e em agências de financiamento, o licenciamento aberto de trabalhos académicos, o desenvolvimento de infraestruturas, como repositórios de acesso aberto e a criação de padrões de conduta profissional para publicação científica em acesso aberto. Acesso à BOAI em: <http://www.budapestopenaccessinitiative.org/>

<sup>13</sup> Para além das referidas conferências, associações e publicações, kirschenbaum evoca como elemento distintivo para a construção da identidade das humanidades digitais o papel das plataformas sociais, com especial destaque para o Twitter. Considera que mais do que qualquer outra tecnologia ou plataforma, e no momento em que as humanidades digitais estão a alcançar a sua apoteose institucional – os

A criação de centros de referência, unidades de investigação ou centros tecnológicos específicos é outro fenómeno da expansão do estudo das humanidades digitais. A rede *CenterNet* acolhe cerca de 200 instituições de todo o mundo e promove um portal de colaboração (*DHCommons*). Uma análise à rede<sup>14</sup> <sup>15</sup>*CenterNet* é possível verificar que 48% dos centros dedicados à investigação em humanidades digitais localizam-se na América do Norte (EUA e Canadá) e a Europa com 42%, sendo de salientar que a o Reino Unido acolhe 29% dos centros existentes na Europa. Em Portugal existe um centro associado à rede – Instituto de História Contemporânea (IHC). Estes organismos têm, habitualmente, a sua sede em universidades como institutos de investigação, centros interfaculdades ou consórcios interuniversitários. Sem associação ao *CenterNet*, existem outras instituições de humanidades digitais, e a título de exemplo, nos Estados Unidos, há um escritório federal desde 2008, o Instituto de Humanidades Digitais, sob o *National Endowment for the Humanities* (NEH), que fornece programas de financiamento a projetos. A Associação das Humanidades Digitais (AHDig) é uma rede de investigadores de língua portuguesa onde Portugal é, naturalmente, um parceiro ativo e conta com o contributo de vários investigadores de diversas universidades portuguesas. Assim, esta breve análise à proliferação de iniciativas concertadas a nível internacional, conduz-nos à ideia veiculada por Fiormonte et al., (2015) e Rodríguez-Yunta (2014) que defendem que a criação de todas as instituições, publicações e conferências na área das humanidades digitais refletem a abrangência e a diversidade da área. Porém apontam o predomínio do mundo anglo-saxónico nas iniciativas, recursos e associações nas humanidades digitais. Não obstante, o *Manifesto das Humanidades Digitais*, reunido em Paris em 2010 e traduzido em 11 línguas, incluindo árabe, grego e russo demonstra a necessidade por parte da comunidade de tornar o debate, concetualização e práticas das humanidades digitais mais inclusivas.

Neste ponto, é importante referir que são vários os estudos e reflexões sobre a questão do factor inclusivo das humanidades digitais, designadamente, na abordagem dos projetos a questões do género (Terras & Nyhan, 2016) e das questões raciais (Gallon, 2016). O que nos remete para a crítica apontado por Svensson (2012) ao chamar a atenção para as áreas predominantes no seio académico. As áreas tradicionais em discussão focam temas relacionados com o desenvolvimento de ferramentas de pesquisa orientada e baseadas em texto, privilegiando a literatura, a linguística e a história, ficando de fora as áreas cujo foco é a arquitetura, música, cinema, teatro e novos media. E sugere que a visão inclusiva das humanidades digitais deve reconfigurar a história e o crescimento da área e defende um modelo alternativo baseado nas humanidades digitais como ponto de encontro e centro de inovação para a troca e partilha das diferentes abordagens e perspectivas da investigação e da produção de novos saberes.

Assim, para o enquadramento da área das humanidades digitais, caminha-se para discursos explicativos consubstanciados nas humanidades digitais como uma prática em progresso evolutivo nas humanidades e cujos resultados são a alavanca para o desenvolvimento de novas ferramentas digitais e a agregação de novos métodos de trabalho e produção de novos conteúdos. Esta ligação direta com a investigação e as tecnologias verifica-se na ideia sustentada por Svensson (2012) quando afirma que o estudo e a investigação das humanidades estão a atravessar uma fase de profundas alterações no que diz respeito às práticas de pesquisa,

---

humanistas digitais utilizam o Twitter para se identificarem e partilharem informações, estabelecer contatos, perguntar e responder.

<sup>14</sup> Análise efetuada para o presente estudo a 10.01.2017, no sítio: <https://dhcenter.net.org/>.

<sup>15</sup> Na data 10.01.2017 verifica-se que a última atualização do blog associado ao Instituto foi a 2014.06.13

estruturas de financiamento, à importância dada à capacidade criativa, à interdisciplinaridade da investigação e ao emergir de redes de trabalho, tanto em relação aos processos de produção de conhecimento como à criação de conteúdos. Um aspeto importante desta transformação é a crescente necessidade dos investigadores das humanidades na utilização e na aplicação da tecnologia da informação como uma ferramenta académica e como um produto cultural.

Atualmente, há um incremento de experiências, práticas e modelos prósperos no que pode ser chamado de humanidade digitais, verificando-se uma razão para este fenómeno à volta desta nova prática nas humanidades, pois os resultados são um forte contributo para a valorização da herança cultural e os mesmos enriquecem o nosso conhecimento e entendimento da humanidade e são alcançados porque envolve uma forte colaboração (Svensson, 2012). Tudo isto conduz à ideia defendida por Trevor Muñoz (2012, par.5): “DH involves research and teaching and building things and participating in communities both online and off”, focando a importância desta relação entre a investigação, o aprender e a produção de novas linhas de pensamento.

Em consonância com este conceito, mas alcançando um patamar um pouco mais elevado, Gold, (2012) considera que as humanidades digitais não tratam apenas da viabilidade de novos métodos de pesquisa, como o acesso a grandes *data sets*, ou de novas formas de ensino e aprendizagem, como a incorporação de dados geoespaciais em ambiente de aula, mas ainda do elemento central e basilar do trabalho desenvolvido no seio do ecossistema académico. As humanidades digitais proporcionam o desenvolvimento de peritos especializados em “making creative use of digital technology to advance humanities research and teaching”(2012, par.3) e, neste sentido, nas humanidades digitais trata-se de “construir” implicando o processo de leitura, estudo, reflexão, crítica e o processo de fazer acontecer, de construção. Assim, as tecnologias não são apenas uma ferramenta para estudar objetos, são também o veículo para a criação e divulgação de conteúdos.

Are we word-processing or doing email? Are we doing research or shopping? Are we entertaining ourselves or working? It's all data: isn't it all just data processing? Sure it is, and no it isn't. The goals, rhetoric, consequences, benefits, of the various things we do with computers are not the same, in spite of the hegemony of Windows and the Web. All our activities may all look the same, and they may all take place in the same interface, the same ›discourse universe‹ of icons, menus, and behaviors, but they're not all equally valuable, they don't all work on the same assumptions  
Unsworth (2002)

Unsworth (2002) por seu lado, demonstra qual a diferença da utilização comum das tecnologias ao colocar ênfase no uso e nos fins para que é utilizado um computador. Defende igualmente que as tecnologias, quando utilizadas na investigação em ciências humanas e sociais, são uma ferramenta para a manipulação e modelação de dados científicos nas humanidades, e que a atividade é inteiramente distinta quando se usa a tecnologia como máquina de escrever. Refere que “humanities computing is a practice of representation, a form of modeling” (Unsworth, 2002, par.1) e que se trata de um meio para a organização intelectual, uma forma de raciocínio e um conjunto de compromissos ontológicos, sendo que a sua prática representacional é moldada pela necessidade de uma computação eficiente para a comunicação humana.

Sendo que falar ou pensar em humanidades digitais enquanto prática, experimentar, fazer acontecer, remete-nos para o preconizado em ambos os manifestos<sup>16</sup> que focam valores como: acesso aberto, colaboração, multiplicidade, participação, inovação na investigação académica, inter e multidisciplinaridade, democratização no acesso ao conhecimento, tudo isto de forma a favorecer a investigação de qualidade e inovadora nas ciências sociais e humanas para o enriquecimento, promoção e valorização do conhecimento e património coletivo, não só na esfera académica como para o cidadão comum (Spiro, 2012; Oberhelman, 2015).

Para Vandegrift e Varner (2013) as humanidades digitais são um termo abrangente para descrever múltiplas formas de fazer investigação académica. Alguns humanistas digitais se concentram em como a tecnologia está a renovar o sistema de ensino, dando aos alunos múltiplas e emocionantes formas de contactar com os recursos materiais dos cursos académicos. Outros se concentram em como a Internet revolucionou a publicação académica, e as transformações no acesso a recursos que anteriormente eram de difícil acesso. Outros ainda pesquisam formas de como questionar e procurar padrões em coleções de textos digitais utilizando ferramentas complexas de visualização e extração de dados. Nesta diversidade de formas de investigação é possível encontrar um fio comum e transversal a todos os humanistas digitais, que é a percepção de que a tecnologia permite que o trabalho nas humanidades seja mais estimulante e acessível (Vandegrift & Varner, 2013).

Na implementação das humanidades digitais não deixa de existir um forte debate sobre a sua construção teórica e as suas implicações (Kirschenbaum, 2014). A internacionalização das iniciativas tem contribuído para o aumento da incerteza para a sua definição. Configuram-se como um campo interdisciplinar ou de colaboração que integra diferentes linhas e desenvolvimentos e tecnologias aplicados a qualquer disciplina das ciências humanas e sociais. Igualmente, pode ser considerado um movimento internacional, pois conta com a criação de manifestos elaborados em reuniões e debates que sustentam a configuração de uma comunidade internacional de prática e multilingue, solidária, aberta e de livre acesso a dados e a metadados.

Warwick e Terras (2012) apresentam o projeto *Griphos*, um caso de um projeto no qual fica demonstrado como as ferramentas digitais permitem estudar melhor os artefactos sem a excessiva manipulação dos mesmos. Integrando o conhecimento, a técnica e perícia dos especialistas de várias áreas de investigação com as tecnologias digitais, constroem-se plataformas e ferramentas adequadas para a investigação. Neste caso, é explicada a técnica de manipulação de imagem num conjunto de imagens tiradas a tábulas romanas, cujo processo consiste em obter várias imagens 3D do objeto a partir de várias posições e pontos de luz. A dificuldade reside na fiabilidade da tecnologia para capturar todos os pontos essenciais para o seu estudo e, por conseguinte, os especialistas em escrita cuneiforme acompanharam o processo de digitalização e tratamento das imagens para que a tecnologia desenvolvida dê respostas adequadas às necessidades dos especialistas. Assim, Terras conclui que a observação e a compreensão dos métodos tradicionais dos peritos em determinada área, integrando essa mesma experiência e método de investigação no desenvolvimento e construção de ferramentas e plataformas tecnológicas, se adaptada às exigências dos especialistas, constitui um forte contributo para o progresso do conhecimento do objeto em estudo. Neste sentido, a interação entre vários saberes e técnicas é um ponto crucial nas humanidades digitais. É na compreensão das necessidades e comportamentos dos investigadores e utilizadores de recursos digitais que

---

<sup>16</sup> Digital Humanities Manifesto 2.0. UCLA Mellon Seminar in Digital Humanities, 2009; Manifesto for the Digital Humanities. Paris, THATCamp, 2011. Disponível em: <http://tcp.hypotheses.org/411>

se consegue conceber e identificar as ferramentas e recursos digitais para uma futura usabilidade e sustentabilidade das próprias soluções digitais.

Assim, proporciona-se um ambiente no qual se discute e se reflete, mas também onde se aprende a criar e a produzir novos conteúdos. Em todos estes autores podemos encontrar aspetos coincidentes sobre as humanidades digitais e podemos afirmar que, por natureza, trabalhar nas humanidades digitais significa trabalhar de forma colaborativa, manipular conteúdos analógicos, digitais e nado-digitais. As ferramentas digitais<sup>17</sup> são uma parte de investigação que exigem o domínio da infraestrutura tecnológica subjacente e com a premissa da interatividade, o acesso livre à investigação e ao resultado da mesma, aos dados subsequentes conduzem à criação de novos conteúdos. É um processo dinâmico cuja metodologia é indissociável da aplicação de ferramentas digitais para estudar as ciências humanas e sociais. É uma prática que necessita da troca e da integração da massa crítica, aspeto essencial para a inovação e criação.

Perspetivando o futuro e a consolidação da comunidade académica das humanidades digitais, o estabelecimento de valores comuns entre os humanistas digitais suportam e fortalecem a própria comunidade para enfrentar novos desafios. Para Spiro (2012) a definição e articulação de valores partilhados permitem definir a própria identidade da comunidade, estipular metas e fomentar a colaboração entre os pares da comunidade. O mesmo autor considera que a grande obstáculo ao debate e crescimento das humanidades digitais reside no factor social e não na questão do progresso tecnológico. A mudança de paradigma assenta no trabalho colaborativo e no desenvolvimento de projetos coletivos para garantir a sua própria sustentabilidade (Fitzpatrick, 2012; Spiro, 2012).

Neste sentido, Spiro elenca os valores do Acesso Aberto aos conteúdos, dados de investigação, ferramentas digitais e plataformas de disseminação, para garantir a interoperabilidade, a descoberta e a reutilização. O Acesso Aberto promove o objetivo global das humanidades digitais na democratização do acesso à informação e alargar a participação da comunidade na produção do conhecimento. A colaboração configura outro valor para a comunidade visto que os ambientes colaborativos promovem o potencial criativo coletivo. O fluxo livre de informações permite que as pessoas construam ideias e novas perspectivas. Para além disso, Spiro apela à participação livre e aberta a todos, de igual forma, em reuniões para discussões e tomadas de decisões onde todos os participantes têm igual peso, independentemente do seu estatuto de professor, académico, estudante ou investigador. Paralelamente, defende que as humanidades digitais devem abarcar a diversidade de ideias para assegurar que os debates e as discussões sejam mais enriquecedoras e fortes se tiverem em conta as múltiplas perspetivas. Por fim, o autor foca a experimentação como um valor intrínseco das humanidades digitais. O empreendedorismo e inovação são o alicerce do método para testar novas ideias e criar novos conhecimentos, e, simultaneamente, a experimentação estimula a transformação nas abordagens tradicionais de ensino e investigação.

Identificado o estado de conhecimento sobre o tema em estudo e das questões mais importantes que se colocam nesta área, resta-nos recorrer a Vanhoutte (2013) que reconhece a dificuldade de delimitação e definição, mas assegura um melhor entendimento e compreensão

---

<sup>17</sup> Uma das facetas das humanidades digitais é a criação e desenvolvimento de ferramentas. O diretório *Digital Research Tools* (DiRT) agrega informações sobre ferramentas de pesquisa digital para fins de investigação académica. Este diretório reflete a multiplicidade de ferramentas criadas sob o lema as humanidades digitais e exemplifica a diversidade das áreas envolvidas. Disponível em: <http://dirtdirectory.org/>. Não se enquadra no presente estudo analisar e enumerar as principais ferramentas neste âmbito.

sobre os diversos aspetos da humanidade, os seus feitos e a herança cultural que perdurou até à atualidade, isto se colocarmos em prática os princípios das humanidades digitais.

## 1.2 A matéria prima dos investigadores em humanidades

As fontes primárias na forma de documentos textuais, recursos visuais ou testemunhos orais estão no centro da pesquisa em humanidades, pois representam uma fonte chave de evidência histórica, pois “todos os estudos que repousam sobre o homem são, ao mesmo tempo, pleonásticos e absolutamente necessários para nos esclarecermos a nós próprios” (Lourenço, 2015, p. 265).

O estudo nas humanidades não se limita à descoberta de coisas anteriormente desconhecidas, como um novo manuscrito ou um artefacto arqueológico, é um processo que inclui a reinterpretação ou redescoberta de artefactos conhecidos - como textos e outros produtos culturais - numa perspetiva crítica e criativa para gerar arte inovadora e/ou novas investigações.

A questão basilar para o conceito de pesquisa, sobretudo na ciência, é precisamente a criação de algo novo, de um novo saber e de diferentes perspetivas para novas reflexões. Nas ciências sociais e humanas, pode tratar-se da produção literária, que cria novos conhecimentos sob a forma de arte literária e dos autores, ou da etnologia que aborda o homem como ator concreto, real e a sua situação na sociedade. Da filosofia para a compreensão, e para novas reflexões, do pensamento. Da arqueologia que acrescenta novos conhecimentos através do exame de artefactos culturais na senda de novas linhas de investigação académica. Em suma, o estudo das humanidades cruza-se com os saberes básicos centrados no contacto com a memória através da leitura de textos, das suas línguas, das suas culturas, da interpretação dos artefactos e de todas as formas de expressão e modos de fazer dos nossos antepassados, de diferentes épocas, estilos e géneros.

O estudo das humanidades possibilita o desenvolvimento de competências básicas para melhorar, fortalecer e enriquecer o conhecimento, o que favorece a tomada de consciência da dignidade e a consciência das limitações próprias da humanidade (Martins, 2015). A memória, enquanto um estado de consciência do passado, permite a valorização da herança ou do legado dos nossos antepassados.

...definição de humano é ao mesmo tempo inseparável da consciência que temos do que somos, mas esta consciência é ela própria também histórica, porque nós temos um conhecimento, que é o do nosso próprio passado, temos o saber do nosso passado, mas não conhecemos o fim da nossa própria história. Ora isto é precisamente o que justifica que haja Humanidades, enquanto preocupação por aquilo que nos distingue do que é o não-humano. No entanto, não somos nós os definidores dessa passagem, nós somos quem se interroga... (Lourenço, 2015, p. 266)

No entender de Nóvoa, (2015, p. 25) as “humanidades são integradoras, baseiam-se na interpretação e na crítica, alimentam a dúvida e o diálogo, são decisivas para as dinâmicas de tradução nas sociedades atuais” Sendo a interpretação do passado limitado pela amnésia histórica e pelo distanciamento temporal dos acontecimentos, as humanidades são a via para a compreensão das sociedades, e, conseqüentemente, para a integração individual e coletiva no mundo globalizado. Considerando este último aspeto, os processos de relação e de comunicação aproximam os indivíduos pelas suas semelhanças e confere identidade e individualidade pelas

diferenças naturais, as quais requerem um esforço contínuo de conhecimento e de interpretação dos indivíduos e das sociedades. Para “cumprirem com estas missões, as humanidades precisam de criar um clima propício à participação, à colegialidade, ao trabalho conjunto, ao diálogo, ao pensamento crítico” Nóvoa (2015, p.25).

As fontes primárias são materiais originais. Para Walker (2014, p. 18) “a primary source is one that is original to the time and place of the events documented” e portanto são uma fonte de informação em primeira mão do passado, não foram filtradas através de interpretação ou avaliação e providenciam o “rest of the story” that might explain or challenge a widely accepted truth”. As fontes primárias são materiais originais nos quais se baseiam outras pesquisas. São geralmente a primeira aparência formal dos resultados em formato físico, impresso ou eletrônico. Apresentam o pensamento original e relatam uma descoberta ou partilham novas informações.

A herança cultural, enquanto legado dos nossos antepassados de bens, de valores intelectuais, morais e culturais (Freitas, 1982), é o suporte na investigação em humanidades que assenta no trabalho e estudo exaustivo de fontes primárias para a produção de novos conhecimentos, de descobertas e de linhas de investigação em ciências humanas (Audenaert & Furuta, 2010).

Para concretizar esta ideia das necessidades das matérias-primas para os investigadores em humanidades, tomemos como exemplo o jornal na perspetiva de “importante fonte de pesquisa histórica e antropológica”(Muller, 2015, p. 271). Após um período de desprezo por parte dos historiadores ao jornal impresso por considerarem que “a falta de neutralidade, a carência de objetividade e a possível ausência de imparcialidade” (Muller, 2015, p. 272), que eram elementos perturbadores na investigação e na reconstrução das realidades, a historiografia moderna reconhece no jornal uma valiosa fonte de investigação pois este se apresenta como uma testemunha direta dos acontecimentos. Desta forma, compete aos historiadores interpretar, identificar e analisar criticamente os textos jornalísticos.

Em consonância com esta ideia, o bibliotecário alemão Neudecker, (2016) apurou que as publicações periódicas, com especial destaque para os jornais de época e regionais, são de extrema relevância para os historiadores como fonte de informação para a investigação nas mais diversas áreas das ciências sociais e humanas. Na verdade, são testemunhos da época das principais manifestações, movimentos ideológicos e das origens históricos de determinados eventos, quer do ponto de vista político, religioso e cultural. Na área da linguística, os jornais refletem a abrangência de estilos e características linguísticas e a análise dos textos permite identificar estereótipos mais comuns e a repetição de termos mais específicos (Neudecker, 2016).

Para além do jornal, os investigadores enfatizam o papel crucial do livro antigo e outros recursos que transmitem a herança cultural, tanto na área da investigação como no ensino. O investigador de fontes primárias considera imperativo que as instituições que têm a custódia das coleções especiais trabalhem com a comunidade académica para compreender os métodos de pesquisa e recursos vigentes praticados por estes. Ou seja, sair da biblioteca para construir coleções para a investigação e o ensino (Green & Courtney, 2015; Proffitt & Schaffner, 2008). A importância das fontes primárias na erudição humanista é sublinhada em Palmer (2005, p. 1144): “for many humanities scholars, key primary and secondary materials are central sources of evidence, and research is conducted through interaction with these materials” e observa que o modelo de pesquisa das humanidades segue um curso interpretativo e os humanistas agregam e integram as fontes primárias existentes para analisar e interpretar fenómenos históricos ou culturais.



A centralidade das fontes primárias na pesquisa em humanidades é confirmada por uma série de estudos recentes que exploraram as práticas de pesquisa dos historiadores e do uso de coleções digitais (Rutner & Schonfeld, 2012; Schaffner & Erway, 2014). O uso de fontes primárias permanece no cerne da pesquisa histórica, embora os estudiosos da história estejam cada vez mais interagindo com versões digitalizadas de fontes primárias. As fontes primárias utilizadas na pesquisa humanística incluem não só documentos textuais, mas também outros tipos de materiais, como imagens fotográficas, filmes e histórias orais. A descoberta de fontes primárias é essencial para a pesquisa histórica e a localização de materiais relevantes e ainda representa um grande desafio (Rutner & Schonfeld, 2012).

Os estudiosos das ciências sociais e humanas sempre dependeram das instituições patrimoniais e detentoras de fontes primárias e materiais raros para a realização de pesquisas históricas o que implicava, obrigatoriamente, a deslocação aos arquivos, museus e/ou bibliotecas, a fim de obter acesso *in loco* a materiais originais. O advento das tecnologias digitais mudou por completo o paradigma de acesso e uso da informação e originou novos canais de comunicação e de produção do conhecimento. O impacto das tecnologias digitais é perceptível na forma como os estudantes e investigadores das humanidades pesquisam e partilham a investigação, assim como, é visível no progresso dos novos modos de divulgação e acesso a fontes primárias e aos conteúdos do património cultural.

Os editores de *A Companion to Digital Humanities* enfatizam a combinação de princípios humanistas com o uso das TIC como principais objetivos da área, servindo estas para iluminar o registo do Homem e despoletar uma compreensão do registo humano.

Alvarado (2012) afirma que todos os humanistas digitais partilham um laço em comum com os humanistas tradicionais, “the records left by man – works of literature, art, architecture, and other products and traces of human digital intellectual labor”(2012, par.4). Busa (2004) considera que a tecnologia digital aplicada às humanidades possibilita o processamento e análise da atividade do Homem, “in the widest sense of the word, from music to the theater, from design and painting to phonetics, but whose nucleus remains the discourse of written texts”(Busa, 2004, par. 3). As fontes primárias na forma de documentos textuais, recursos visuais ou testemunhos orais estão no centro da investigação em humanidades, pois representam uma fonte chave de evidência histórica.

No estudo de Schaffner e Erway (2014), é referido que os investigadores das humanidades privilegiam as fontes primárias e são as bibliotecas e arquivos os locais eleitos para a recolha e consulta dessas fontes. Paralelamente, os autores afirmam que os responsáveis pelas instituições patrimoniais estão interessados em mobilizar as suas coleções para novas audiências e propósitos, particularmente onde a investigação converge com arquivos e coleções especiais. É nesta interseção de interesses que os humanistas digitais trabalham e adquirem recursos para o estudo nas humanidades.

Schaffner e Erway, (2014, p. 7) afirmam que os “digital humanists have an insatiable appetite for digital sources, as well as for metadata for source materials” e denotam que a investigação em humanidades na era digital está-se a tornar mais complexa em termos de dados, uma vez que os estudiosos têm a oportunidade de coletar uma grande variedade de fontes primárias digitalizadas.

Proffitt e Schaffner (2008) focam que, embora com variações nas estratégias de investigação, os pesquisadores no decurso destas, descobrem materiais originais que não são conhecidos ou não se encontram em condições mínimas de preservação e segurança. Assim sendo é comumente que os investigadores recorram a bibliotecas e arquivos para a sua identificação e registos e apelam à permanência destas fontes primárias em instituições vivas de património cultural. E acrescentam que no processo da pesquisa, criam-se as condições para

a contribuição e enriquecimento das coleções das instituições patrimoniais através da agregação dos resultados da investigação: “we have a chance to enlist scholars to contribute the scans they create in the course of their research so that others can access them. Digital versions of unique materials can be “collected” by libraries and archives, along with the scholarly results” (2008, p.5). Proffitt e Schaffner, (2008) citam Watt (2008), que considera útil o acesso a fontes primárias digitalizadas para o ensino pois estimula e facilita a aprendizagem, e acrescenta: “Being able to learn and teach in a digital world is a wonderful thing.”(2008, p. 5) e do ponto de vista do professor, é muito mais fácil para os alunos encontrarem e selecionarem materiais para a investigação académica. Em linha com esta ideia, os autores defendem que “we can take advantage of digitized primary source materials to create new opportunities for teaching appropriate scholarly methods, even in large survey courses”(Proffitt & Schaffner, 2008, p. 6), pois permitem o contacto direto com o produto da atividade humana. É inconcebível utilizar os documentos originais em contexto de sala de aula, mas quando digitalizados são perfeitos para a formação de estudantes preparando-os para a vida académica. Assim, podemos tirar proveito dos materiais de fontes primárias digitalizados para criar novas oportunidades para o ensino de métodos académicos apropriados.

Para o bibliotecário norte-americano Luft (2015), os investigadores querem e esperam ter acesso a recursos digitais de qualidade e querem uma resposta imediata sem ter que percorrer milhares de documentos e plataformas. Para demonstrar como a disponibilidade de tais materiais em ambiente digital mudou a forma como os alunos aprendem, Watt (2008) evoca o exemplo de Clay Boggs, um aluno da universidade onde leciona, cujo trabalho de investigação sobre as tropas antijudaicas foi distinguido com o maior prémio da Temple’s Libraries. Este aluno referiu que passava muito do seu tempo de investigação a analisar os documentos originais da coleção *Quaker* em Haverford College. E, por via da página da biblioteca de Haverford, teve conhecimento de que os textos que precisava de consultar estavam disponíveis no *Early English Books Online* (EEBO) e eram acessíveis a partir de qualquer ponto da universidade. Passou a trabalhar no seu projeto de investigação a partir do seu quarto e, como o próprio reconhece, “being able to access texts through EEBO made it easy for me to immerse myself in the texts I was writing about.”(Watt, 2008, p. 7). Este exemplo leva-nos a refletir sobre a nova forma de utilização da biblioteca, e como afirma Watt, se este aluno não tivesse acesso físico e temporalmente ilimitado aos textos provavelmente não conseguiria aprofundar a sua investigação e não seria distinguido pelo seu trabalho. Como já vimos, assistimos a um aumento considerável de iniciativas na área das humanidades digitais a nível internacional, e, por conseguinte, é cada vez mais necessário um aumento de contribuidores de fontes primárias e de recursos materiais.

As bibliotecas e arquivos são instituições por natureza de recolha e preservação de dados e de memória do Homem do passado. Constituindo-se como o principal *locus* da memória cultural, bem como o símbolo do acesso ao conhecimento, as bibliotecas e arquivos são uma pedra basilar para o estudo das ciências sociais e humanas. Assim sendo, estas instituições devem assegurar o seu papel na criação, preservação e divulgação das coleções especiais e trabalhar com alunos, professores e investigadores para demonstrarem o seu valor para a excelência da investigação académica. Os bibliotecários e arquivistas têm uma oportunidade de se envolverem nos fluxos de trabalho da investigação nas humanidades digitais. A criação de conteúdos digitais, acessíveis, altera o paradigma tanto para os investigadores como para aqueles que detêm as coleções especiais. Se por um lado é necessário continuar a adquirir boas coleções e garantir a sua preservação, por outro, é necessário encontrar novas maneiras de fornecer acesso a todas essas coleções. O que antes era acessível apenas a um grupo restrito de investigadores, agora é acessível a todos (Green & Courtney, 2015; McGann, 2005).

### 1.3 As necessidades do investigador

Uma vez que se pode deduzir que um dos principais objetivos de fornecimento do acesso na Web a fontes primárias é facilitar a investigação, foram desenvolvidos estudos para aferir a satisfação e necessidades dos investigadores no acesso e na utilização das fontes primárias disponíveis em formato digital.

Um dos aspetos mais evidenciados pelos estudos, apontado pelos investigadores das humanidades, recai na deficiente criação e partilha de metadados robustos (bem construídos) e estruturados dos materiais de fontes primárias.

Com o propósito de compreender se as interfaces disponíveis na Web que disponibilizam o acesso a materiais de fonte primária satisfazem plenamente as necessidades de investigação, DeRidder e Matheny, (2014) realizaram um estudo junto do corpo docente na área das humanidades da Universidade de Alabama (EUA) por serem considerados investigadores experientes. Neste estudo, foi solicitado ao grupo que seleccionasse interfaces na Web a que recorrem com regularidade para aceder a materiais originais e fizessem um registo das mesmas de acordo com a sua perceção quanto ao acesso, à pesquisa, à navegação, resultados, acesso ao item, transferência de informações, software adicional usado, descoberta acidental, capacidade de retornar aos resultados, serviços de interface e outros.

O aspeto mais evidenciado pelos investigadores foi sobre os campos de metadados essenciais para a extração de conteúdo, extração de texto, acesso e navegação em ficheiros em formato PDF e de imagem. Foi manifestada a necessidade de ver metadados ao lado do item na exibição do mesmo ou na mesma página da imagem. E consideram os metadados relativos à localização do repositório, descrição e criador, seguido por data, editor, título e assunto, como sendo essenciais aquando da visualização dos recursos.

Os autores do estudo sublinham que os métodos de digitalização de materiais de fonte primária privilegiam, em demasia, a captação de imagem do texto, o que exige que o conteúdo seja guardado como imagem, impossibilitando a manipulação do mesmo. Isto limita a necessidade de copiar e colar ou extrair texto, em segmentos ou completos. E solicitam processos facilitadores ou instruções claras para a seleção dos conteúdos aquando da visualização na página web. Neste sentido, os investigadores preferem o formato PDF para o acesso ao texto pois é um formato que apresenta relativa facilidade de navegabilidade entre as partes do documento e o espaço de armazenamento é relativamente reduzido. No entanto, apelam à possibilidade de utilização de um programa de reconhecimento ótico de caracteres - OCR, marcadores de texto e/ou inclusão de coordenadas geoespaciais, disponibilizando a informação em dados pesquisáveis e editáveis, evitando longas horas de análise do conteúdo. No que diz respeito às imagens, o estudo apurou que investigadores requerem imagens de melhor qualidade, incluindo mapas, e um acesso mais eficiente que permita gravar partes das imagens de forma autónoma da coleção e do PDF.

O estudo indica que os investigadores necessitam de metadados para a extração de conteúdo sendo necessário dados relativos à publicação, aos autores, ao título e à localização física da fonte de origem, assim como da identificação e localização do repositório onde o conteúdo se encontra alojado. Também existe a necessidade de metadados para limitar e refinar as pesquisas e navegação pelos conteúdos, exigindo a data de criação, a identificação do criador do objeto digital, tipo de conteúdo, palavra-chave no contexto, data, descrição, título, formato e ligações para as citações existentes.

Por outro lado, investigadores como Schaffner e Erway, (2014, p. 7) apuram no seu estudo que os investigadores anseiam que as suas pesquisas e projetos nas áreas das humanidades digitais estejam acessíveis à comunidade académica e, sobretudo, estejam visíveis para contribuir para futuras investigações. Para tal, é essencial que as questões da preservação digital e da sustentabilidade dos projetos, isto é, assegurar o acesso aos conteúdos e à produção científica a longo prazo, sem colocar em causa a qualidade dos mesmos e os próprios recursos utilizados para aceder os mesmos, sejam primordiais nas humanidades digitais. Neste sentido, Schaffner e Erway (2014, p. 7) consideram que as “digital humanities will benefit substantially from coordination within and across libraries and research institutions.” Apesar disso, investigadores apontam como ponto negativo o tempo necessário para trabalhar meticolosamente e percorrer grandes volumes de materiais bibliográficos e digitais. Para os humanistas digitais, é complexo recolher e preparar o *corpus* desejado de materiais e necessitam um único ponto de acesso para a descoberta através de um *corpus* abrangente (Schaffner & Erway, 2014).

Um dos aspetos que os humanistas digitais dão mais importância são os metadados. Criar, partilhar e reutilizar ocupam uma parte substancial do discurso das humanidades digitais. “DH requires intensive use of library and archival metadata and relies on its quality and comprehensiveness”(Schaffner & Erway, 2014, p. 11).

A metodologia bem fundamentada e uma análise cuidada são os pilares da investigação académica e os investigadores dependem, necessitam e reclamam por catálogos e registos mais completos do ponto de vista dos metadados descritivos e de metadados de acesso a conteúdos relacionados ao providenciar “ links to digital images collected in the course of their research”(Schaffner & Erway, 2014, p. 11).

Os humanistas digitais reconhecem a importância da existência de bases de dados de autoridade e destacam-nas como uma valiosa fonte de informação de variantes e de desambiguação de nomes para a investigação das humanidades. Reclamam, porém, da falta de adequação e desajustamento face às suas necessidades, dos ficheiros de autoridade existentes, visto que, regra geral, incluem apenas nomes de autores de monografias sem a articulação necessária com o contexto e relacionamentos temáticos que são um ponto crucial para as humanidades digitais. E, vão mais longe ao afirmar que “DH academics would like to supplement, correct, and add name authorities, and they imagine that librarians and archivists would be happy to have them do so” (Schaffner & Erway, 2014, p. 12).

Para os autores, os bibliotecários estão posicionados para estimular esse tipo de investimento colaborativo entre instituições e, assim, construir pontes sobre as lacunas existentes nas infraestruturas e agregadores de metadados. Avançam por isso com a proposta de promover um trabalho colaborativo entre os investigadores em humanidades e bibliotecários responsáveis pela construção de ficheiros de autoridade para canalizar esforços na construção de novas entradas e relacionamentos contextuais relevantes para as humanidades digitais.

O estudo de Green e Courtney, (2015, p. 695) vem reforçar as necessidades apontadas por outros (DeRidder & Matheny, 2014; Schaffner & Erway, 2014) analisando o modo como os humanistas recorrem às coleções digitais nas suas pesquisas e de como estas potenciam a investigação académica. Apontam, ainda, o conteúdo das coleções digitais como o fator crítico, na medida em que, verifica-se uma grande preferência por parte dos investigadores pelos textos, em primeiro lugar, e pela imagem, em segundo lugar. Apesar da opção pelo formato imagem ser uma reprodução fac-similada eletrónica do documento original, permitindo analisar a tipografia, o texto e as ilustrações, tem dois aspetos negativos para o investigador: em primeiro lugar, exclui a pesquisa no interior do texto e gera grandes quantidades de arquivos que ocupam muito espaço nos suportes de armazenamento, e, em segundo lugar, verifica-se que, quando

solicitados a identificar as funcionalidades mais úteis para coleções digitais, os metadados são o foco principal não descurando da qualidade do conteúdo e a exportabilidade. Além disso, os investigadores reclamam por objetos digitais mais flexíveis para a reutilização, pois “the easier objects are to repurpose, remix, and reuse the better” (Green & Courtney, 2015, p. 699), e apontam como grande lacuna o facto de grande parte do material não permitir pesquisa no texto. Do ponto de vista da interoperabilidade, é necessário assegurar que as coleções digitais contêm conteúdo interoperável ou que esteja disponível através de uma funcionalidade que facilite a análise comparativa entre objetos digitais, uma vez que as práticas de pesquisa dos investigadores das humanidades incluem, de forma recorrente, o recurso a múltiplas fontes e de coleções para criar um *corpus* personalizado que permita explorar as questões específicas do objeto de estudo. Importa salientar que os estudos supracitados demonstram que a perceção dos investigadores é de âmbito universal e as críticas apontadas são transversais aos estudos de Green & Courtney, (2015) DeRidder & Matheny, (2014) e Schaffner & Erway (2014).

Os investigadores em humanidades requerem acesso facilitado a material credível e de qualidade, em repositórios que descrevam o material original autenticado por especialistas da área. Para isso, focam a necessidade de certificar de que as ligações dos metadados levam diretamente aos itens originais e não a páginas que descrevam o material em idiomas que os investigadores podem não dominar. É também focada a necessidade de investir em estruturas como *Linked Open Data*<sup>18</sup> para, no futuro, os dados científicos se manterem acessíveis e utilizáveis.

À medida que as iniciativas e projetos em humanidades digitais proliferam exponencialmente, a exigência é maior quer para os projetos, quer para os contribuidores de conteúdos de modo a permitir uma colaboração eficaz e efetiva com a comunidade académica. É uma questão que remete para a qualidade dos projetos com a etiqueta das humanidades digitais levantada por Warwick, (2011) e Green e Courtney, (2015) de que nem todos os projetos são viáveis e estarão, erradamente, elencados nas humanidades digitais. Um projeto de humanidades digitais não se resume a colocar uma coleção de documentos na Web, mas é uma prática comum, entre as instituições detentoras de património cultural, disponibilizar as suas coleções na Web sob a etiqueta das humanidades digitais.

Unsworth (2002) levanta várias críticas para projetos concebidos sob o rótulo das humanidades digitais porque alguns deles são projetos muito embrionários: ao desconstruir uma das funcionalidades que um projeto deve ter, a interatividade, se uma plataforma não oferece alguma forma de interatividade com o utilizador, então significa que não se trata, efetivamente de um projeto das humanidades digitais. Já na perspetiva da pesquisa, uma das facetas a considerar na conceção dos referidos projetos, se uma plataforma do projeto das humanidades digitais apresentar uma única forma de pesquisa, então significa que o mentor da plataforma não tem em conta o comportamento e as necessidades de um investigador. Porém, se oferecer uma forma de pesquisa estruturada ou se adicionalmente permitir uma navegação multifacetada ou escolha de parâmetros e filtros de pesquisa, já se pode considerar um projeto mais sólido, dotado de uma infraestrutura organizacional pensada nas necessidades dos investigadores.

Um dos aspetos essenciais destacados por Warwick (2011) para a conceção de projetos desta natureza é a necessidade de compreender os humanistas digitais e a dos utilizadores de recursos de património cultural, para identificar e conceber as ferramentas e recursos digitais para garantir a sustentabilidade e usabilidade das iniciativas.

---

<sup>18</sup> *Linked Open Data*, conceito introduzido Tim Berners-Lee que consiste num conjunto de práticas de publicação e estruturação de dados na Web. Acesso aos princípios e métodos em: <https://www.w3.org/wiki/SweoIG/TaskForces/CommunityProjects/LinkingOpenData>

Para dar resposta às questões levantadas pelos investigadores em ciências sociais e humanas, o *Empirical Humanities Metadata WG*<sup>19</sup>(EHM) pretende desenvolver uma declaração de boas práticas de forma a tornar os dados etnográficos e históricos partilháveis e visíveis. Atualmente encontra-se no processo de elaboração de um documento orientador que pretende implementar as medidas necessárias (i.e., padrões, protocolos, políticas e expectativas culturais) para os estudos decorrentes das humanidades em que os investigadores coletam dados primários de diferentes tipos que podem ser usados para análise cultural. Do ponto de vista da conceção de um projeto na área das humanidades digitais é essencial partir da premissa de que a utilização das tecnologias vai para além do uso comum, são ferramentas para a manipulação de dados científicos, um meio para a organização intelectual e para a criação de conhecimento.

O bibliotecário Corsini, (2016) exemplificou através do projeto Scriptorium, desenvolvido na Suíça pela Biblioteca Estatal e Universitária do Cantão de Vaud com o principal objetivo de providenciar acesso aos jornais de maior relevância para a comunidade, os requisitos a ter em conta na conceção de uma plataforma de divulgação do património cultural no âmbito de um projeto para a investigação nas humanidades digitais. Corsini (2016) considera que, do ponto de vista do utilizador, uma plataforma desta natureza requer: (i) uma apresentação simples e clara das coleções disponíveis, com uma boa interatividade com o utilizador por via de uma organização fácil, atrativa e intuitiva do conteúdo dos assuntos; (ii) visualização fácil e atrativa do conteúdo de uma página ou parte de uma página (*zooming*); (iii) pesquisa facilitada de texto no todo ou em parte do conteúdo (indexação); (iv) a possibilidade de criar uma ligação para uma coleção específica, assunto, página ou parte de uma página; (v) partilha facilitada de conteúdos nas redes sociais; (vi) possibilidade de descarregar o documento ou parte do documento; e (vii) acesso aberto ao público em geral. Como é possível verificar, são os requisitos apontados pelos investigadores quando acedem às coleções nos projetos das humanidades digitais, como anteriormente demonstrado. Silvio Corsini destaca, ainda, a importância dos metadados e da possibilidade da sua importação, assim como a necessidade de criar um projeto sustentável a longo prazo através de adoção de um sistema adaptável ao crescimento do projeto e à própria volubilidade dos sistemas tecnológicos que suportam os projetos.

Corsini (2016) destaca o fator social e dinâmico do projeto suíço que permite ao utilizador o acesso gratuito ao texto integral disponível na plataforma, sendo possível descarregar gratuitamente ou partilhar nas redes sociais as páginas digitalizadas, partes de páginas ou edição completa. Permite definir marcadores, fazer anotações específicas nos documentos e personalizar a plataforma com configurações relevantes para o utilizador que tem à sua disposição várias funcionalidades de pesquisa.

Para Johnson (2015) um projeto que pretenda disponibilizar o património cultural que envolva investigação, digitalização, manipulação de imagens, criação de metadados e implementação de sistemas de gestão de conteúdos deve ser único e personalizado de acordo com as necessidades da organização e a visão da organização para a coleção digital: “Thus, the creation of each digital collection follows a unique path” (Johnson, 2015). Ainda de acordo com Johnson (2015), os académicos das humanidades consideram que as instituições de salvaguarda do património cultural não valorizam o suficiente a utilização do património cultural digital para a investigação e quando a informação cultural é disponibilizada em formato digital, os investigadores encontram barreiras à sua utilização: direitos de propriedade intelectual;

---

<sup>19</sup> Grupo de trabalho da Research Data Alliance (RDA). Disponível em <https://www.rda-alliance.org/group/empirical-humanities-metadata-working-group/case-statement/empirical-humanities-metadata>

problemas na implementação de padrões de digitalização internacionalmente aceites e recomendados que apoiem a interoperabilidade e o livre acesso; falta de infraestruturas electrónicas sustentáveis e competências específicas no domínio do património cultural para garantir a acessibilidade a longo prazo do património cultural digital. Johnson considera que as infraestruturas digitais para a investigação e cultura são fragmentadas e as plataformas e acessos não são alimentados de forma sistemática (manutenção) e não servem de forma metódica a comunidade académica internacional e local.

Pelas críticas apontadas pelos académicos e investigadores no acesso aos conteúdos digitais ao longo deste capítulo concluímos, como defendem Schaffner e Erway (2014), que existe uma necessidade de envolver e integrar as bibliotecas e arquivos em projetos de investigação em humanidades de forma a que os bibliotecários sejam parceiros ativos e efetivos nas humanidades digitais. Assim, considerando que as instituições que têm a custódia das fontes primárias são os fornecedores de conteúdos para os investigadores, é imprescindível o fomento do diálogo contínuo entre os académicos das humanidades e os “custodiadores” sobre as necessidades e métodos de pesquisa.

Para McGann (2011) os esforços de digitalização têm sido fragmentados em todas as bibliotecas e em toda a área do património cultural, o que conduz ao desperdício de recursos e à duplicação de esforços, bem como ao estado caótico das plataformas de acesso ao património cultural. Apesar da evolução no acesso a conteúdos digitalizados para a sua utilização na pesquisa das ciências humanas e sociais, há um consenso entre os humanistas digitais na aposta de um acesso mais eficiente às fontes de matéria prima.

#### 1.4 Um projeto nas humanidades digitais e seus intervenientes

Os autores referidos nas partes anteriores evidenciam, com a importância que atribuem à relação entre tecnologia digital e a investigação académica, que as infraestruturas tecnológicas são uma realidade para o desenvolvimento do trabalho dos humanistas. Porém, a pretensão ao domínio das tecnologias e à criação de plataformas Web que materializam os projetos das humanidades digitais conduzem a fragilidades já identificadas. Factores como o da sustentabilidade dos projetos com vista à permanência e operacionalização dos sistemas a longo prazo; da inovação e originalidade das escolhas de investigação para elevar a pertinência dos gastos financeiros e recursos materiais e humanos; da interoperabilidade do sistema de forma a garantir a comunicação transparente com outros sistemas, o que implica trabalhar com sistemas de padrões de livre acesso e a implementação de ontologias, tudo isto não deve ser descurado pelos intervenientes nos projectos das humanidades digitais.

Embora, como refere Fitzpatrick (2012), haja iniciativas que visam ajudar os projetos das humanidades digitais a se tornarem interoperáveis e facilitar a revisão por pares desses projectos, a implementação de centros de tecnologia acima descrita é, sem dúvida, o factor-chave neste processo.

Rodríguez-Yunta (2014) recorda, a título de exemplo, o centro de humanidades digitais francês *Huma-Num* que, para além de se afirmar como um espaço de partilha e de esforço colaborativo, também se assume como um centro de trabalho de elaboração de guias de boas práticas sobre o uso das tecnologias nas humanidades, nomeadamente, edição digital, interoperabilidade de dados, preservação e migração de dados e sistemas.

Em 2006, a Associação *American Council of Learned Societies* (ACLS) defendeu como prioridade estratégica o investimento em infraestruturas cibernéticas para as humanidades e ciências sociais como centros de suporte técnico para a disponibilização de especialistas e

investigadores acadêmicos e para a criação de parcerias com grupos e outros centros de pesquisa na implementação de projetos.

A literatura consultada permite elencar três grandes eixos de atuação dos centros de humanidades digitais: formação, apoio técnico e manutenção. No que diz respeito à formação, os centros dispõem de uma carteira de investigadores altamente especializada e adequada para conceber formação dirigida a estudantes e investigadores para a utilização de ferramentas tecnológicas, para a elaboração de guias de boas práticas e orientação sobre projetos. Quanto ao apoio técnico para projetos das humanidades digitais, os especialistas dos centros estão capacitados para a escolha do software mais adequado para o alojamento e criação de portais, repositórios de coleções digitais, pois a experiência em projetos anteriores confere um elevado grau de conhecimento que permite definir, no início de um projeto, uma lista de erros a evitar. Do ponto de vista da sustentabilidade, é providenciado o cumprimento de normas de preservação a longo prazo. Na perspectiva da viabilidade contribuem para o desenvolvimento técnico de projetos através da delimitação de requisitos técnicos de segurança e de gestão. O último eixo central, a manutenção, permite garantir uma maior visibilidade e acessibilidade aos projetos com a realização de aplicações de medida para utilizadores específicos inseridos em determinados projetos de investigação e através de plataformas de notícias e blogues, sistemas de navegação e pesquisa e modelos de edição digital.

É a partir das estruturas tecnológicas e da construção, da percepção e do conhecimento nas humanidades digitais, que se encontram os intervenientes nos projetos desenvolvidos: os humanistas digitais.

Rodríguez-Yunta (2014) recorda Van-Zundert (2012) e defende que o rótulo de “humanista digital” não deve aplicar-se a um mero utilizador de tecnologia, deve também implicar a capacidade de inovação. Para este autor, exige-se um novo perfil profissional e apresenta um perfil de humanista digital associado a um agente de criação de conhecimentos, que domina o campo tecnológico e exerce alguma liderança nas relações entre a sociedade e a tecnologia, num contexto de filosofia de mudança e de ênfase no factor humano.

Em suma, as humanidades digitais desenvolvem-se num ambiente tecnológico inovador e humanista. Não se deve colocar ênfase na vertente tecnológica e descurar que as humanidades digitais se caracterizam pelo enfoque humanístico como a reflexão sobre as interações humanas e a capacidade de transformação social e cultural. A tecnologia surge como um ponto de partida e não como uma finalidade. As humanidades digitais supõem também uma resposta ao surgimento de novos públicos. A mudança implica uma nova relação entre o criador e o público, tanto para o escritor ou o artista, como para o investigador. O conhecimento quer-se colaborativo (Rodríguez-Yunta, 2014).

Também para Spiro (2012), as humanidades digitais vão além dos objetivos da investigação académica tradicional das humanidades, pois permitem fornecer um amplo acesso à informação cultural, permitem a manipulação de dados, transformam a comunicação académica, aperfeiçoam o sistema de ensino e aprendizagem e, no sentido mais amplo, criam um impacto a curto prazo no público.

Estes aspetos convergem com os objetivos de uma biblioteca, pois a preocupação com o acesso e o impacto no público estão entre os valores mais importantes. Essa convergência de valores justifica o envolvimento e o apelo a um maior envolvimento de bibliotecas em projetos de humanidades digitais.

Assim, caminhamos para a verificação de que o envolvimento das humanidades digitais são uma oportunidade de fornecer infraestruturas para a pesquisa em informação e documentação em bibliotecas académicas. Porém, as bibliotecas públicas, as bibliotecas das comunidades também têm uma palavra a dizer?



Primeiro temos de ver as humanidades digitais como uma grande oportunidade para se agir coletivamente. A oportunidade também é de particular interesse para os departamentos de biblioteca e ciência da informação, a fim de reivindicar um maior papel na organização e disseminação da informação e documentação (uma área pura da Ciência da Informação) entre as ciências sociais e humanas, difusão social e de inovação e pesquisa (Rodríguez-Yunta, 2014). A este propósito, Rodríguez-Yunta (2014) aponta a confluência entre as humanidades digitais e a ciência da informação na forma de incentivo às equipas interdisciplinares de colaboração envolvendo os profissionais das instituições de memória, (i.e bibliotecários e arquivistas) para uma otimização dos seus conhecimentos, técnica e grau de especialização na curadoria e preservação de conteúdos e preservação, assim como para a construção de mecanismos mais eficientes no estudo e métodos de pesquisa, processamento e visualização de dados. Precisamente, neste ponto, em que parece haver uma convergência de objetivos e de necessidades entre o bibliotecário e o humanista digital, Vandegrift e Varner (2013, p.7) propõem, referindo-se às bibliotecas académicas, que “the library must be an indispensable partner in projects for the application of technologies to research, teaching and social diffusion in the social and human sciences”.

É evidente que a inovação e tecnologia são conceitos diretamente relacionados com o desenvolvimento da investigação, porém a capacidade de inovação exige uma alocação especial de recursos humanos e institucionais. A criação de centros de apoio tecnológico às humanidades digitais é uma grande oportunidade para a investigação académica, bibliotecas, arquivos, museus e centros de documentação. Em todos os casos, é essencial para reforçar a sua capacidade de inovação tecnológica e garantir o crescimento sustentável de seus meios tecnológicos. No entanto, a própria infraestrutura de apoio tecnológico não é *per se* uma garantia de desenvolvimento, uma vez que a reciprocidade na relação entre os intervenientes constitui um dos aspetos mais importantes de um projeto nas humanidades digitais.

Em consonância com esta ideia, Rodríguez-Yunta (2014) defende que esta colaboração não se deve limitar ao papel tradicional das bibliotecas como instituições custodiadoras, mas deve apontar para uma colaboração holística: desde a concepção, implementação e comunicação de resultados dos projetos de investigação nas humanidades digitais. A otimização de gestão de recursos de informação evita a concorrência desnecessária e duplicação de esforços, ao mesmo tempo que promove a participação ativa das bibliotecas em projectos de investigação nas humanidades digitais. E aponta os dados relativos ao património como uma grande área de confluência entre as humanidades digitais e as bibliotecas. Para Rodríguez-Yunta (2014), as tecnologias digitais de gestão, análise e visualização de dados são uma grande oportunidade para as instituições de património cultural desempenharem um papel de liderança. A investigação na área da representação do conhecimento, na gestão e apresentação da informação são áreas em que a museologia, arquivo, biblioteca e documentação mantêm uma forte tradição. Neste contexto, o autor defende uma abordagem mais pró-ativa por parte das bibliotecas para reivindicar o seu papel na organização e criação de conteúdos culturais em formato digital.

Fica demonstrado que os autores supracitados defendem o poder da colaboração criativa e do trabalho em rede e acreditam na parceria entre instituições culturais e instituições de investigação e de desenvolvimento de tecnologia. Trabalhar em objetivos comuns resulta em benefícios mútuos, e assim promovem a inovação, novas formas de trabalho e criam um impacto diferenciador na investigação.

A este propósito, a Comissão Europeia, sob o lema “transformamos o mundo com a cultura”, desenvolve e financia o projeto *Europeana*, que pretende criar uma infraestrutura que liga a cultura da Europa digitalmente. A este projeto subjaz a visão de intercâmbio de ideias e

informações através do acesso aberto ao património cultural da Europa. Assim, este projeto incentiva os Estados-Membros a digitalizar o património cultural, a reforçar a preservação digital e providenciar o acesso gratuito a uma grande variedade de conteúdos digitais<sup>20</sup>. A *Europeana* é uma rede do sector do património cultural na Europa que representa as suas organizações culturais que, durante centenas de anos, salvaguardaram o património através da organização, a estruturação e a disponibilização. Constituiu-se, assim, como um serviço totalmente operacional que conjuga esforços de colaboração com empresários de tecnologia, ativistas e defensores de dados abertos, programadores e criadores de ferramentas digitais e investigadores, com um objetivo comum: qualquer cidadão deve ter acesso ao património cultural.

Os responsáveis do projeto *Europeana* reconhecem que o património digital desempenha um papel crucial no desenvolvimento de uma compreensão mais profunda dos indivíduos e da sociedade e pode ajudar a alimentar o crescimento de uma economia criativa. Porém, para assegurar que efetivamente o património digitalizado desempenha esse papel crucial na compreensão e evolução das nossas sociedades, é essencial assegurar que este se encontre disponível sob condições de licenciamento apropriadas e com recurso a metadados interoperáveis e padronizados: depositar, trocar e partilhar metadados e conteúdos para uma boa recuperação e uso da informação para uma grande variedade de utilizadores.

A *Europeana*<sup>21</sup> está posicionada para ser uma plataforma para o património cultural, uma inovação cultural que reúne pessoas e empresas que querem ver, usar e reutilizar o património. Conscientes da necessidade de providenciar acesso aberto aos conteúdos digitais, e de que a tecnologia permite ir além de um simples acesso no portal da *Europeana*, para ir ao encontro das expectativas dos utilizadores, é reconhecida a necessidade de uma plataforma que não seja apenas para aceder aos conteúdos, como também convida a construir, jogar e criar. Como demonstrado ao longo do presente estudo, os utilizadores e investigadores querem reutilizar o material, interagir com os outros e participar na criação de algo novo. Como tal, a *Europeana* aposta na construção de um conjunto maior de material de alta qualidade e de uma infraestrutura partilhada que permita a reutilização e crie valor para todos os interessados. Para tal, estão definidas três prioridades:

- 1ª - Qualidade dos dados através da inovação e transformação do processo de agregação, afastando-se da entrega linear de dados para um repositório central para uma arquitetura distributiva e tecnológica que permita o livre acesso aos objetos digitais, de acordo com as condições aplicadas pelos detentores dos direitos;
- 2ª - Dados abertos – a *Europeana* empenha-se em tornar os dados dos parceiros e contribuidores acessíveis para que possam ser vistos e reutilizados dentro dos limites dos

---

<sup>20</sup> No portal da *Europeana* encontram-se diversos recursos (livros, revistas, filmes, mapas, fotos, música, etc) disponíveis para consulta e uso, com os devidos direitos de autor assegurados. «*Europeana Strategy 2020: 'We transform the world with culture'*»

<sup>21</sup> A *Europeana* promove valores como a autenticidade e a clareza através interações como a (re)utilização, a confiança e a reciprocidade. Na reutilização, assegura que o património cultural seja utilizável e facilmente acessível para a construção e partilha. Tem consertado esforços junto dos seus parceiros para recolher, criar e implementar informações estruturadas (metadados) sobre os objetos digitais das diversas coleções. Desenvolvem modelos de padrões de dados para tornar essa informação interoperável na Web usando o Modelo de Dados *Europeana* e e na ótica de transparência e partilha de dados, foi aprovado um acordo de Intercâmbio de Dados (DEA), que autoriza a *Europeana* a divulgar os metadados das coleções disponíveis em domínio público através da licença Creative Commons - CC0 de domínio público. Os novos fornecedores de conteúdos que enviem metadados para a *Europeana* comprometem-se com o princípio deste acordo. Disponibilizam todos estes dados através de um único interface, Disponível em: [www.europeana.eu](http://www.europeana.eu).

direitos de autor associados e, igualmente, disponibilizar livremente todo o material digitalizado de Domínio Público para reutilização sem quaisquer restrições;

3ª - Criação de valor para os intervenientes e contribuidores, de forma que as instituições de memória obtenham a visibilidade, reduções de custo e o retorno por se encontrarem ligadas a uma infraestrutura partilhada como é o caso da europeana.eu.

“We want to use social media so that our heritage becomes part of popular discourse, integral to the school curricula, to the digital humanities research, in fact relevant to everyone’s lives.” («Europeana Strategy 2020: ‘We transform the world with culture’»)

Para o Presidente da Biblioteca Nacional e da Fundação *Europeana* (2011-2015), Bruce Racine (2014, p. 5) defende que se considerarmos as humanidades digitais como alavancas à produção, à disponibilização, à mediação e aos usos dos recursos digitais, toda a cadeia do património cultural torna-se virtual. Nesta cadeia de produção de conhecimento os bibliotecários aparecem como atores essenciais. Aponta, igualmente, os contributos das instituições de memória como elementos cruciais e decisivos para a preservação da herança cultural em formato digital para o futuro e ao alcance de todos, i.e., investigadores, estudantes, académicos, professores, amadores e o cidadão comum.

Racine (2014) realça que as parcerias estabelecidas com os responsáveis pela formulação de políticas culturais e de investigação e com as instituições do património cultural, com vista à adequação dos conteúdos e serviços às necessidades das comunidades de investigação, posicionam a plataforma *Europeana* como um importante recurso para o desenvolvimento de investigação e cultura nas humanidades digitais. O conjunto de recomendações dirigidas às instituições de património cultural para incentivar a explorar, em colaboração com os decisores políticos e de cultura, os benefícios da digitalização e do livre acesso digital dos bens culturais, proporciona a colaboração com as partes interessadas locais para realçar a presença da cultura regional no registo cultural digital a nível europeu, incentivos à digitalização dos seus conteúdos culturais locais em conformidade com as normas internacionalmente aceites em matéria de interoperabilidade, de abertura e de acordo com as prioridades nacionais, aproveitando assim os investimentos existentes para os benefícios da investigação para fins de património cultural.

Para o futuro e o crescente campo da investigação sobre as humanidades digitais a partir do património cultural, Aubéry Escande, responsável pela monitorização e comunicação da plataforma da *Europeana Pro*<sup>22</sup>, propõe o desbloqueamento de dois grandes obstáculos no acesso ao património cultural, tanto para investigadores como para a sociedade:

1º- Aumento do financiamento público para a digitalização, no sentido em que os decisores políticos têm de disponibilizar mais fundos para a digitalização e o acesso aberto a esses conteúdos deve ser uma exigência, assim como o uso de padrões normalizados em formatos e metadados para oferecer acessibilidade a longo prazo;

2º- A necessidade de reformular os direitos de autor de forma a permitir que as instituições do património cultural digitalizem o património sem os custos associados aos direitos de autor ou receio de qualquer litígio. Igualmente, as instituições culturais devem comprometer-se a identificar os seus conteúdos digitais com declarações de direitos de autor claras e garantir o acesso permanente (Escande, 2016).

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://pro.europeana.eu/>

Para a concretização e execução destes objetivos, as instituições detentoras de património cultural europeu, (i.e museus, arquivos, arquivos audiovisuais e bibliotecas) são as parceiras naturais para o fornecimento de conteúdos digitais por via dos agregadores nacionais.

Em Portugal, o *Registo Nacional de Objetos Digitais* (RNOD) da responsabilidade da Biblioteca Nacional criado em 2011, é o canal português para a *Europeana*. O RNOD reúne, numa plataforma, o acesso a registos bibliográficos de objetos nado-digitais ou digitalizados fornecidos por instituições portuguesas. Configurando-se como um ponto central de acesso e partilha, trata-se de uma ferramenta de colaboração e de pesquisa, aberta à participação de qualquer tipo de organização e disponibiliza a informação relevante sobre o processo de digitalizações levados a cabo pelas instituições portuguesas. Assim, ao mesmo tempo que o RNOD confere maior visibilidade aos objetos digitais ao público, ao dar relevância aos próprios objetos e uma perceção clara das iniciativas ativas, permite uma rentabilização dos custos de digitalização das instituições e do armazenamento da informação na medida em que a visibilidade e a maior exposição dos conteúdos digitais evita a duplicação de projetos (RNOD - Registo Nacional de Objectos Digitais).

A normalização é assegurada pelo preenchimento de requisitos essenciais à identificação do objeto, tais como os metadados descritivos do objeto digital e os metadados de acesso que permitem aceder aos mesmos em linha. É da responsabilidade de entidade contribuidora o fornecimento destes metadados, assim como, da manutenção, atualização e garantia do acesso, ou seja, assegurar o funcionamento do URL do objeto.

Entre as 35 entidades contribuidoras do RNOD, encontram-se 7 bibliotecas públicas portuguesas associadas a este projeto, a saber: Biblioteca Municipal de Alpiarça, Biblioteca Municipal de Montalegre, Biblioteca Municipal Ferreira de Castro (Oliveira de Azeméis), Biblioteca Municipal José Régio (Vila do Conde), Biblioteca Municipal Simões de Almeida (Figueiró dos Vinhos, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Rede de Bibliotecas Municipais da Câmara Municipal de Cascais.

## 2 BIBLIOTECA PÚBLICA

### 2.1 Missão

Conforme descrito no *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas* (1994) as políticas de gestão das coleções da biblioteca pública devem contemplar o desenvolvimento e a promoção do conhecimento sobre a herança cultural: “as coleções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação”. É missão da biblioteca pública assegurar a preservação e transmissão do conhecimento, da história e da cultura da humanidade, e proporcionar à sua comunidade o acesso livre e aberto à informação para a educação, formação e lazer, contribuindo para o desenvolvimento e promoção quer a nível individual (cidadão) quer a nível coletivo (comunidade).

É evidente no *Manifesto* da UNESCO o campo de atuação direta da biblioteca pública no que concerne ao seu carácter local salientado na própria definição que se apresenta: a biblioteca pública é a “porta de acesso local do conhecimento” e é o “centro local de informação”.

Trata-se de uma instituição com uma forte componente pela memória local e influenciada, profundamente, pela raiz cultural da comunidade. Exige-se um posicionamento “bairrista” de uma instituição que, por natureza, trabalha com veículos documentais de informação, tendo como funções intrínsecas a recolha, a organização e a disponibilização da informação de uma forma geral, porém, tem um papel diferenciador das restantes bibliotecas (especializadas, universitárias e escolares), por exemplo: o seu entrosamento numa comunidade formada por indivíduos de todas as faixas etárias, de varias condições económicas, sociais e de educação, cujo elemento unificador é a sua herança cultural, social e histórica. Tudo isto são elementos que conferem a uma comunidade o valor da identidade e da singularidade.

Neste sentido, deve agir localmente com, e para, a população. Como tal, tem um papel importante na salvaguarda do património cultural material e imaterial da comunidade em que está inserida através da recolha, organização e divulgação da história local nas diversas áreas do conhecimento, assim como, na promoção da produção de conhecimentos sobre a mesma. “proporcionar el acceso a las creaciones del genio humano... bien así a los products de la memoria e de la identidade locales” (M.B. Nunes, 2003, p. 28).

Nas 12 missões-chave que o manifesto consagra para as bibliotecas públicas, no que diz respeito à responsabilidade na recolha de informação local, na sua disponibilização e ao papel na preservação da memória da humanidade, destacamos a promoção do “conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas”, o fomento do “diálogo inter-cultural e a diversidade cultural” e o apoio à “tradição oral”, e, indiretamente, ainda destacamos a missão “apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis”.

Vemos estas missões-chave reforçadas em 2010, na publicação das novas diretivas da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) para as bibliotecas públicas que funcionam também como guardiãs da “memória do passado, ao recolher, conservar e facultar o acesso a materiais relacionados com a história da comunidade e dos indivíduos” (2013, p.19). Neste documento é explícito o papel preponderante das bibliotecas públicas no acesso à informação, nas ações de formação, em programas de promoção da leitura, desenvolvimento pessoal e serviços destinados às crianças e aos jovens, aumentando assim o valor dos serviços a grupos de cidadãos, levando em consideração a realidade do seu ambiente e situação específicos.

No domínio da educação estabelece como prioridade a missão-chave “apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis”. Igualmente é possível verificar nas diretrizes o reforço do papel preponderante da biblioteca

pública no fomento da aprendizagem formal e informal de todos os cidadãos da comunidade, por via da criação de serviços de educação, de uma política de gestão de coleções em consonância com as necessidades e com a realidade local, concertada e adaptada às formas de comunicação e de acesso ao conhecimento e à informação. Na persecução de proporcionar o acesso à educação e à cultura local, as diretrizes recomendam a definição de estratégias para a criação de coleções especiais dos recursos da história local que “devem ser ativamente recolhidos, preservados e disponibilizados os materiais relativos à história da comunidade local” e para o desenvolvimento de programas intensos de “promoção da cultura local em toda a sua diversidade”. Quanto à criação das coleções especiais, as diretrizes são claras na identificação das categorias a ter em conta para a preservação da memória local, designadamente, jornais locais, recursos de história local e os recursos genealógicos (*Diretrizes da IFLA sobre os serviços da Biblioteca Pública*, 2013, p. 58).

As bibliotecas públicas têm sido frequentemente designadas de “sala de estar” da comunidade por fornecer o ambiente ideal, isento de pressões políticas e económicas, e privilegiado para o encontro das forças vivas da comunidade. Paralelamente, a biblioteca também serve como “sótão” da comunidade para a memória comum. Cabe à biblioteca, conforme veiculado pelo *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas* (adiante designado como Manifesto), perpetuar e conservar os tesouros locais da sua comunidade.

Um dos aspetos salientados pelas diretrizes e pelo Manifesto é a necessidade de cooperação com outras entidades e a partilha de recursos com organismos da comunidade, pois a criação de redes de trabalhos e de parceiros para a troca de informação, ideias, serviços e conhecimento especializado melhora o “serviço global à comunidade”. Isto porque a combinação de esforços significa otimização de trabalho e de recursos. E, realça o fator confiança da comunidade na biblioteca ao focar que “membros individuais da comunidade podem, em alguns casos, dar um grande contributo à biblioteca, ao levar a cabo tarefas ou projetos especiais” (*Diretrizes da IFLA sobre os serviços da Biblioteca Pública*, 2013, p. 48).

Adicionalmente, em 2002, a IFLA publica a *Declaração Sobre Bibliotecas e Desenvolvimento Sustentável*, onde considera as bibliotecas e os serviços de informação como promotores do desenvolvimento sustentável, ao assegurarem a liberdade de acesso à informação. Este papel chave das bibliotecas materializa-se na prestação de serviços e programas que satisfazem as necessidades de informação numa sociedade cada vez mais complexa, como apoiando a educação ao longo da vida, a educação formal e informal e combatendo a brecha digital através das suas redes de serviços, investigação e inovação. Igualmente considera a biblioteca como lugar único para proporcionar à população um ambiente de confiança para a tomada de decisões informadas sobre os mais diversos aspetos da vida social, económica, cultural e ambiental.

Este documento veio a ser atualizado em janeiro de 2017, na sequência da publicação da *Agenda Global 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável*, subscrita em 2015 e em vigor a partir de janeiro de 2016, com o intuito de mobilizar esforços à escala mundial para acabar com todas as formas de pobreza, combater as desigualdades e as alterações climáticas, assegurando simultaneamente o envolvimento de todos os países neste processo. Desta forma, estabelece 17 novos objetivos universais que podem ser implementados em projetos concretos a serem desenvolvidos por metas a alcançar.

Na sequência da proclamação da Nações Unidas e em conformidade com os 17 destes objetivos de sustentabilidade global, a IFLA<sup>23</sup> anunciou em 2016 um documento orientador para as bibliotecas referindo a importância destes equipamentos culturais e construtores de conhecimento para o cumprimento e persecução das metas estabelecidas, realçando que o

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/node/10546>

aumento do acesso à informação e ao conhecimento de toda a sociedade, apoiado pela disponibilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), potencia o desenvolvimento sustentável e melhora a vida das pessoas, com impacto real nos planos de desenvolvimento nacional e regional.

A biblioteca posiciona-se como parceiro vital para o cumprimento das metas da *Agenda 2030*, através da promoção da alfabetização universal, incluindo a alfabetização e as competências digitais com o apoio de técnicos especializados, para entender melhor as necessidades de informação local e preservar e dar acesso à cultura e património mundial.

Das 17 metas a alcançar, destacamos a número 11, por se referir diretamente ao papel essencial da biblioteca na “salvaguarda e preservação de património documental, sob qualquer forma, para as gerações futuras. A cultura fortalece as comunidades locais e apoia o desenvolvimento inclusivo e sustentável das cidades”<sup>24</sup>

Documentary works in all formats, including digital, are a key part of our cultural heritage. Working with, preserving, and safeguarding them in order to provide access to future generations is at the core of the work of libraries globally. This form of cultural heritage is kept in a wide range of libraries, including special, national, academic and research, and public libraries («Libraries safe guarding cultural heritage», 2017)

Dada a importância deste objetivo, a ILFA publica em 2017 a declaração *Libraries safeguarding cultural heritage*<sup>25</sup> onde reforça a importância das bibliotecas na preservação e divulgação do património documental e apela aos profissionais para que desempenhem um papel ativo na conservação da herança cultural para as futuras gerações, com particular incidência nas zonas de maior perigo de destruição do património. Neste documento são elencados vários exemplos encorajadores de salvaguarda do património, como é o caso da República de Mali, quando em 2013, um grupo armado ocupou a zona norte e a cidade de Timbuktu, colocando em perigo o vasto património cultural e documental. Formaram-se grupos de voluntariado para salvaguardar os manuscritos e as “bibliotecas têm estado na vanguarda do resgate e preservação do património de Mali”<sup>26</sup>.

Assim, infere-se que as bibliotecas públicas são hoje consideradas como uma ferramenta crítica e central no processo de divulgação do património cultural e as tecnologias da informação e comunicação, pelo seu lugar central com o advento da Sociedade da Informação, são de extrema importância para que aquelas cumpram as suas missões.

Na Sociedade da Informação, também conhecida por Sociedade do Conhecimento ou Sociedade em Rede, como preconizou Castells (2002), o conhecimento resultante da interpretação da informação tem um enorme valor económico e social. Assiste-se ao surgimento e evolução constante de novas fontes, formatos e suportes de informação que exigem novas competências que implicam a aquisição de novos e diferentes conhecimentos, ampliando o leque de funções a desempenhar pelos profissionais da informação e documentação. Segundo Amante et al., “o interesse pelo desenvolvimento de competências constitui uma resposta aos novos desafios económicos e sociais colocados pela Sociedade do Conhecimento, em que as TIC originam uma nova estrutura social e um novo modelo de sociedade” (2009, p. 4). Este novo tipo de organização social veio alterar por completo o paradigma de produção, acesso e uso da

---

<sup>24</sup> Tradução do autor

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.ifla.org/node/11387>

<sup>26</sup> Tradução livre

informação, exigindo novas habilidades para lidar com o crescente número de fontes, formatos e suportes de informação.

Neste sentido, e desde os primeiros tempos de automatização dos serviços e tarefas de gestão bibliográfica que a tecnologia já se tornou o centro de toda a atividade de uma biblioteca. Para Nunes, “la Biblioteca Publica ya no es sólo la puerta local de acceso al conocimiento, sino también el portal electrónico de entrada en el mundo de la información” (M.B. Nunes, 2003, p. 32).

O estudo de Segbert (1997), *Public libraries and the information society*, citado por (M. B. Nunes, 2003, p. 42), foca a perspectiva dos novos papéis da biblioteca pública face à Sociedade da Informação: se “la biblioteca pública tiene tradicionalmente un posibilidad inmensa de prestación de servicios, que basicamente se constituyen en el acceso al patrimonio bibliográfico y a la memoria local, así como a los productos de la creación literaria, artística y científica en toda su variedad”, a utilização das tecnologias potencia a persecução destes objetivos, já que, “en su nueva etapa, la Biblioteca Pública pasa a suministrar también, concretamente através de su sitio Web, el acceso a la publicacion electronica, por ejemplo de autores locales, a la information cultural de la comunidad [etc.]” .

O que nos remete para Alvim, que afirma que a biblioteca pública “deve ser vista como uma espécie de cooperativa promotora e centro de recolha de informação com a competência de a organizar, relacionar e indexar e por fim actualizá-la na Web” (Alvim, 2001, p. 2).

Assim, a criação e gestão de serviços Web posiciona a biblioteca pública como um parceiro indispensável na aplicação de tecnologias para a investigação, o ensino e a difusão social nas ciências sociais e humanas.

## 2.2 Coleções especiais

O termo *coleções especiais* tem sofrido uma evolução e abrangência quanto à sua constituição e delimitação. Um dos usos mais limitativos encontrados na literatura determina que as coleções especiais são compostas por livros antigos, edições raras e impressões especiais, muitas vezes conhecido como as "artes do livro". Num sentido mais abrangente, o termo é utilizado para incluir manuscritos, impressões, desenhos e fotografias e materiais gráficos como: mapas, publicações teatrais, panfletos, propaganda, cartazes e jornais. As coleções especiais também podem incluir coleções distintas de material relacionado com um determinado assunto ou parte do mundo, refletindo um período histórico em particular (*Special Collections in ARL Libraries*).

Assim, para o presente estudo, entende-se por coleções especiais o conjunto de documentos originais de distintas tipologias, qualquer tipo de veículo de informação e comunicação, que se caracterize pelo valor histórico e monetário, em consequência da antiguidade, raridade ou singularidade e que requer uma política estratégica de preservação e acesso a longo prazo.

A coleção especial adquire uma matriz distintiva, única, irrepetível e insubstituível e que, pela sua vulnerabilidade, requer um tratamento especial: por um lado, sujeito a normas padronizadas para a sua preservação e conservação e, por outro, sujeito a esquemas de divulgação e acessibilidade com vista a futuras investigações. São documentos originais que abrangem milénios de história das civilizações e abrem portas para os estudos sobre épocas passadas, terras distantes e para a mente humana. O tratamento técnico da coleção especial remete para as instituições custodiadoras de grande peso e é, simultaneamente, desafiador e extremamente inspirador.



Enquanto a coleção generalista de uma biblioteca tem como propósito providenciar informação de todas as áreas do conhecimento ao utilizador e deverá refletir a atualidade, as coleções especiais, pelas suas características, podem servir um público mais especializado constituindo como oportunidades únicas para servir de embaixadores das suas instituições.

As obras que constituem as coleções especiais conservam-se separadas do fundo generalista com segurança especializada e serviços ao utilizador. Requerem cuidados e medidas de proteção especiais e a circulação de materiais é restrita devido à fragilidade dos materiais e ao escasso número de exemplares.

A dicotomia entre o acesso do utilizador e a segurança dos materiais é uma característica das coleções especiais. Enquanto uns colocam a tónica na visibilidade e acessibilidade da coleção, outros invertem a prioridade: preservar e proteger e, em seguida, fornecer. O problema é, pois, encontrar o equilíbrio entre a preservação e a disponibilização ao público. Para responder a estas questões, são vários os documentos orientadores<sup>27</sup> que definem os requisitos e estratégias essenciais a ter em conta na gestão das coleções especiais, nomeadamente, ambiente físico apropriado ao material (i.e. temperatura, humidade relativa); condições de segurança estabelecendo medidas de acesso controlado; criação de gabinetes de tratamento dos recursos; desenvolvimento de políticas de sensibilização e consciencialização do público sobre a existência e a importância da coleção; visibilidade no catálogo da biblioteca através da criação de auxiliares de pesquisa; promoção da acessibilidade remota dos recursos; uso de ferramentas e plataformas digitais para a divulgação e disponibilização da coleção; digitalização dos materiais; participação em redes de partilha de dados e de recursos; capacitação de pessoal especializado para o apoio ao utilizador.

A importância das coleções especiais para a investigação não se limita ao seu conteúdo textual, pois detêm valor artístico e histórico ao fornecerem evidências importantes para o nosso património material, cultural e intelectual, e para a compreensão da diversidade humana. As coleções especiais requerem atitudes diferentes e medidas de preservação, conservação preventiva e de restauro, de organização e de divulgação. Assim, a expressão coleção especial significa todo o acervo bibliográfico que, pela antiguidade, temática, raridade, riqueza, entre outros, merece tratamento e uso diferente dos restantes materiais bibliográficos que formam as coleções generalistas.

Em 2013, as bibliotecas de investigação do Reino Unido (Research Libraries UK) e OCLC publicam um relatório que apresenta uma perspetiva global do “estado de arte” na criação, manutenção e a promoção de coleções únicas e distintivas no Reino Unido<sup>28</sup>. Nesse relatório é reconhecido que “there is greater acknowledgement of the potential of Special Collections” e que as coleções especiais agregam valores distintivos às instituições, conferem aspetos diferenciadores às bibliotecas e constituem um meio para o envolvimento da comunidade local e académica (Dooley et al., 2013).

O foco das coleções especiais nas bibliotecas públicas, enquanto instituições de salvaguarda do património, é o material de fontes primárias sobre a história local e o património cultural que transcendem da restante coleção de carácter generalista e universal. Assim, pela importância para a reconstituição da memória e história local, distingue-se a coleção do Fundo Local e do Fundo Antigo, pois estes documentos são testemunhos culturais, documentos

---

<sup>27</sup> i.e. OCLC Research Survey of Special Collections and Archives; Directrizes da ILFA sobre os servilios da Biblioteca Pública, Diretrizes da IFLA para planeamento de digitalização de livros raros e coleções especiais; Guidelines: Competencies for Special Collections Professionals prepared by the Rare Books and Manuscripts Section, ACRL/ALA (2008)

<sup>28</sup> Para além disso, este relatório fornece dados que permitem um melhor entendimento do desenvolvimento e promoção de projetos de gestão de coleções especiais.

históricos e localmente circunscritos - sendo que a especialização é de âmbito territorial circunscrito, considerando o conjunto das suas manifestações como uma unidade histórica e documental (Herrera Morillas, 2004).

Observando que a essência das bibliotecas públicas é fornecer, proteger e preservar fontes de informação, e enquanto organismos vivos e dinâmicos da história local, Walker (2014) considera que a utilidade e acessibilidade a esses recursos constituem características distintivas da biblioteca, acrescentando que “libraries are not museums for books: they are the field of action which connects people with ideas and possibilities. This is especially true of public libraries.” E o acesso aos recursos das coleções especiais, para além do evidente benefício para os utilizadores da coleção, também beneficia a biblioteca no sentido de a coleção constituir um elemento diferenciador em relação às instituições congéneres. É-lhes conferido um valor e um posicionamento únicos na complementaridade com os seus pares: “The unique mix of materials in special collections creates an identity that extends beyond more familiar library services” (Walker, 2014, p. 18)

Walker discorda com Herring (2000)<sup>29</sup> que considera as coleções especiais nas bibliotecas públicas são um desvio à missão primária e refuta esta ideia afirmando que a “preservation of history and culture has been a central part of the library’s primary mission from the inception of the public library” (p.19) e que a biblioteca desempenha um papel crucial para contrapor a construção de um passado influenciado por aqueles que exercem o poder no presente. E, na Era digital, em que erradamente prevalece a ideia de que tudo está na Internet, as informações locais podem desaparecer se não existir uma instituição vocacionada e comprometida com a preservação da história local para as futuras gerações: “[it] is not just to the reader who walks in off the street today but also to that reader’s children and great-great-grandchildren” (Walker, 2014, p. 19).

Para Cabral (2002) a preservação dos testemunhos históricos e culturais é uma preocupação generalizada e “bastante aguda”, visto que o Património, enquanto “conjunto de elementos que identificam e individualizam cada grupo, sociedade ou país por oposição a outros”, tal como a missão de guardar e estimar o património documental e bibliográfico fazem parte da missão do bibliotecário.

### 2.2.1 Fundo Local

A biblioteca pública é, com os arquivos e museus, a instituição local onde a diversidade de materiais necessários para o conhecimento e o estudo de uma região pode ser recolhida, organizada e divulgada para posteriores investigações, ou para satisfação da curiosidade e dos interesses dos cidadãos.

Para M.B. Nunes (2010, p. 1) “um dos factores identitários das bibliotecas públicas é a comunidade onde se inserem e no seio da qual desenvolvem os seus serviços e é neste sentido que podemos afirmar sem sombra de dúvida que ‘todas as bibliotecas públicas são locais’”.

A literatura técnica assume que devem ser desenvolvidas nas bibliotecas públicas coleções que se referem à memória, à natureza e à cultura geograficamente mais próximas. É que esta realidade não é forçada pela mera existência de coleções referentes a uma localidade, mas também pela existência de textos regulamentares biblioteconómicos que orientam a prática dos bibliotecários no sentido de recolher e preservar a memória local.

---

<sup>29</sup>Herring, Mark Y (2000), Archival Treasures: Blessing—Or Burden in Disguise?. *American Libraries* 31, no. 7, p41-43.

A memória local de uma área geográfica é globalizada pelos canais de transmissão da biblioteca pública, que quebra o isolamento do localismo e melhora a compreensão do local como história e como uma necessidade do presente para o progresso e desenvolvimento dos habitantes de um determinado território. Assim, podemos afirmar que o Fundo Local tem como finalidade preservar a memória para servir os cidadãos e construir um património histórico-cultural que servirá a conscientização da comunidade base para a tomada de decisões. A coleção local contém a memória de um povo e a memória é o que nos torna inteligentes e é a ferramenta com a qual se recorda o passado e com a qual construímos o futuro.

A coleção e a gestão da memória local supõem a materialização e a concretização num espaço da expressão e suma dos fatos, as criações e tradições de um grupo de pessoas vinculadas pela zona geográfica em que estão e é na tecitura de todos os documentos de valor local que compõem a coleção que se cria a trama de uma memória. A paternidade da ideia de elaborar uma seção específica para as questões locais remonta a 1877, no Reino Unido, onde William H.K. Wright, apresentou um trabalho na Associação de Bibliotecários em que defendia a criação de um conjunto de estudos locais em bibliotecas públicas. Desde então, todos os anos são produzidas publicações e partilhadas experiências sobre a criação, organização e desenvolvimento de secções de coleções locais, embora seja apenas a partir dos anos 70 do século 20 que a explosão de trabalhos de recolha locais ocorre, proliferando em ambas as experiências estudos em que sobressai a componente Anglo-Saxónica. (Garcia Gómez & Díaz Grau, 2005).

Na literatura consultada, surge em paralelo o termo de fundo local e coleção local. Garcia Gómez & Díaz Grau, (2005), citam Norma E. Armstrong, que considera que “no tiene ningún significado preciso” e mais adiante, David Rimmer que defende a existência de um “terminología vaga” para especificar uma parte de uma coleção circunscrita geograficamente a uma região. Não obstante, Garcia Gómez & Díaz Grau, (2005) defendem uma visão ampla e tradicionalmente aceite pelos bibliotecários, que se concretiza em “parte de una biblioteca, especialmente “en las públicas, que recoge y organiza cualquier tipo de documentación que haga referencia a una zona geográfica, cuya finalidad es ofrecer a los usuarios todas las fuentes de información sobre cualquier aspecto de la vida e historia de esa zona” (Garcia Gómez & Díaz Grau, 2005, p. 25).

Como afirma Nunes (1989)<sup>30</sup>, as bibliotecas públicas “conservam a memória do mundo”, no sentido em que as coleções devem refletir todas as áreas do conhecimento da Humanidade, de uma forma plural estética, científica e filosoficamente abrangente, mas também conservam a “memória da vida local”. E acrescenta que as bibliotecas públicas devem adequar as suas coleções de formas a dar respostas a todas as questões relacionadas com a vida local. Se, por um lado, as questões de identidade individual e coletiva suscitam grande interesse nos cidadãos, por outro, a necessidade de compreender o presente e projetar o futuro de uma comunidade está intrinsecamente ligado ao conhecimento da história local.

Acrescenta H. B. Nunes que, assim, as coleções do Fundo local são constituídas por documentos que veiculam todos os aspetos relacionados com a localidade: vida associativa, política, económica, religiosa, arquitetónica, literária, natural. Em suma, toda a “documentação que respeita ao seu Património Cultural e Natural”. Porém, as fragilidades do conceito, tradicionalmente relacionado com o limite geográfico, são evidenciadas por Garcia Gómez e Díaz Grau, (2005), pois há que ter em conta as variações históricas dos limites fronteiriços das

---

<sup>30</sup> Em Portugal, Henrique Barreto Nunes apresentou, em 1988, em Vila Nova de Famalicão, uma comunicação que ainda hoje constitui como informação de referência, sobre “A biblioteca e a memória da vida local” cit. M. M.B. Nunes, 2010”

localidades, o que é um aspeto a considerar quando se decide a inclusão ou a exclusão de um documento baseado exclusivamente no critério geográfico.

Por conseguinte, podemos afirmar que o Fundo Local de uma biblioteca pública é a materialização da memória local e, neste sentido, a função de recolha e preservação associada a estas instituições de cultura é aqui de extrema importância, o que vai conferir um elevado grau de especialização e de originalidade à coleção da própria biblioteca.

Bailac (1991)<sup>31</sup>, citado por Garcia Gomes e Diaz Grau (2005, p.27), confere à coleção local um grau de especialização ao afirmar que a “colección Local es un fondo especializado de la biblioteca, al servicio de su comunidad, con aquel material que contribuye al conocimiento de la zona en el pasado y de lo que es noticia en el presente”. Uma ideia corroborada por M.B. Nunes, (2010, p. 3), que afirma que “as coleções do Fundo Local são altamente especializadas”, pois independentemente da diversidade de tipologia documental, o Fundo Local representa as particularidades e as peculiaridades de um território e das suas gentes e acrescenta que as “áreas de intervenção das bibliotecas públicas no que se refere especificamente à vida local são ampla e abarcam a totalidade de aspectos da vida das comunidades”.

Os autores Garcia Gómez e Díaz Grau alargam o espetro de conceito de fundo local e introduzem novas possibilidades de integração ao afirmar que a “colección Local es la sección de la biblioteca pública formada por el conjunto de documentos, sean o no propios de la biblioteca, relacionados con nuestra comunidad y que puedan ser útiles para el estudio de la zona geográfica en la que la biblioteca se ubica”. Uma definição que nos remete para duas abordagens diferenciadoras:

- em primeiro lugar, prevê o estabelecimento de parcerias com instituições com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a região, mas também de prestar um melhor serviço aos utentes e utilizadores das bibliotecas públicas;
- em segundo lugar, a definição demonstra que os documentos não só têm que estar relacionados diretamente com a comunidade, mas inclui toda a documentação que constitui um contributo para o entendimento e conhecimento da área geográfica em causa.

Esta noção de utilidade de uso e conhecimento coincide com a definição apresentada por Michael Dewe: “la colección de estudios locales existe para promover el estudio, el conocimiento y la comprensión de todos los aspectos de una localidad, pasados y presentes, mediante la adquisición, preservación, organización y explotación de los materiales impresos y no impresos relativos a dicha localidad (Garcia Gómez & Díaz Grau, 2005)

Por fim, Garcia Gómez e Díaz Grau, (2005) apresentam uma definição de coleção local como um “conjunto de documentos propios de una biblioteca que tratan temas e interés local de valor para el conocimiento del pasado, presente y perspectivas de futuro de la localidad. Esta colección forma la sección local y sus documentos, que pueden ser primarios, secundarios o terciarios, y/o que pueden estar en posesión de la biblioteca o estar prestados o estar cedidos a ella, son adquiridos, organizados, conservados, comunicados y puestos a disposición de los usuarios, con la pretensión de facilitar su acceso, uso y conocimiento entre la comunidad”.

Os benefícios apontados pela literatura identificam a coleção como um valor acrescentado no contexto dos serviços que a biblioteca pública presta à comunidade. Porém, os benefícios que revertem a favor dos leitores também são de grande valor, pois potenciam a identidade local e o sentimento de pertença a uma comunidade, fortalecendo os laços que une as gentes de uma localidade pelo simples fato de possuírem um denominador comum: a herança cultural.

---

<sup>31</sup> Bailac, Assumpta (1991). La colección local y la información comunitaria: un servicio de la biblioteca pública. En *II-III Jornadas de Bibliotecas Públicas*. San Sebastián: Asociación de Bibliotecarios y Documentalistas de Guipuzcoa, p. 161-175.

Neste contexto, a propósito da identificação nacional, Mattoso (1985, p. 330) considera que não é suficiente estudar o país e o seu povo, é necessário “reconstituir as identidades menores, dotadas, elas próprias, da sua coerência interna, tanto do ponto de vista geográfico, como do ponto de vista da organização social e económica”. Cada um dos estudos locais tem um papel fundamental para o conhecimento do país em que vivemos e dos grupos. E a memória coletiva dos grupos é uma consequência da vivência em ações coletivas e em conjuntos étnicos e culturais que é necessário registar e seleccionar, para ser transmitida à posteridade.

Santos (2005, p. 38), constata que a identidade de um povo é constituída por referência ao seu passado histórico e a preservação de manifestações representativas da cultura material e imaterial é fundamental por estas constituírem os testemunhos patrimoniais que “explicam o desenrolar da história, rememoram as experiências passadas, dão sentido à impermanência e à vida, tal como as velhas fotografias dão sentido à sucessão genealógica familiar.” O autor considera que “um país sem património é um país sem identidade e, desde logo, indefinido e desqualificado” e, como tal, o “conjunto dos factos sociais e culturais que fundam a identidade de cada grupo e comunidade, permitindo diferencia-los uns dos outros” (2005, p.42) constitui o património de um país. E acrescenta que o património e herança cultural locais são o objeto de trabalho das bibliotecas, arquivos e museus que os recolhem, custodiam, preservam e divulgam.

Nesta perspetiva, a biblioteca ocupa um lugar central no processo da valorização dos diferentes patrimónios sociais e culturais, por contribuir para a formação da consciência, da valorização e defesa das diferentes especificidades e identidades inerentes às culturais locais, enquanto identidades próprias, indispensáveis à afirmação da região no mundo globalizado. Ou seja, agir localmente com projeção no global. Garcia Gómez & Díaz Grau (2005, p. 30) defendem que o fundo local é um ponto de partida através do qual se pode “cambiar el rumbo del devenir en el municipio”, no sentido em que o conhecimento dos factos históricos que traçaram o caminho de uma região são um ponto de partida para a definição de novas estratégias para a construção de novos caminhos.

Por conseguinte, o Fundo Local de uma biblioteca pública tem como característica a capacidade de promover a socialização entre os habitantes da região. Esta característica revigora laços, porque fomenta e dá visibilidade à partilha de saberes, experiências e práticas. Outro aspeto de extrema importância é o factor social, visto que é uma coleção criada e produzida por todos os indivíduos da comunidade e, paralelamente, é para ser utilizada por todos. É uma coleção especial no sentido mais lato, é uma coleção criadora de identidade, porque veicula o traço comum da comunidade, um fundo que traduz a história, a que precede e a que é produzida. Para tal, deve ter como principal característica a representatividade de todos os quadrantes políticos, sociais, religiosos, culturais e económicos da região e, por isso, deve ser neutral: é uma coleção policromática.

No domínio da educação e da academia, o fundo local constitui “una fuente rica para la investigación, porque aporta documentos únicos y engloba una temática de no ser por su acción desperdigada y de difícil acceso” (Garcia Gómez & Díaz Grau, 2005, p. 30). De todos os leitores e utilizadores que recorrem ao Fundo Local, os envolvidos na educação estão em maioria, quer como professor ou estudante da universidade até ao nível do ensino básico. Em primeiro lugar, a tarefa é facilitada aos investigadores/académicos locais no acesso direto aos documentos originais, porém, para o investigador que tenciona desenvolver um trabalho relacionado com determinado tema de uma região, grande parte do material não pode ser emprestado e não pode ser fotocopiado. Em segundo lugar, e a nível do ensino básico e obrigatório, o ensino da história nas escolas enfatiza a necessidade das crianças de se identificarem com o ambiente através da relação entre factos locais e a história nacional, ou até universal. Para além disso, o valor das coleções locais também se traduz nas aulas de arte e arquitetura onde é solicitado aos

alunos para estabelecer relações entre os movimentos dominantes de arte ao longo da história e a existência de construção arquitetónica ou manifestações artísticas na sua região.

Os bibliotecários reconhecem a responsabilidade da biblioteca pública no desenvolvimento da coleção local, que é encarada como uma oportunidade para melhorar o prestígio e o impacto da biblioteca dentro da comunidade. A valorização da história local e do património cultural que a comunidade confia à biblioteca repercute-se na preservação e no uso dado à herança cultural.

Para corresponder às exigências dos leitores e utilizadores das coleções locais é necessário cumprir com dois pressupostos: recolher e organizar, de forma a estar disponível para uso, tudo o que contribui para o conhecimento da região, no passado e também o que é notícia hoje, pois será fonte de informação para a história do presente e no futuro.

Os historiadores vão querer saber o impacto que as questões ardentes de hoje têm sobre a localidade, e os bibliotecários devem assegurar que o material é preservado e serve o propósito da sua preservação. A frustração frequentemente sentida pelos historiadores e bibliotecários decorre da falta de informação que não foi preservada para as futuras gerações, por tal, deve constituir um alento para que a omissão não seja repetida.

Assim, através da sua coleção física, disponibilizada em formato digital na Web, a biblioteca abre o mundo para o cidadão e abre a sua comunidade para o mundo. Através da cultura local, a biblioteca integra a identidade local com outras culturas, com as manifestações culturais de qualquer povo de qualquer época, com as representações que configuram uma memória coletiva global (Garcia Gómez & Díaz Grau, 2006).

As recomendações da IFLA<sup>32</sup> e ALA<sup>33</sup> apontam há muito para o Fundo local como um serviço estruturante e estratégico das bibliotecas. São vários os projetos a nível internacional que colocam em prática estas recomendações.

A título de exemplo, nos Estados Unidos da América, a Biblioteca Pública de Memphis, no estado de Tennessee, disponibiliza um serviço de genealogia<sup>34</sup>, que consiste no acesso à coleção de genealogia, como também, providencia formação na introdução à investigação da história familiar e à elaboração da árvore genealógica.

Ainda nos Estados Unidos da América, a rede de bibliotecas públicas de Flórida disponibiliza coleções que destacam a história e o património de Flórida e de grupos populacionais específicos como os residentes afro-americanos<sup>35</sup>.

Na Irlanda, o governo financiou o *Cultural Heritage Project* com o objetivo de lançar à escala nacional um conjunto de programas de digitalização de coleções locais das bibliotecas públicas irlandesas. Em 2003, é publicado um relatório do projeto que demonstra que a estratégia nacional de apoio a iniciativas de digitalização de coleções locais teve um impacto significativo nos objetivos da Sociedade da Informação<sup>36</sup> e contribuiu para o desenvolvimento do setor cultural. Isto permitiu identificar as mais importantes coleções de fundos locais e de coleções especiais em bibliotecas públicas e criar um repertório geográfico destas coleções.

---

<sup>32</sup> A IFLA dispõe de um departamento para apoiar os bibliotecários no desenvolvimento de coleções de genealogia e de estudos locais. Disponível em <https://www.ifla.org/about-genealogy-and-local-history>

<sup>33</sup> A American Librarian Association tem uma divisão dedicada a programas para adultos - Reference and Adult Services (RUSA), na qual foi elaborado um documento orientador para a criação e gestão de fundos locais. Disponível em <http://www.ala.org/rusa/resources/guidelines/guidelinesestablishing>

<sup>34</sup> Disponível em <http://www.memphislibrary.org/research/genealogy/>

<sup>35</sup> Disponível em <http://jpl.coj.net/res/sites/historyfl.html>

<sup>36</sup> Os autores do relatório referem que o projeto atingiu os objetivos da Sociedade da Informação ao envolver a comunidade e as bibliotecas locais na estratégia nacional de disponibilização da herança cultural, nomeadamente nos domínios da inclusão social, no acesso à Internet e envolvimento com a Internet e na aprendizagem ao longo da vida.

Neste relatório é referido que os projectos-piloto e estudos de projetos locais produziram novos conteúdos digitais, ao reforçar o valor da biblioteca e dos fundos locais do ponto de vista educativo e de aprendizagem ao longo da vida. Paralelamente, o relatório foca um conjunto de novos utilizadores na área da investigação, das empresas criativas, da indústria e do turismo, que passaram a procurar os serviços da biblioteca. O resultado é visível na página Web<sup>37</sup> criada no âmbito deste projeto e que representa o potencial para que os utilizadores acedam aos fundos locais das bibliotecas e, naturalmente, conheçam a história cultural da Irlanda. A página *Ask for Ireland* permite aceder aos conteúdos das bibliotecas públicas da Irlanda, designadamente artigos digitalizados, fotos, áudios, ilustrações, iconografia, cartografia e documentos históricos. Uma rápida pesquisa pelo diretório de bibliotecas disponível na página permite aceder e visualizar os conteúdos digitais de cada localidade da Irlanda. É um projeto que permite conhecer as coleções que espelham a história e a herança local à comunidade, à escala global.

### 2.2.2 Fundo Antigo

O conceito de Fundo Antigo refere-se à coleção de uma biblioteca formada por manuscritos, incunábulos e impressos fechados até ao ano de 1801, inclusive. A partir deste ano, entende-se que a revolução produzida na imprensa deu lugar a uma nova etapa. Assim, o Fundo Antigo de uma biblioteca é constituído essencialmente por manuscritos e impressos do séc. XV ao séc. XVIII (Herrera Morillas, 2004).

O Fundo Antigo é uma coleção especial e, para o demonstrar, Herrera Morillas (2004, p.92) citando Garcia y Rendon, defende que é um fundo único pois este delimita um conjunto de materiais valorizados como testemunhos “del devenir y construccion de la cultura de la humanidad”. A valorização cultural que se atribui a estes objetos é sustentada pelo valor histórico que se materializa nos próprios objetos como “en la conformación de esse fondo, de forma que son testigos y agentes del de la historia” da humanidade. Por outro lado, adquire um valor estético, sendo que é um registo das características de cada época que “encierran esos objetos”, como a encadernação, a ilustração e a composição tipográfica. Estas características valorizadas trazem-nos uma herança do espírito humano objetivado em criações e manifestações estéticas, que devem ser conservadas e conhecidas pelas gerações vindouras como parte integrante do seu património cultural. E, por fim, adquire um valor para o conhecimento, do ponto de vista das ideias que comunicam. Desta forma, podemos afirmar que os objetos não só “provocan el goce estético e testimonian el pasado, sino también son un vehículo para la transmisión del conocimiento”. O conhecimento materializado em documentos permite reconstruir o passado de um povo e, por consequência, passam a formar parte de uma herança cultural do espírito humano.

Quando se fala de livro antigo, podemos aludir a um objeto artístico que possui qualidades singulares e encerra características especiais: é muito escasso, tanto em número como em qualidade; é belo, devido à sua manufatura que tende a ser esteticamente apreciada; possui uma história que se aprecia na sua estrutura material (devido à interação de todos os seus proprietários anteriores). Curiosamente, no mundo anglo-saxónica predomina o termo

---

<sup>37</sup> Disponível em [www.askaboutireland.com](http://www.askaboutireland.com)

*livro raro*, enquanto objeto extraordinário, no sentido em que a raridade do material é uma característica que coloca o livro em lugar de destaque no universo da coleção bibliográfica.

O estudo do livro antigo é de grande relevância para os investigadores e historiadores e desperta interesse a dois níveis: o conteúdo e a materialidade. No que diz respeito ao conteúdo, analisa os autores e as obras, os impressores, o predomínio de línguas e países na impressão de livros.

Quanto à materialidade podemos distinguir duas características, as intrínsecas e as extrínsecas. As intrínsecas fornecem informação sobre as técnicas utilizadas em cada época pelos impressores e regista-se a evolução e as inovações da imprensa veiculadas nas obras, nomeadamente as informações veiculadas pelas portadas, páginas preliminares (privilégios, dedicatórias, licenças e textos laudatórios), pé de imprensa, colofão, caracteres utilizados no corpo de texto e nas capitulares, papel, marca de água<sup>38</sup>, dimensões do texto impresso e margens, gravuras e ilustrações.

Quanto às características extrínsecas, existem elementos distintivos, pois permitem estabelecer a condição de singularidade do livro por comparação a outros, para demonstrar que um dado livro possui certas propriedades que estão ausentes nos seus semelhantes. Como tal, conferem especiais qualidades aos documentos e à historiografia de cada exemplar, pois fornecem informação sobre os proprietários pela forma como assumem os pertences (manuscritos, ex-libris, super livros). Assim, é permitida a identificação e um estudo do perfil dos leitores, e consequentemente abrem-se portas para o estudo das ideias, através das notas manuscritas, possibilitando ainda estudar as encadernações do ponto de vista estético e artístico.

O Fundo Antigo é constituído por manuscritos que compreendem os códices que, pela peculiaridade de serem sempre únicos, têm requisitos especiais de proteção e armazenamento, sendo necessário conservá-los de forma independente dentro do depósito de fundo antigo; já os incunábulo consistem na coleção de obras impressas desde 1450, data do surgimento da imprensa de caracteres móveis de Gutenberg até 1500, e procuravam imitar os manuscritos a fim de ultrapassar as resistências à novidade do livro impresso; e assim começam a sua evolução para o formato moderno, abandonando paulatinamente as características do livro manuscrito.

Os conteúdos temáticos abarcam todos os ramos do conhecimento, ainda que sobressaia a religião, teologia, filosofia de carácter religioso (sermões, orações e relatos hagiográficos), filologia e gramáticas, e ainda estudos de genealogia e heráldica e monografias locais, que ocupam um lugar importante dentro do Fundo Antigo.

Tudo isto nos remete para a historiografia de cada obra, pois a proveniência dos volumes que constituem o Fundo Antigo de uma biblioteca pública conta a história de antigas confrarias, conventos, de antigas instituições, de famílias antigas. Estas integrações e doações contêm informação sobre a vida e a história da região e, naturalmente, são o veículo da erudição e do pensamento do passado.

Uma das características que confere singularidade a cada exemplar do Fundo Antigo, e irrepetível, consiste nas notas manuscritas, por vezes a vários punhos, deixadas pelos leitores, ao longo do tempo nas generosas margens dos fólhos. Neste sentido, o Fundo Antigo é uma fonte, por excelência, para o estudo e entendimento do pensamento do Homem.

No que diz respeito à encadernação, também aqui se apresenta um vasto mundo de estudos, visto que a encadernação, para além da função protetora para que nasceu,

---

<sup>38</sup> São vários os projetos no âmbito das humanidades digitais que criam bases de dados com a digitalização de marcas de água: Watermarks in Incunabula, disponível em: <http://watermark.kb.nl/default/search/advanced/>; e Memory of Paper, disponível em: [http://www.memoryofpaper.eu/BernsteinPortal/app1\\_start\\_disp](http://www.memoryofpaper.eu/BernsteinPortal/app1_start_disp).



rapidamente se percebeu a função artística e passou a integrar-se nas correntes estéticas prevaletentes, transcrevendo para o seu meio o mesmo estilo que se observa na pintura, na escultura e na arquitetura.

Para ilustrar a importância do estudo do livro antigo, e de todas suas particularidades, na investigação académica e no aprofundamento do conhecimento da história da humanidade recorremos a Matos (2007) que estabelece um paralelismo entre as artes da Imprensa e da Ourivesaria, e demonstra a “contaminação” de técnicas destas duas artes, a dada altura, no século XV. Ao efetuar um estudo comparativo estabelece “linhas de afinidade entre a arte da Imprensa e a Arte da Ourivesaria em Portugal” (2007, p.340) e, ao analisar a edição de *Relectio siue iterata prelectio non modo tenebrosi: sed & tenebricosi. Accepta* (Coimbra, João da Barreira e João Álvares, 1547) e a Cruz da Colegiada de Guimarães (Porto, 1547), comprova a relação direta das letras capitulares utilizadas na impressão e a origem da pedraria utilizada em Ourivesaria religiosa e civil em Portugal.

É evidente que a investigação académica na área do património documental beneficia com o desenvolvimento das tecnologias digitais, pois trazem ao estudo do livro antigo novas formas de acesso e de manuseamento e uma panóplia de criação e utilização de ferramentas digitais.

A disponibilização do Fundo Antigo no mundo digital oferece ao principal interessado neste tipo de coleção, ao investigador e historiador, um acesso direto à coleção. Como já foi referido, a criação de acesso à informação é a principal razão de ser das bibliotecas. Para além disso, a disponibilização da coleção no mundo digital permite melhorar os serviços de apoio aos utilizadores que procuram este tipo de informação, pois reduz a manipulação e o uso do material original, preservando-o do uso frequente e libertando a biblioteca da necessidade de efetuar cópias de material cuja excessiva manipulação pode colocar em causa a integridade do documento. A digitalização dá às instituições oportunidade de desenvolvimento e aperfeiçoamento da sua infraestrutura técnica, potenciando o desenvolvimento de rede de colaboração, colaborando com outras instituições na criação de coleções virtuais, rentabilizando custos e esforços e aumentando a possibilidade de acesso a nível internacional. A expansão da visibilidade da coleção também favorece a criação de oportunidades financeiras, por exemplo, acedendo a programas de financiamento (Herrera Morillas, 2004).

Em Portugal, os projetos de maior relevo de digitalização de livro antigo cabe à Biblioteca Nacional, com o projeto *Biblioteca Digital*, e à Universidade de Coimbra, com o projeto *Alma Mater* (Guerreiro, 2015).

Estas duas instituições cumpram com missões distintas: a Biblioteca Nacional de Portugal é uma biblioteca patrimonial por excelência e dela se espera um desempenho de uma função que a mais nenhuma compete (Cabral, 2002). Nomeadamente, e no que diz respeito ao património bibliográfico, na definição de princípios de preservação e conservação e estabelecimento de práticas e de estratégias de transmissão, armazenamento e normalização do conteúdo intelectual. O projeto *Alma Mater* tem como objetivo disponibilizar o conhecimento produzido pelos autores formados na Universidade de Coimbra e é consubstanciado na digitalização de fundos antigos existentes na universidade e que refletem a história académica e social desta instituição.



## 2.3 Coleções fechadas são invisíveis aos investigadores

Em abril de 2016, a IFLA realiza uma conferência, na Alemanha, onde promove um debate em torno do papel das bibliotecas enquanto agentes de transformação através do acesso digital a conteúdos da herança cultural. Nesta conferência reflete-se sobre a forma como as bibliotecas podem apoiar, de forma a envolver o trabalho colaborativo, a preparação de matéria-prima digital para a investigação nas humanidades, e como as bibliotecas e as instituições patrimoniais podem comunicar e divulgar para ir ao encontro da comunidade académica, formal e informal. Nesta conferência, o investigador académico alemão Jan Christoph Meister, salienta que as bibliotecas tradicionais, entenda-se, as bibliotecas físicas, podem tornar-se ainda mais importantes. Não são apenas espaços para preservar recursos, mas também são espaços onde se agregam mais-valias a esses recursos: “to create meaning from them” (p.3). As bibliotecas do século XXI são espaços de colaboração, de criação e de exploração. Reúnem no seu centro o melhor das bibliotecas tradicionais e das bibliotecas virtuais, para um espaço vivo de ideias. Um humanista digital, Meister (2016), acrescenta que espera das bibliotecas uma participação mais ativa na digitalização de recursos relevantes e na organização dos respetivos dados, como é o caso da digitalização de coleções de jornais, para serem utilizados pelos humanistas na investigação. Reconhece que as bibliotecas têm feito um esforço na digitalização de coleções e na disponibilização do acesso a conteúdos digitais, porém, a qualidade do corpus é importante para o investigador e é papel da biblioteca garantir essa qualidade: “researchers want to be able to rely on what libraries provide to be used in technologies like topic modeling”(Meister, 2016, p. 6).

O bibliotecário responsável pelo projeto *Scriptorium*<sup>39</sup>, Silvio Corsini, afirma que “giving patrimonial printed documents a «second life» on the web is an important challenge for our institution and for enhancement of our cultural heritage”. Igualmente considera a digitalização das coleções que dizem respeito à herança cultural como uma oportunidade de conferir valor acrescentado ao património da região, levando a novas perspetivas na extração e análise de dados de conteúdos textuais e estimulando pesquisas e investigações históricas e sociológicas.

Já Walker (2014, p. 1) cita Herring e elogia o esforço das bibliotecas em preservar materiais raros e únicos evocando a investigação académica como principal objetivo. Porém, critica as instituições que não possuem as condições ideais para o efeito, ao criarem coleções fechadas e armazenadas fora do alcance da investigação: “if incunabula cannot be supervised or left open to the public, what good are they beyond service to a misguided goal?”. O autor sugere que, se as políticas de gestão e conservação das bibliotecas para as coleções especiais não asseguram o estudo e o acesso como estes recursos merecem, deve ser equacionada a hipótese de reunir esforços através de outras instituições que reúnam as condições técnicas e financeiras necessárias à preservação e divulgação das coleções especiais.

Fica demonstrada que as coleções especiais são partes essenciais das bibliotecas de investigação, porém, todas as coleções disponíveis na Web contribuem para as humanidades digitais?

Para responder a esta questão o bibliotecário alemão, Neudecker (2016), conduziu um conjunto de inquéritos a investigadores que recorrem à coleção de jornais da *Europeana* para entender como as coleções digitalizadas estão a ser utilizadas, e na tentativa de ampliar e melhorar a compreensão dos diversos cenários de uso, suas abordagens e limitações.

---

<sup>39</sup> O projeto *Scriptorium* lançado em 2012 na Suíça, pela Biblioteca da Universidade de Lausanne em parceria com o Estado Suíço, com o propósito de providenciar acesso aberto a edições mais antigas dos principais jornais do Cantão de Vaud, tem como limite cronológico o ano 1732, data do jornal mais antigo, até à atualidade.

Concluiu que a reutilização dos jornais digitalizados<sup>40</sup> confere um valor acrescentado ao estudo do desenvolvimento social e cultural da humanidade e os humanistas digitais têm interesse nos jornais digitalizados, nomeadamente na extração e exploração de dados e de texto, para os quais o volume de texto e dados são essenciais para a investigação em humanidades, em detrimento da própria qualidade da digitalização, para o aumento do conhecimento no desenvolvimento social e cultural, para a recolha de elementos da história da “vida do dia-a-dia” e dos acontecimentos que não configuram nos livros de história.

Em dez investigadores, sete utilizam os jornais como principal fonte de pesquisa devido à perspetiva única e particular sobre as pequenas histórias do quotidiano que não transparecem em outras fontes históricas: “newspapers are crucial to trying to figure out the daily life”. Sendo que um desses investigadores-académico da área da linguística recorre aos jornais históricos digitalizados para a lecionação das suas aulas (Neudecker, 2016).

Neste estudo, o autor identificou um conjunto de casos de uso de jornais digitalizados pela comunidade académica, pela indústria e empresas criativas:

Em primeiro lugar, o projeto *Trove* é um exemplo de um projeto de digitalização da herança cultural aliada às tecnologias e o sucesso não se deve apenas à sua dimensão ou ao sucesso das atividades de correção de OCR através do *crowdsourcing*<sup>41</sup>, mas também devido aos vários exemplos de reutilização que realmente ajudam a demonstrar a multiplicidade de conteúdos gerados a partir desta fonte primária. A página do projeto permite rastrear os projetos ou novos conteúdos que se basearam, originalmente, no *Trove*.

Em segundo lugar, *O Ravelry*, uma página de tricot e crochet que lista 978 padrões de *tricot* que foram extraídos dos jornais inseridos no *Trove*. O “Elefante Elegante” surge na edição de 25 de novembro de 1959 da revista “The Australian Women's Weekly” foi reproduzido 53 vezes com base no padrão encontrado nos jornais de *Trove*.

Em terceiro lugar, *Eyes on the past* é outro bom exemplo de como uma coleção especial disponível na Web se transforma em projetos criativos, inovadores e de como explorar o conteúdo do jornal em *Trove*. A página Web *Eyes on the past* disponibiliza cerca de 1.800 fotos de rostos humanos que foram extraídas dos jornais onde um olho poderia ser detetado usando a tecnologia de reconhecimento facial. Ao clicar num olho na página de destino da página original, é reencaminhado para o artigo de jornal onde esta imagem foi encontrada. É um projeto que espelha que o Homem é o centro da História e, simultaneamente, fornece um ponto de entrada e uma nova perspetiva para explorar a coleção de jornais digitalizados.

---

<sup>40</sup> A este propósito, em Espanha, o repositório aberto oai/PMH, financiado pelo Ministério da Cultura, é o resultado de um processo de cooperação de digitalização das Regiões Autónomas e de instituições de memória para preservar e tornar acessível os jornais históricos publicados em Espanha. Disponível em <http://prensahistorica.mcu.es>

<sup>41</sup> Por *crowdsourcing* entende-se por colaboração coletiva onde os voluntários constituem uma comunidade virtual cuja principal ideia é constituir um grupo amplo de especialistas a nível mundial para trabalhar em projetos de software aberto. É um mecanismo para alicerçar o conhecimento e a especialização dispersa para incorporar novas idéias e perspectivas nos projetos. Algumas das principais iniciativas estão relacionadas com a transcrição de textos, identificação de imagens, descrição de conteúdos através de plataformas específicas (Paula Dobrecky, 2016). Neste contexto, em Espanha, a iniciativa *Transcriu-me* da Biblioteca da Catalunha é um trabalho colaborativo coletivo que tem como objetivo a transcrição de manuscritos e documentos históricos digitalizados em ambiente virtual. Disponível em: <http://transcriu.bnc.cat/>.

A página *Crowdsourcing the world's heritage* elenca um conjunto de iniciativas a decorrer no âmbito do *crowdsourcing*. Disponível em: <http://www.openobjects.org.uk/2015/05/crowdsourcing-world/>

Em quarto lugar, um bom exemplo do uso inovador de conteúdo histórico de jornais por uma biblioteca nacional na Europa é fornecido pela Biblioteca Nacional da Holanda em colaboração com uma empresa. Desenvolveu-se uma aplicação para dispositivos móveis, “Here was the news!”, que estabelece ligação com os jornais históricos digitalizados com coordenadas do GPS. Permite aos utilizadores poderem facilmente encontrar artigos do passado relacionado com a sua atual localização. A aplicação, de Acesso Aberto e gratuito para telemóveis Android e iOS, foi descarregado mais de 20.000 vezes em apenas uma semana a seguir ao lançamento da aplicação.

Por fim, em quinto lugar, outro exemplo de utilização de jornais históricos é a investigação e o estudo da genealogia e a história das famílias. Empresas e iniciativas como *FamilySearch* ou *Ancestry.com* prestam serviços de desenho de árvores genealógicas cuja principal fonte de informação são os jornais históricos digitalizados. Enquanto o *FamilySearch* é um serviço gratuito e voluntário, administrado pela Sociedade Genealógica da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o *Ancestry.com* é uma empresa privada que exige que os assinantes paguem uma taxa mensal pelo uso dos dados genealógicos (Neudecker, 2016).

Nos casos citados é evidente que o livre acesso às coleções especiais, em ambiente digital, realça a importância de divulgar as mesmas junto da comunidade académica e de investigadores, e demonstra como a divulgação fomenta a pesquisa, a aprendizagem e veicula saberes específicos.

As bibliotecas que possuem coleções especiais deparam-se com duas questões, quase contraditórias: o da importância de preservação e a de torna-las acessíveis ao público.

Abrir as coleções especiais à comunidade confere uma maior visibilidade e credibilidade à biblioteca porque se assume como uma instituição de salvaguarda do património e, conseqüentemente contribui para aumentar as coleções por via de importantes doações, do ponto de vista bibliográfico e histórico, e, em última análise, pode proporcionar à biblioteca adquirir outro tipo de especialização.

Assumindo este grau de especialização de proteção da herança cultural, a biblioteca conquista o lugar que lhe é devido na comunidade e mais facilmente lhe será garantido um financiamento para assegurar a continuidade do trabalho para projetos de digitalização e de salvaguarda da herança cultural da comunidade. E, a instituição afirma-se como um parceiro ativo e colaborativo na comunidade, capaz de assumir compromissos relevantes para a história local.

Ao disponibilizar as fontes primárias na Web fomenta a reutilização criativa e os benefícios para a sociedade e para a economia são evidentes: recorde-se o projeto “Here was the news!” e o seu impacto no desenvolvimento da indústria turística.

As instituições de memória têm a responsabilidade de abrir as coleções o mais amplamente possível. Para tal devem-se concentrar em tornar a digitalização mais utilizável para o trabalho, aprendizagem e lazer, assim desenvolvendo padrões, adotando novas tecnologias, alterando as restrições de direitos de propriedade e de autor e promovendo o desenvolvimento de novos modelos de negócios. As bibliotecas detentoras deste património deverão saber como as coleções deverão ser promovidas e como estas podem interagir com a comunidade académica e local, pois, quando funcionar corretamente, os resultados serão positivamente imprevisíveis (Harris & Weller, 2012).

Harris e Weller (2012) citam Peter Graham<sup>42</sup>que, em 1998, se mostrava preocupado com o futuro do papel do bibliotecário na era eletrónica e com a sua prescindibilidade. Como resposta a esta preocupação, Harris & Weller apontam as competências técnicas e profissionais do bibliotecário no manuseamento, pesquisa e estudo dos recursos de fontes primárias como

---

<sup>42</sup> Cf. Graham, P. S. (1998). New roles for special collections on the network. *College & Research Libraries*, 59(3), 232–239.

uma vantagem e uma vertente a considerar no ensino e na investigação nas humanidades, sobretudo na disponibilização do material único e raro das coleções especiais.

Os autores defendem que<sup>43</sup> o impacto do contato direto de estudantes com as fontes primárias não se traduz exclusivamente ao ensino superior. A nível do ensino básico e secundário, é possível a biblioteca adquirir uma matriz de elevada relevância ao providenciar acesso às fontes históricas da comunidade local. Seja na seleção da informação veiculada em contexto de escola, como também na definição de estratégias de pesquisa dos próprios recursos. Igualmente, referem vários estudos que sublinham um aumento da procura de fontes primárias da história local nos mais diversos formatos, designadamente, imagens, manuscritos.

Assim, a biblioteca tem um papel relevante na formação do estudante enquanto utilizador de informação e possível futuro investigador e cidadão ativo na comunidade. Os autores concluem que a abertura do acesso aos jovens alunos não só contribui para aumentar as oportunidades de aprendizagem, mas também oferece mais uma oportunidade para reforçar o papel dos bibliotecários na recolha, organização e preservação do património documental.

Os bibliotecários de coleções especiais devem desenvolver planos que abrangem não apenas as atividades tradicionais de divulgação<sup>44</sup>. Devem ir além das atividades tradicionais e procurar soluções criativas e inovadoras nas ferramentas digitais, na disseminação através da digitalização, na educação ativa e nas parcerias com escolas. A título de exemplo, os autores defendem que o bibliotecário pode promover uma aula, em contexto escola, de recolha, pesquisa e utilização de fontes primárias e, simultaneamente, realizar ações de sensibilização nas instituições de investigação para possíveis parcerias e colaboração em programas de recolha e estudo das fontes primárias. Os projetos de colaboração oferecem oportunidades para dar visibilidade às coleções de forma inovadora (Harris & Weller, 2012).

Proffitt e Schaffner (2008) defendem que há um longo caminho a percorrer no que diz respeito às consequências imediatas e no impacto da digitalização das coleções especiais, e sublinham a importância das bibliotecas em conceber formas de avaliação do uso de coleções especiais e de colaboração com a comunidade académica. O potencial das coleções especiais em formato digital deve ser explorado e as bibliotecas devem continuar a preservar essas coleções e encontrar novas formas de fornecer acesso às mesmas, e citam Adams: "treasures that were once accessible only to a select few are now accessible to everyone".

Tal como Walker (2014) que sustenta que estudantes aprendem a avaliar evidências, construir argumentos persuasivos e a tirar conclusões significativas quando têm a oportunidade de interagir com fontes primárias, Harris & Weller (2012) também defendem que é claro o benefício nos alunos no uso dos recursos originais.

São vários os projetos que evidenciam o valioso contributo das coleções especiais digitalizados. O projeto de âmbito internacional, *Cultural Heritage Language Technologies*<sup>45</sup>, baseado no estudo comparativo do grego clássico, latim e nórdico antigo, que recorre a coleções digitalizadas de textos originais para a construção de ferramentas digitais para a recuperação da informação multilingue, para a identificação e visualização de conceitos, para a construção de perfis de vocabulário, ferramentas de análise sintática e de desambiguação morfológica, programas de partilha de dados, metadados e outras ferramentas permitindo que

---

<sup>43</sup> através do trabalho de campo de professores e bibliotecários norte-americanos que desenvolvem um programa de colaboração baseado no uso e manuseamento de coleções especiais

<sup>44</sup> Os autores, Harris & Weller (2012), nomeiam algumas formas de divulgação da coleção especial em espaços físicos para a salvaguarda do património local e do estudo da herança cultural: exposições regulares para destacar as particularidades das coleções; realizar palestras, seminários e colóquios em ambiente académico. Trabalhar com agentes de desenvolvimento e de promoção turística. Estabelecer parcerias com outras bibliotecas e desenvolver programas concertados.

<sup>45</sup> Disponível em <http://www.chlt.org/CHLT/>

as bibliotecas parceiras gerem hipertextos automáticos que liguem recursos semelhantes em diferentes coleções

Fica demonstrado que o uso de coleções especiais como uma oportunidade de desenvolvimento de projectos de investigação académica assim como, de forma criativa, de servir de alavanca para a criação de empresas e de projetos de negócio originais.

## 2.4 Valorização do património documental, bibliográfico e cultural da comunidade

Até aqui, procurou-se compreender a forma como as coleções especiais são relevantes para a investigação nas ciências sociais e humanas e como o humanista digital percebe, entende e age sobre as coleções digitais.

A UNESCO declara que “heritage constitutes a source of identity and cohesion for communities disrupted by bewildering change and economic instability” (UNESCO, 2013a) e que a cultura é um catalisador para a mudança social e económica. Nesta perspectiva, infere-se que a valorização do património cultural local constitui uma mais-valia para o crescimento da região, porém, é necessário tornar a herança (re)utilizável. O uso da tecnologia emergente, como vimos, nas humanidades digitais é igualmente um requisito incontestável para, por um lado, permitir que as instituições de património cultural armazenem os seus ativos digitais em formas acessíveis e, por outro, desbloquear o património cultural para a criação e construção de novos saberes e objetos.

Assim, os Fundos Locais e Fundos Antigos das bibliotecas públicas, enquanto coleções patrimoniais de uma região, constituem, em dois aspectos, um motivo de atenção especial e cuidada por parte dos bibliotecários. Em primeiro lugar, consideremos os casos anteriormente mencionados: a digitalização dos jornais permite constituir ou desenvolver empresas e serviços baseados nos conteúdos históricos que se traduzem em produtos diferenciadores e, como consequência, são uma alavanca para a economia. Em segundo lugar, a valorização do património local à escala local com impacto global permite unir a comunidade através da cultura, tornando uma herança comum disponível para todos em termos de trabalho, aprendizagem, investigação ou lazer e estimulando na comunidade a crença de que herança cultural pertence a todos.

Para Harris e Weller (2012) a valorização e o acesso ao património cultural local à escala global, para além de conferir elementos distintivos à comunidade, irá fomentar valores de pertença e de identidade nos cidadãos. Por conseguinte, potencia a criação de novos utilizadores da biblioteca pública. Deste modo podemos distinguir três grandes grupos de utilizadores: no sentido mais alargado, o cidadão comum, que é, por excelência, o utilizador real e potencial da biblioteca pública, os criativos e empresários e, por fim, os investigadores. No que concerne o cidadão comum, a biblioteca pública configura-se como um lugar onde se encontra tudo o que se sabe sobre a cultura e a sociedade local e, para além disso, promove a participação ativa da comunidade na recolha e na divulgação do património e, ao congrega a partilha com os cidadãos de várias áreas do saber e de campos específicos, estes contribuirão com nova informação, enriquecendo aquela que já está disponível, quer ao nível das fontes primárias, quer da sua descrição. O segundo grupo de utilizadores é constituído pelos criativos e empresários, com um fácil acesso ao património cultural, que tenderão a usar para desenvolver novos serviços, por exemplo para atrair turistas para a região, inspirar novas ideias empresariais, criar novos empregos e, conseqüentemente, desenvolver a economia regional e local. Por fim, o grupo dos investigadores é aquele que apresenta maiores exigências, como já foi demonstrado,

pois requer níveis de serviço garantidos e acesso a conteúdo reutilizável e de alta qualidade. Os investigadores anseiam por plataformas colaborativas que lhes dão maior latitude. A área da educação e da investigação abre novas perspetivas sobre o passado ao aceder, livremente, às fontes primárias.

Estamos perante uma mudança de paradigma, em que a revolução digital é uma alavanca para a divulgação do património cultural existente em cada comunidade local e o acesso a estes raros e valiosos materiais por parte do investigador em humanidades ou de um simples cidadão curioso vai incrementar novos saberes, uma vez que estes já não se encontram guardados em depósitos inacessíveis e inexploráveis. Se, por um lado, é um contributo para a valorização da herança cultural de uma comunidade, será também uma forma de colocar este mesmo património a circular nas redes do mundo globalizado, contribuindo assim para o reforço da identidade nacional e local, providenciando uma plataforma para que famílias e historiadores possam dar a conhecer histórias desconhecidas ou esquecidas. Overholt (2013) assegura que, uma vez convertidas as coleções especiais em formato digital, “we can expect an explosion of innovative uses by nontraditional users”. É difícil prever, não só quais as utilizações ou as reutilizações das coleções especiais uma vez lançadas no mundo digital, como também que ferramentas digitais serão construídas para aprofundar o estudo destes objetos, e é nesta incerteza que se abre a expectativa de um futuro promissor na área das humanidades. O acesso a uma vasta gama de fontes primárias irá revolucionar a investigação e seremos surpreendidos “by the uses made of our collections in ways we could have never imagined and on scales we could never have accomplished on our own”.

Neste sentido, entende-se a biblioteca pública como um “laboratório” que aposta na inovação cultural, usando a riqueza do passado na formação e educação dos cidadãos. É, como já vimos, a espinha dorsal que permite armazenar, aceder, utilizar e partilhar. Porém, face às novas exigências inerentes ao uso de ferramentas digitais e às novas formas de investigar, as bibliotecas públicas e os seus profissionais precisam de continuar a fornecer o catalisador para melhorar a maneira como se acede ao património cultural e melhorar a qualidade dos dados que disponibilizam para o mundo.

O livre acesso ao património cultural contribui para a valorização dos fundos locais e constitui um apoio ao crescimento da economia local e à criação de emprego, na medida em que será um centro de fornecimento de matéria-prima para as indústrias criativas e facilitará a atividade económica baseada em recursos culturais digitalizados. Da mesma forma, o material digitalizado de instituições culturais pode ser reutilizado para o desenvolvimento de conteúdos educativos e de aprendizagem, documentários, aplicações turísticas, jogos, animações e ferramentas de design. Além disso, e indo ao encontro da ideia veiculada por Harris & Weller (2012), Luft (2015) e Terras (2015), os conteúdos digitalizados são um importante banco de ensaios para novas tecnologias e ideias inovadoras que podem, então, ser aplicadas no mercado.

Para Harris e Weller (2012) a digitalização é o método mais eficaz de tornar as coleções especiais mais visíveis e acessíveis e, como uma boa parte do que é digitalizado são as imagens fotográficas, as plataformas sociais como o *Flickr* são eleitas para disponibilizar estes conteúdos em livre acesso. A estatística comprova que o número de visualizações aumenta significativamente aquando da disponibilização das coleções especiais. Porém, para aqueles autores, fica por esclarecer a relação direta com a investigação académica, no sentido em que o retorno do uso, o modo como é utilizado e o número de vezes em que é citado em trabalhos académicos fica por apurar neste tipo de plataforma e, acrescentam, estudos demonstram que os investigadores em humanidades ainda realizam pesquisas aplicando métodos tradicionais, ou seja, privilegiam o contato direto com a fonte primária.



Apesar dos elevados custos da digitalização de grandes quantidades de coleções de manuscritos e de grande parte destes conteúdos ser baseado em textos e, por isso, destinado a um público-alvo muito específico, Harris e Weller (2012) consideram que a acessibilidade às coleções digitais via Internet, seja em formato de fotografia, seja em registos eletrónicos, é uma oportunidade ao alcance de todos. Trata-se de uma situação inimaginável há apenas alguns anos atrás que, ao criar a oportunidade de tornar acessível e divulgar uma coleção menos conhecida possibilita a captação do interesse de novos públicos e desperta curiosidade naqueles que não têm por hábito recorrer à biblioteca. Embora seja difícil determinar o impacto da digitalização sobre a utilização real das coleções, os autores afirmam que os resultados e os benefícios serão visíveis a longo prazo e citam um caso de sucesso em que um utilizador, nos Estados Unidos, após ter recorrido à coleção especial de fotografias disponível em formato digital, efetuou uma doação considerável à instituição detentora da coleção, proveniente de um fundo fotográfico decorrente do trabalho que realizara. A aquisição desse conjunto de fotografias trouxe valor acrescentado e agregou contexto e riqueza à coleção.

É também conhecido o exemplo da coleção de fotografias da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, que começou a ser digitalizada em 2000 e está livremente acessível através da plataforma social Flickr desde 2008. Um estudo de Leitão (2010) demonstra como o alcance desta coleção se tornou exponencialmente maior a partir da adesão ao Flickr, sendo de salientar a novidade do contributo voluntário e autónomo dos utilizadores que, a partir do conhecimento próprio de figuras, locais e acontecimentos, acrescentam informação à informação produzida pelos bibliotecários e resolvem dúvidas relativas a documentos mal identificados pela fonte produtora e que a biblioteca não conseguiu solucionar<sup>46</sup>.

Fica assim demonstrado que o processo de angariação de material para o enriquecimento das coleções especiais estabelece novas ligações com a comunidade, confere maior visibilidade às coleções, muitas das quais, outrora de carácter particular e permite um maior acesso a um vasto e mais alargado público, a professores, investigadores e ao cidadão comum. Para além disso, reforça a posição da biblioteca na comunidade enquanto instituição de salvaguarda do património, promotora de coesão social e difusora da informação.

## 2.5 A investigação académica e a Biblioteca Pública

Após esta pequena reflexão sobre as coleções especiais, as fontes privilegiadas dos investigadores em humanidades, e sobre a preservação e respetiva visibilidade de obras que configuram a história das ideias e do património documental como uma vantagem para a divulgação e valorização da memória da comunidade local, é inevitável fazer uma pequena incursão na relação entre a investigação e a biblioteca pública.

A revolução digital está a interligar investigadores e instituições de memória. Ignorar esta tendência é colocar em causa esta parceria e fragilizar a posição da biblioteca face à produção de novos saberes, remetendo-a para uma função de museu e não como uma contribuidora em pleno para a investigação.

As bibliotecas especializadas e do ensino superior são por natureza as instituições que têm por missão apoiar a aprendizagem, o ensino e a investigação e assegurar o acesso aos recursos de informação de forma a providenciar respostas às necessidades do seu público alvo: estudantes e investigadores académicos. Estas só cumprem a sua missão se estiverem ao serviço

---

<sup>46</sup> A Coleção de Fotografia da Biblioteca de Arte da FCG pode ser consultada em: <https://www.flickr.com/people/biblarte>.

da comunidade acadêmica e das suas reais necessidades. O manancial de informação que detêm tem que ser organizado, localizado e acedido, mas também utilizado de forma pertinente pelos seus utilizadores. Enquanto várias disciplinas científicas dependem cada vez mais de serviços de pesquisa fornecidos por iniciativas nacionais, agências de financiamento ou centros de investigação, as humanidades têm relações simbióticas de longa data com as bibliotecas (Schaffner & Erway, 2014, p. 16).

Vandegrift e Varner (2013) estabelecem uma relação direta entre as humanidades digitais e as bibliotecas, defendendo que ambas “are tasked with collecting, organizing and preserving our shared, collective memory. They help us remember the past, understand the present and build the future.” E acrescentam que as humanidades digitais e as bibliotecas são parceiras naturais, visto que as bibliotecas têm forças inerentes que refletem e complementam as necessidades primordiais das humanidades digitais: uma colaboração que é benéfica para ambas as partes. Com o impulso digital nas humanidades, a biblioteca pode reinventar o seu lugar na investigação académica e na produção de novos saberes ao providenciar aos académicos e estudiosos os recursos para a investigação.

Creating knowledge and understanding through science equips us to find solutions to today’s acute economic, social and environmental challenges and to achieving sustainable development and greener societies. As no one country can achieve sustainable development alone, international scientific cooperation contributes, not only to scientific knowledge but also to building peace. (UNESCO, 2013b)

Assim, compete às bibliotecas acompanhar as mudanças no domínio dos conteúdos e dos meios utilizados na disponibilização de informação e proceder ao ajuste dos serviços oferecidos aos utilizadores para que estes tenham um fácil acesso aos recursos culturais nas instituições patrimoniais. Ou seja, criando condições para que desenvolvam a capacidade de obter uma compreensão precisa e profunda das lições do passado (Escande, 2016).

De acordo com Amante, Extremer Placer e Costa (2011) “a penetração das TIC, a explosão dos conteúdos de informação digitais, os projetos de digitalização e a Internet implicam transformações no ensino e na aprendizagem, na comunicação académica e no papel tradicional dos serviços de informação”, referindo ainda que “estes desafios criam um ambiente dinâmico que os bibliotecários devem entender como uma oportunidade”, uma vez que as bibliotecas têm que passar a constituir-se como centros de aprendizagem ativos, alcançar maior centralidade e uma posição estratégica no seio das suas instituições de ensino superior (Amante et al., 2011, p. 4)

Em consonância com esta ideia, Borges (2015, p. 205) constata que “estar no centro dos fluxos de informação requer que a biblioteca adote uma estratégia de integração: integração com outros sistemas, com novos ritmos dos utilizadores, com novos objetos, com novas formas de fruição dos seus espaços, e tudo isto coloca novos desafios às bibliotecas e aos seus profissionais”. Neste contexto, aponta para a importância da integração de novas plataformas digitais para o efectivo acesso aos recursos de informação que as bibliotecas sempre procuraram garantir, e vai mais longe ao afirmar que “o livre acesso à informação de qualidade torna-se mais urgente numa sociedade globalizada, de modo a garantir o acesso a todos sem exceção” (Borges, 2015, p. 201) e que “o acesso sem restrições a informação científica torna-se a garantia de um uso mais amplo desta informação, condição indispensável não apenas para os investigadores, mas também para a aprendizagem ao longo da vida de outros tipos de público, além do público em geral”.

É explícito no *Manifesto da IFLA/UNESCO Sobre as Bibliotecas Públicas* (1994) que a educação formal, a todos os níveis, e a promoção do “conhecimento sobre a herança cultural”, são pedras basilares para a execução da sua missão, e a literatura consultada demonstra que as bibliotecas públicas são instituições que identificam a recolha e salvaguarda do património local como uma das suas mais importantes missões. Esta constatação remete para a ideia defendida por Borges (2006, p. 532) de que as bibliotecas públicas são o lugar de excelência de acesso à informação e que o “conhecimento, esse bem público por excelência, não se esgota pelo uso, muito ao contrário, vive desse uso e da capacidade de significação de novos contextos. O princípio do acesso é de uma simplicidade e evidência que dificulta qualquer argumentação, já que não é possível negar que, ao menos idealmente, o conhecimento deve poder abrir-se a todos sem excepção, condição básica de crescimento da pessoa humana”. Assim, sem perder a sua identidade, que se consubstancia em prestar diversos serviços de informação à sua comunidade, as bibliotecas públicas desempenham um papel preponderante no apoio à investigação científica e no acesso às fontes primárias e à herança e memória cultural da sua comunidade. As coleções que conferem originalidade às bibliotecas públicas são a matéria prima dos investigadores das humanidades.

Para além disso, ao já cumprir com essa função, as bibliotecas podem contribuir para projetos das humanidades digitais por serem um ponto de acesso a recursos de informação para a investigação e o ensino, e por possuírem experiência adquirida na disseminação do conhecimento. Isto porque procuram o aperfeiçoamento e um impacto social significativo e relevante, um amplo conhecimento na aplicação de normas de preservação, acesso aberto e interoperabilidade, e detêm experiência em gestão de direitos de propriedade intelectual. Nesse sentido, podemos afirmar que as relações de partilha entre a comunidade académica e as instituições de salvaguarda do património serão reforçadas. A coleção especial acessível no mundo digital permite - para além da criação de novos grupos de utilizadores da biblioteca e do acesso a materiais raros e únicos – constituir uma maior coleção e estabelecer novas relações entre as bibliotecas e a investigação académica (Schaffner & Erway, 2014). Realce-se que, no processo de investigação, criam-se condições para a contribuição e enriquecimento das coleções através da agregação dos resultados da investigação à coleção especial: “We must ensure custodianship of their discoveries and we must ensure that these important scholarly results will be included in collections” (Proffitt & Schaffner, 2008).

A divulgação do trabalho produzido e o impacto que tem na comunidade encerram um efeito positivo de valorização da coleção, o que irá conferir maior visibilidade à comunidade local, mas também irá aumentar a confiança da população na biblioteca pública como instituição de salvaguarda da memória, aumentando assim as responsabilidades da biblioteca pública neste domínio. Esta dinâmica tenderá a despertar nos particulares a vontade de transferir a guarda do património familiar para a biblioteca, o que contribuirá fortemente para uma consolidação da biblioteca pública na comunidade, para a aquisição de novos recursos e de fontes primárias, um fortalecimento das relações com a comunidade e um reforço da colaboração com o exterior. O uso da tecnologia digital para o armazenamento, preservação e partilha da informação permitirá criar canais de comunicação entre a comunidade local e a comunidade académica e científica.

Na linha de pensamentos veiculadas nos capítulos anteriores, é essencial que o cumprimento desta missão seja sustentada em relações bilaterais entre bibliotecários e investigadores. Para Romanello e Bodard (2016) é necessário tornar a investigação e os estudos sobre a história e memória dos nossos antepassados mais acessível e “comunicável” para o cidadão comum. Tal implica que as ferramentas digitais, os métodos e abordagens implementados e desenvolvidos na área das humanidades digitais potenciem a comunicação e

a divulgação de conteúdos em novos formatos de mediação, alcançando assim novos públicos. Defendem que as ferramentas tecnológicas permitem alcançar com maior profundidade e melhor compreensão o património cultural. Simultaneamente, permitem contar as histórias dos nossos antepassados de forma mais acessível, facto que tem sido negligenciado pela comunidade académica. Os autores defendem que a colaboração e a partilha entre a comunidade académica e bibliotecários tenha em conta os interesses dos parceiros não académicos, e que o discurso de defesa e estudo da herança cultural tenha em consideração o contribuidor anónimo da memória local da comunidade civil.

Neste contexto particular que tem vindo a ser analisado, são as próprias possibilidades das múltiplas tecnologias a fazer um uso criativo da herança cultural que permitirá que os resultados da investigação se tornem acessíveis ao cidadão comum. As tecnologias digitais aliadas às ciências humanas contribuem substancialmente para o crescente interesse em colocar o património cultural na Web, não só para os investigadores académicos, mas também para a promoção de competências em literacia da informação e aprendizagem ao longo da vida do público em geral (Hockey, 2004).

Na realidade, como é referido ao longo do trabalho, a introdução das tecnologias digitais como meio de agilizar a investigação e envolver alunos e académicos a trabalhar e a contribuir para o estudo dos objetos de outros tempos conduz à discussão do envolvimento da comunidade como ponto chave. Estabelecer ligações directas entre o cidadão comum e a importância das humanidades e a contribuição das humanidades digitais na comunicação fornece tanto valor para a academia como para a comunidade em geral.

“At the same time, we should also be communicating the importance and relevance of digital humanities practice, which includes a great degree of self-reflection and attention to historical developments, outside of the discipline itself. Making it clear that digital classics is at the hub of many collaborations, innovative teaching and research projects, and instrumental **in bringing scientists and citizens to contribute to the study of antiquity, should be a great demonstration of this relevance**”. (Romanello & Bodard, 2016, p. 10)<sup>47</sup>

Neste campo, além de pensar sobre as necessidades do utilizador, dos investigadores e dos seus parceiros da comunidade, e no contexto da sua própria identidade, dos seus serviços e missão, é também importante que as bibliotecas estabeleçam linhas estratégicas de desenvolvimento das atividades de digitalização para divulgação e acesso à herança cultural. Para tal, a colaboração com os humanistas digitais e com o saber científico produzido nas universidades e no mundo académico beneficia a concretização das funções de uma biblioteca pública (Johnson, 2015 & Rodríguez-Yunta, 2013). No mesmo sentido, Rockwell (2013) considera que, para conceber um programa nas humanidades digitais, é preciso reunir as condições de inovação, interdisciplinaridade, grau de pertinência ou mais-valia para a economia, mas com a perícia dos especialistas. E, conjuntamente com a biblioteca, que tem por missão preservar a memória e é uma instituição, por excelência, de contato direto com a comunidade, elaborar um projecto que combine a força matriz das humanidades digitais com a natureza implícita das bibliotecas públicas. Tal projecto incide, em primeira instância, na comunidade e, em última instância, na criação de conhecimento, reforço de sinergias na comunidade e aumento do movimento da economia (Rockwell, 2013)

---

<sup>47</sup> Destaque a negrito é nosso.

Um exemplo da participação interativa e colaborativa da comunidade em projetos de recuperação do património cultural é evidente no projeto *Pacific Alternatives*, desenvolvido na Noruega, cujo objetivo era a digitalização de uma canoa de guerra originária das Ilhas Salomão, que se encontrava no British Museum. Este projeto era de grande interesse para a população de Vella Lavella pois era uma oportunidade de devolver à comunidade um artefacto importante para a história das ilhas. Numa primeira fase procedeu-se à obtenção da imagem 3D do barco de 11 metros. Após o complicado procedimento de obter uma imagem digital e de todas as características deste objeto, o resultado foi apresentado à comunidade. O impacto não foi o esperado, pois a comunidade não via na imagem o objeto que outrora era seu. Fatores como a falta de cor e todos os elementos decorativos que conferiam a unicidade e originalidade ao artefacto não foram capturados pelo projeto. Assim, numa segunda fase, a equipa resolveu aprimorar a tecnologia e conseguiu apresentar uma imagem mais fiel à realidade. Apesar da utilização de tecnologia de ponta, fica claro que, de forma que a imagem 3D fosse, de facto, de grande utilidade para os investigadores, e conseqüentemente, para a comunidade, era necessário redimensionar o modo como a tecnologia funcionava para captar a imagem do objeto de forma mais precisa. O impacto foi extremamente positivo e, de acordo com investigadores como Robson *et al.* (2012), o projeto constituiu uma oportunidade para redescobrir as técnicas ancestrais utilizadas na construção da canoa e devolveu à comunidade uma parte da sua herança cultural. Tornou-se, pois, evidente quais os benefícios ao conceber tecnologia focada nas necessidades da comunidade e na restituição de saberes antigos.

Por outro lado, Harris e Weller, (2012) defendem que os profissionais das bibliotecas, pelo seu profundo conhecimento das coleções, reúnem as condições para apoiar os investigadores no acesso e uso das fontes primárias de forma mais produtiva e eficiente. Os autores destacam um projeto colaborativo na Universidade de Illinois em Chicago, nos Estados Unidos da América, de construção de uma coleção especial sobre o comércio de escravos no Atlântico. Uma das etapas do projeto consistiu na transcrição de cartas e diários da Serra Leoa, uma tarefa que tornou o material mais útil para os alunos da faculdade que, posteriormente, utilizaram esse mesmo material para a redação de artigos de investigação e exploração de novos campos de estudo. Um dos aspetos mais evidenciados para o sucesso deste projeto consistiu no papel primordial dos bibliotecários. Segundo os autores, os alunos envolvidos neste projeto identificaram o serviço de referência como o fator mais importante para a investigação, ou seja, o apoio e a disponibilidade de um bibliotecário com profundos conhecimentos da coleção especial para aceder aos conteúdos transcritos e imagens digitais, e, conseqüentemente, para satisfazer as necessidades dos alunos. Se, para a execução e sucesso deste projeto, é necessário um linguista e um especialista em paleografia para descodificar as cartas e diários de Serra Leoa, também é necessário um engenheiro informático para dar resposta à parte informática do projecto. O bibliotecário é uma peça fundamental, pelo seu grau de conhecimento da coleção e pelas suas competências na organização e pesquisa da informação. Transportando esta evidência para a realidade das bibliotecas públicas, um bibliotecário da rede pública tem um contacto direto com a comunidade e com as suas particularidades, logo será também um elemento essencial para a descodificação e descoberta de conteúdos.

Sob o princípio de que “galleries, libraries, archives and museums have a fundamental role in **supporting the advance of humanity’s knowledge**. They are the **custodians of our cultural heritage** and in their collections they hold the **record of humankind**”<sup>48</sup>, a Comissão Europeia financia a iniciativa *OpenGLAM*<sup>49</sup> que é constituída por uma rede diversificada de organizações e de projectos. Este projeto pretende criar uma rede de património cultural a que

---

<sup>48</sup> Destaque a negrito nosso.

<sup>49</sup> Disponível em <https://openglam.org/>

todos possam aceder, usar e desfrutar e, sobretudo, que possa servir como plataforma de partilha de dados e de investigação relacionada com a herança cultural.<sup>50</sup>

A Biblioteca Pública de Boston<sup>51</sup> representa um exemplo de como uma instituição desta natureza cumpre a missão de salvaguarda da memória, acesso à informação e apoio à investigação académica. O sítio Web da biblioteca tem uma área para os serviços de investigação onde se encontra o acesso direto para as diversas coleções especiais devidamente organizadas, informação sobre as condições de uso dos conteúdos e um formulário de contacto direto com o bibliotecário responsável pela coleção.

A relação entre as bibliotecas públicas e a investigação académica consolida-se, assim, numa progressiva fusão de objetivos que tornam o acesso à herança cultural de cada um de nós, mais próxima de todos.

---

<sup>50</sup> À data da redacção do presente estudo, Portugal não está representado na iniciativa e, como tal, não existe um embaixador nem um *OpenGlam* Local.

<sup>51</sup> Disponível em [www.bpl.org](http://www.bpl.org).



### 3 AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS PORTUGUESAS E AS HUMANIDADES DIGITAIS

Até aqui, o presente trabalho refletiu sobre a relação entre as bibliotecas públicas e as humanidades digitais. Constatou-se que as coleções especiais constituem a matéria prima para os investigadores das humanidades. Para além disso, analisaram-se as potencialidades das ferramentas digitais para a descoberta e utilização das coleções especiais quando são disponibilizadas na Web. Adicionalmente, a literatura consultada permitiu identificar os parâmetros e requisitos essenciais para a utilização dos conteúdos digitais por parte da comunidade académica.

Neste capítulo apresenta-se o estudo empírico, que parte da seguinte questão: existe nas bibliotecas públicas portuguesas um processo estruturado na gestão das coleções especiais com reflexo para a investigação nas humanidades digitais?

Esta fase tem como objetivo analisar a relação entre as práticas vigentes nas bibliotecas públicas portuguesas para a disponibilização das coleções especiais no mundo digital e as necessidades dos investigadores. Para tal, partiu-se do universo de bibliotecas públicas e municipais portuguesas, selecionou-se um método que permitisse fornecer a informação necessária para fazer uma pesquisa integral. Seguiu-se o método da observação direta e análise descritiva dos dados. O nosso estudo é assim um estudo analítico, na medida em que procura explicar os resultados tendo em consideração a observação direta das plataformas Web. Para obter informação válida a partir dos dados recolhidos, considerou-se necessário adoptar uma abordagem estruturada e estabelecer um mecanismo de registo de informação para identificar os aspectos determinados previamente que são relevantes para o estudo. Pretendia-se observar e registar da forma mais objetiva possível e interpretar depois os dados recolhidos. De acordo com Bell (1997), apesar das inúmeras técnicas de recolha de dados, não há um método que seja ideal para um trabalho em particular. É necessário adaptar os instrumentos de pesquisa selecionados e estabelecidos, de forma a obter respostas.

Neste sentido, após a determinação do método que melhor servia os fins do presente estudo, conceberam-se os instrumentos de recolha de informação mais apropriados para o registo da observação: uma ficha de avaliação, cujos campos de observação foram preenchidos de acordo com os critérios e aspetos essenciais apontados ao longo da etapa teórica.

#### 3.1 Identificação da presença das bibliotecas públicas portuguesas na Web

Numa primeira fase, adoptou-se como principal método a pesquisa exploratória onde se realizou um estudo da realidade portuguesa, baseado na observação de sítios Web e plataformas utilizadas pelas bibliotecas, para recolha directa da informação. Como campo de análise para esta etapa, definimos o universo das Bibliotecas Públicas e Municipais em Portugal (adiante designado por BPMP). Esta etapa teve início na identificação da presença das bibliotecas públicas portuguesas na Web, utilizando como fonte de informação os dados disponíveis na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas<sup>52</sup> (adiante designado por RNBP) e a Wiki Diretório de Bibliotecas<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Disponível em: <http://bibliotecas.dglab.gov.pt>

<sup>53</sup> Disponível em: <http://bibliotecas.wikifoundry.com>



De acordo com a informação veiculada na página da RNBP<sup>54</sup>, existem 303 bibliotecas municipais em Portugal, sendo que a rede nacional é constituída por 215 bibliotecas públicas. Na mesma página, é possível pesquisar, em subpáginas diferentes, por bibliotecas públicas com presença na Web e por OPAC. Verifica-se que, com presença Web, constam 195 bibliotecas em diversas plataformas, designadamente, sítios Web, blogue, Facebook, Twitter, Flickr, Youtube, Scribd. Quanto aos catálogos, a RNBP refere a existência de 139 OPACs.

Para atingir o objetivo do estudo, ao longo esta etapa foram analisadas todas as plataformas referidas e todos os catálogos para apurar as bibliotecas que desenvolvem projetos ou iniciativas de recolha de memórias locais e de livro antigo. Para além disso, optou-se por analisar os sítios Web das Câmaras Municipais a que pretendem as bibliotecas públicas e municipais sem presença na Web, para verificar a existência de projetos de recolha de memórias locais e de coleções especiais. Nos catálogos disponíveis, foram efetuadas pesquisas de descoberta com recurso aos termos *Fundo local*, *História local*, *Livro Antigo*, *Fundo Antigo* e *nome geográfico da localidade*. É de referir que este ciclo de observação e análise das plataformas se desenrolou entre novembro e dezembro de 2016.

Decorrente desta análise, identificaram-se 59 casos de bibliotecas públicas com claras referências a coleções especiais, designadamente, destaque informativo para a importância e função do Fundo Local, projetos de recolha de memórias locais, coleções dedicadas a patronos, listas biobibliográficas de autores locais, imprensa regional e publicações municipais de interesse local.

Por conseguinte, e de acordo com os critérios estabelecidos – a existência de conteúdos digitais<sup>55</sup> e digitalizados relativos ao património bibliográfico e cultural da região (Fundo Local e Fundo Antigo) e de projetos de recolha, organização e digitalização – constata-se que 33 bibliotecas públicas portuguesas enquadram-se na investigação do presente estudo. Foram excluídas as bibliotecas que disponibilizam apenas as capas ou folhas de rosto das monografias em formato imagem, por não se enquadrarem no objetivo delineado.

### 3.2 Observação das plataformas digitais das coleções especiais das bibliotecas públicas portuguesas

A fase exploratória permitiu identificar as bibliotecas públicas portuguesas que disponibilizam conteúdos das coleções especiais em plataformas digitais utilizadas para divulgação e disponibilização das coleções especiais - Fundo Local e Fundo Antigo.

Após o mapeamento, 33 bibliotecas públicas foram escolhidas para serem objeto de estudo mais aprofundado e por se enquadrarem no trabalho de investigação proposto. A escolha teve como base um único requisito: disponibilização de conteúdos na Web referentes às coleções especiais da biblioteca.

A seguir, elaborou-se uma ficha de avaliação dos conteúdos para registo da recolha e organização de informação, preenchendo os campos de acordo com a presença ou ausência de parâmetros identificados no capítulo que procurou refletir sobre as necessidades dos investigadores das humanidades digitais, a saber:

---

<sup>54</sup> Data de observação: novembro a janeiro de 2016

<sup>55</sup> Entende-se conteúdo digital por conteúdos criados em ambiente virtual, ao passo que a digitalização consiste no processo de conversão de documentos em suporte físicos em formato digital.

- Tipologia do objeto: trata-se de apurar os procedimentos adotados pelas bibliotecas na disponibilização de conteúdos de âmbito local, através do processo de digitalização ou de criação de recursos digitais;
- Tipologia documental, temática e formato: permite analisar se o formato e a tipologia documental disponibilizada vai ao encontro das preferências apontadas pelos investigadores, nomeadamente o formato PDF, em primeiro lugar, e o formato Jpeg, em segundo lugar.
- Comunicação e Interatividade: neste ponto, pretende-se estudar o interface com investigadores, estudantes e comunidade científica através da identificação dos canais de comunicação disponibilizados e, para o público mais abrangente, a partilha de conteúdos nas redes sociais. A literatura consultada demonstra que o retorno do uso das coleções especiais na investigação promove a valorização, impacto e visibilidade da instituição detentora da herança cultural e fomenta a partilha do trabalho de investigação, baseado (total ou parcialmente) em recursos e fontes primárias da biblioteca. Neste sentido, a observação das plataformas incidirá na presença ou não de formulários ou informação relativamente ao envio de trabalhos de investigação subsequentes da utilização dos recursos que a biblioteca disponibiliza na Web. Para além disso, do ponto de vista da interatividade, e tal como os investigadores académicos apontaram nos estudos de Green & Courtney (2015) e Proffitt & Schaffner (2008), analisaremos a forma como se processa a visualização do conteúdo, nomeadamente, se permite a ampliação para uma mais fácil e aprofundado estudo do recurso, e se inclui a possibilidade de descarregar o documento ou parte do documento.
- Recuperação da informação: no contexto atual, onde a pesquisa da informação é um processo que requer facilidade e eficiência, e o facto de a Internet possibilitar o acesso a todo o tipo de informação não é sinónimo de qualidade e pertinência. A recuperação da informação está relacionada com questões de infraestrutura de organização da informação. Assim, iremos estudar as estruturas de pesquisa disponibilizadas pelas bibliotecas públicas para a recuperação dos conteúdos relativos às coleções especiais. É de referir que os investigadores académicos levantaram a questão da pesquisa como um ponto negativo no acesso aos recursos da herança cultural. Neste contexto, analisaremos a existência ou não de pesquisa simples e pesquisa avançada com possibilidade de refinamento de resultados e escolha de parâmetros, por exemplo: combinar a pesquisa com título, autor, data, tipo de documento; a pesquisa no formato PDF (OCR); e a existência de pontos de acesso dos recursos digitais e digitalizados.
- Metadados: dados utilizados para descrever outros dados em determinado contexto. Apresentam-se de forma estruturada com a função de descrever, explicar, localizar ou facilitar a descoberta e utilização de um recurso de informação (Riley, 2017). Para atingir o objetivo deste estudo e de acordo com as questões levantadas pelos investigadores abordadas anteriormente, iremos analisar os metadados<sup>56</sup> descritivos, tais como: título, assunto, localização física da fonte de origem criador, data, editor; os metadados técnicos, tais como: tipo de ficheiro, tamanho do ficheiro, cor; e o metadados de direitos de autor, tais como: condições de uso, acesso aberto, direito de autor e a presença da licença Creative Commons. Estes metadados têm como função a descoberta, apresentação, interoperabilidade e gestão do objeto digital, questões essenciais para os investigadores das humanidades digitais.
- Colaboração: na literatura consultada constatou-se que os autores valorizam o poder da colaboração criativa e do trabalho em rede e acreditam na parceria entre instituições culturais e instituições de investigação. O trabalho colaborativo e cooperativo permite trabalhar em

---

<sup>56</sup> No que diz respeito à tipologia de metadados, estes estão divididos em seis categorias: descritivos, técnicos, preservação, direitos de autor, estruturais e Markup. Porém, para responder ao objetivo do presente estudo, iremos analisar três tipos de metadados: descritivos, técnicos e direitos de autor.

objetivos comuns das instituições que resultam em benefícios mútuos, promovendo assim a inovação, novas formas de trabalho e criando um impacto diferenciador na investigação. Neste sentido, pretende-se averiguar se as bibliotecas públicas portuguesas são parceiras em projetos e se integram redes de colaboração e cooperação para a recolha e divulgação do património cultural em ambiente digital.

Esta etapa da investigação, realizada entre março e maio de 2017, teve como objetivo analisar as práticas de disponibilização dos conteúdos digitais, que será seguida por uma análise sistemática da informação recolhida.

### 3.3 Apresentação e discussão dos resultados

Neste subcapítulo pretende-se, com o culminar do trabalho empírico, proceder ao tratamento, descrição e análise dos dados recolhidos.

Como se pode constatar no gráfico a seguir representado, na observação exploratória foram analisadas as 303 bibliotecas públicas e municipais portuguesas. Destas bibliotecas selecionámos para o estudo as 33 que confirmavam à data da pesquisa<sup>57</sup> a disponibilização de conteúdos das coleções especiais na Web, traduzindo-se em 10,9% das bibliotecas públicas em Portugal.

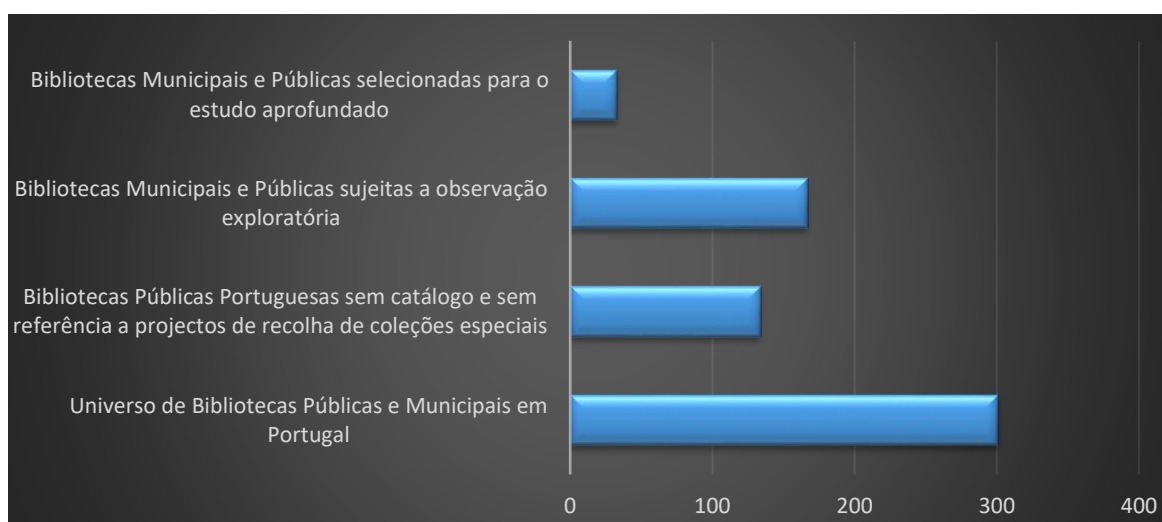


Gráfico 1: valores absolutos das bibliotecas incluídas e excluídas nas diversas etapas do estudo empírico.

É de referir que na análise das diversas plataformas das bibliotecas, identificaram-se 24 casos onde a informação é explícita sobre a presença das coleções especiais na Web. Nos restantes casos, identificados para estudar a forma como as bibliotecas disponibilizam conteúdos digitais e digitalizados referentes às coleções especiais, verificou-se que há ausência de informação nas principais páginas das instituições, o que dificulta a descoberta e a visibilidades das mesmas.

A este propósito, na página da Biblioteca Municipal de Alcobaça não há referência a conteúdos de âmbito local disponíveis para consulta. Porém, na mesma página (integrada no portal institucional da Câmara) verifica-se a existência de uma ligação para um separador designado por Biblioteca Digital<sup>58</sup>. Seguindo essa ligação, lê-se:

<sup>57</sup> Entre janeiro e maio de 2017.

<sup>58</sup> Disponível em <http://www.cm-alcobaca.pt/pt/menu/536/biblioteca-digital.aspx>

A Biblioteca Digital tem à sua disposição, gratuitamente, consolas com jogos, tablets com internet, livros digitais e barcos telecomandados. Local: Jardim de Praça João de Deus Ramos (junto ao Tribunal) – Alcobaça Horário: 09h00- 12h30 | 14h00-17h30 (2ª a 6ªfeira)

É visível, neste texto informativo, a ausência de uma ligação para outra página ou a recursos digitais, assim como a desvirtualização de uma das características essenciais das bibliotecas digitais: o acesso à distância. Ao aprofundar a observação da página, verifica-se uma ligação ao catálogo desta biblioteca que tem como opção a pesquisa e seleção de várias bases de dados. É de referir que esta opção não é evidente por não se encontrar à vista na primeira página do catálogo. Explorando a referida lista, detetou-se a existência da coleção *Recortes de Jornais*, constituída por artigos de imprensa local digitalizados associados aos registos bibliográficos do catálogo. Em suma, apenas quando se explora o catálogo é que se entende que há conteúdo digitalizado de âmbito local. Caso semelhante é a Biblioteca Municipal de Cascais, que não faz referência na página oficial (integrada no portal da Câmara) a conteúdos digitais; apenas no OPAC<sup>59</sup> é visível uma lista de bases de dados e é possível escolher, entre várias opções, por Fundo Local (integrado no separador Temas) e Biblioteca Digital de Cascais. A pesquisa com estes dois parâmetros selecionados devolve registos bibliográficos com acesso a conteúdos digitalizados.

Ainda neste contexto, a Biblioteca Municipal de Esposende apresenta na página dois separadores com referência a conteúdos digitais: *Biblioteca Digital* e *Jornais Digitais*. A análise destes dois separadores permitiu apurar que a biblioteca digital é uma lista bibliográfica de um boletim local, sem possibilidade de visualização do texto e do conteúdo dos referidos boletins. Quanto ao separador *Jornais Digitais* constitui, de facto, uma plataforma de acesso a várias publicações periódicas digitalizadas do concelho. Para além disso, no OPAC existe uma terceira biblioteca digital, cujos conteúdos são referentes a capas digitalizadas da coleção generalista. Quanto ao caso de Mafra, a página da biblioteca municipal e o OPAC não fazem referência a qualquer conteúdo digital. Numa pesquisa mais aprofundada na Web, apurou-se a existência de jornais digitalizados da Biblioteca Municipal de Mafra, acessíveis através da página do Arquivo Municipal de Mafra<sup>60</sup>, lê-se:

**Consulta online de uma parte dos jornais locais existentes na Biblioteca Municipal de Mafra** - dada a secular importância que assumiu a imprensa periódica no Concelho de Mafra, quer na formação da opinião pública, quer como repositório singular e inestimável de informação local, apresentam-se os resultados da primeira fase de uma profícua parceria interserviços – Arquivo Municipal de Mafra e **Biblioteca Municipal de Mafra** – traduzidos na disponibilização online de 6 títulos de jornais locais, publicados entre 1866 e 1956.

No caso da Biblioteca Municipal da Maia, a subpágina *Estórias e Memórias* (página integrada no portal da Câmara) divide-se em vários subtemas com textos informativos relativos à história local sem indicação da existência de conteúdo digital. No entanto, no separador Temas do OPAC, é visível a existência da opção Biblioteca Digital cujos conteúdos se relacionam com a história local.

Da mesma forma, em Palmela, onde o acesso ao conteúdo digitalizado de artigos da imprensa local é feito através de uma lista bibliográfica existente no catálogo generalista da biblioteca municipal Não há referência aos conteúdos na página da biblioteca e não é dado qualquer destaque a estes conteúdos.

---

<sup>59</sup> OPAC - Online Public Access Catalogs

<sup>60</sup> Disponível em: <http://arquivo.cm-mafra.pt/>

Paralelamente a estas situações, a visualização de conteúdos digitais nesta fase exploratória foi dificultada pela necessidade de instalação de software específico. Foi também necessário utilizar vários navegadores Web<sup>61</sup> para aceder a três bibliotecas digitais. Constatou-se que as três bibliotecas<sup>62</sup> em causa recorreram à mesma empresa de software de gestão documental para a disponibilização de conteúdos digitais.

Em oposição a estes casos de difícil descoberta de conteúdos das coleções especiais, temos casos interessantes de divulgação e visibilidade da coleção especial:

- Na página da Biblioteca Municipal de Oeiras é explícita a existência de um serviço denominado *Recortes de Jornais* que remete para o *Catálogo Digital de Oeiras*<sup>63</sup>, que tem como objetivo “preservar e vivificar a memória do concelho”<sup>64</sup>.

- A Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira disponibiliza na página o separador *História Local* que remete para uma subpágina onde explica a importância e o objetivo da coleção com uma ligação ao OPAC para o utilizador aceder aos respetivos conteúdos e registos bibliográficos.

- No sítio Web da Biblioteca Municipal de Lisboa é visível, na primeira página o projeto *Vida e Memórias do Bairro* e, no separador *Coleção* é clara a importância dada às coleções especiais que as bibliotecas da rede concelhia têm à sua salvaguarda.

- Em S. João da Madeira, a Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo disponibiliza na primeira página do blogue a *Biblioteca Digital do Fundo Local* com acesso a publicações periódicas e monografias digitalizadas.

- No sítio Web da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo é bem visível o separador *Biblioteca Digital*, constituída pela coleção digitalizado de alguns títulos da imprensa local.

Nesta fase de descoberta de conteúdos nas diversas plataformas, observou-se uma grande disparidade na importância atribuída às coleções de âmbito local e grande discrepância de procedimentos adotados por cada biblioteca pública na divulgação dos recursos das coleções especiais que disponibilizam em ambiente Web. O que nos remete para a dificuldade apontada pelos investigadores no subcapítulo 1.3, que consideram a recorrente descoberta acidental como um aspeto negativo, uma vez que inviabiliza ou pelo menos dificulta o acesso a materiais de fonte primária, assim como a necessidade de instalar software específico para aceder aos conteúdos.

## Tipologias

### *Temática*

Quanto à temática, dentro do contexto da história local, verificam-se 2 casos de conteúdos muito específicos na área da história nacional com incidência local:

- *Biblioteca Digital da Oposição Democrática (1945-1974)* da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco de Vila Nova de Famalicão;

- *1ª República* da Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel.

Nos restantes casos, verifica-se que 7 bibliotecas públicas dão um destaque particular aos autores e personalidades locais. Apuramos casos pontuais de divulgação do património

---

<sup>61</sup> i.e Google Chrome, Mozilla Firefox, Microsoft Edge, apenas foi possível aceder às bibliotecas digitais através do Internet Explorer.

<sup>62</sup> Biblioteca Municipal Ferreira de Castro (Oliveira de Azeméis), Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco (Vila Nova de Famalicão), Biblioteca José Régio (Vila do Conde)

<sup>63</sup> Disponível em: <http://catalogodigital.cm-oeiras.pt/>

<sup>64</sup> Disponível em [http://bibliotecas.cm-oeiras.pt/servico\\_recortes\\_imprensa.html](http://bibliotecas.cm-oeiras.pt/servico_recortes_imprensa.html)

edificado e um caso isolado da Biblioteca Municipal de Gondomar que disponibiliza conteúdos digitais relativos à Toponímia do concelho<sup>65</sup>.

### *Documental*

Quanto à tipologia documental, verifica-se um predomínio da disponibilização de conteúdos digitalizados de documentos impressos, correspondendo a 32 bibliotecas públicas, sendo que as publicações periódicas (jornais locais, revistas e boletins) constituem o recurso com maior predomínio, prefazendo um total de 25 bibliotecas públicas que disponibilizam estes conteúdos digitalizados na Web. Seguem-se, em menor número, as monografias, que contam com 10 casos.

Verifica-se que a escolha da tipologia documental está associada à plataforma utilizada para a disponibilização dos recursos. No caso da Biblioteca Municipal de Penacova, com o projeto Memórias de Penacova, e a Biblioteca Municipal Figueiró dos Vinhos, com o projeto Figueiró em Imagens, a plataforma Flickr foi o meio escolhido para a disponibilização das fotografias associadas a projetos específicos destas bibliotecas.

Confrontando estes dados com as preferências demonstradas dos investigadores (vide subcapítulo 1.2) pelos documentos textuais e a imagens fotográficas, as práticas das bibliotecas públicas portuguesas do presente estudo correspondem positivamente às necessidades apontadas. Para além disso, o predomínio das publicações periódicas locais vai ao encontro das necessidades dos historiadores que consideram os jornais fontes de informação relevantes para a investigação nas mais diversas áreas das ciências sociais e humanas. No que respeita ao acesso a filmes e a histórias orais, os dados apontam resultados pouco significativos, sendo que três bibliotecas respondem positivamente a estes requisitos: a Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão com o projeto Vidas e Memórias de uma Comunidade, a Biblioteca Municipal de Lisboa com o projeto Vidas e Memórias de Bairro, a Biblioteca Municipal de Oeiras com o projeto Conversas na Aldeia Global integrado na iniciativa Memórias de Oeiras.

### *Formato*

Podemos observar, no gráfico 2, um certo predomínio do formato PDF, com 22 bibliotecas, a seguir ao formato JPEG, sendo uma opção para 17 bibliotecas para disponibilizar os conteúdos nas plataformas Web. É de referir que 9 destes casos disponibilizam conteúdos nos dois formatos (PDF e JPEG) e as bibliotecas de Alpiarça, de Cascais e de Lisboa (Hemeroteca) disponibilizam os mesmos conteúdos em dois formatos diferentes.

Verifica-se que a totalidade das bibliotecas disponibiliza conteúdos digitalizados em diversos formatos e 12 apresentam conteúdos digitais produzidos pelas bibliotecas. Neste último ponto, os conteúdos digitais consistem, sobretudo, em recursos relativos a autores e personalidades locais e a património edificado.

---

<sup>65</sup> Disponível em: <http://biblioteca.cm-gondomar.pt/Topon%C3%ADmia.aspx>

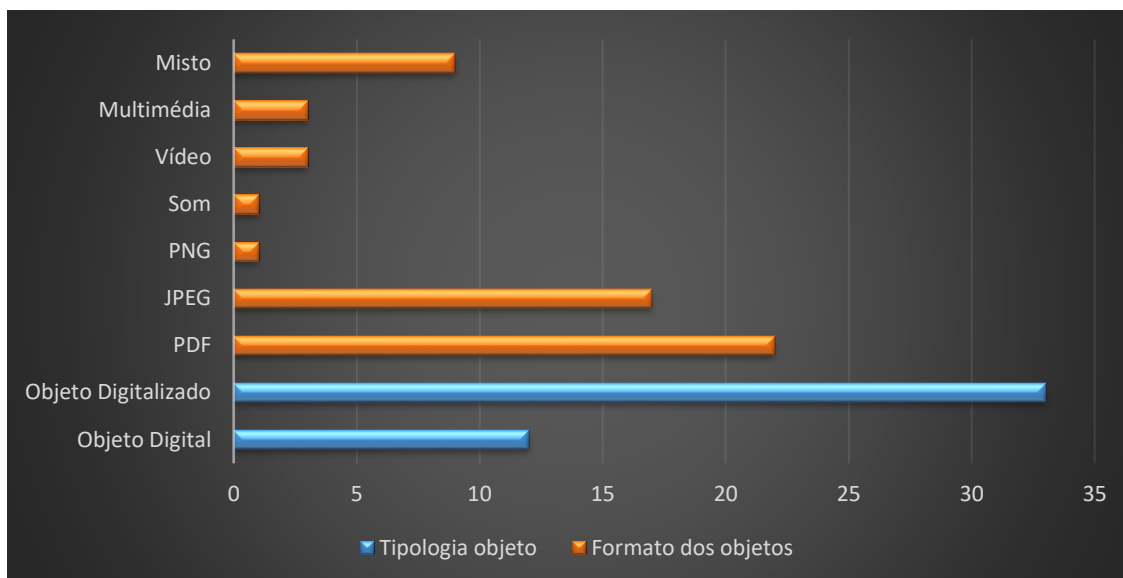


Gráfico 2: Valores absolutos do estudo da tipologia do objeto e formato utilizado pelas bibliotecas.

Neste ponto do nosso estudo empírico, verifica-se que os formatos disponibilizados pelas bibliotecas públicas portuguesas correspondem às preferências dos investigadores pelo formato PDF, que apresenta relativa facilidade de acesso e navegabilidade entre as partes do documento, e o espaço de armazenamento é relativamente reduzido.

### Comunicação e Interatividade

Quanto à análise da interatividade com o utilizador, constata-se que, das 33 bibliotecas em estudo, 12 permitem partilhar os conteúdos nas redes sociais; 10 têm formulário de contacto na plataforma para uma comunicação direta com o utilizador, sendo que todas as bibliotecas indicam o endereço eletrónico como forma de contacto. Destaca-se o projeto *Memórias de Ródão* da Biblioteca de Vila Velha de Ródão, que incita a colaboração da comunidade através do formulário de contacto, pois reconhece a importância dos conteúdos disponibilizados no âmbito deste projeto para a investigação sobre a região.

No que respeita à interatividade e usabilidades dos recursos digitalizados, observou-se a possibilidade do manuseamento do objeto e analisou-se se a visualização é fácil e atrativa. Constatou-se que 24 das bibliotecas permitem ampliar os objetos disponíveis na plataforma. Para além disso, 4 bibliotecas permitem ao utilizador manusear o objeto em vários ângulos<sup>66</sup> (rodar). Sendo este um dos requisitos apontados pelos investigadores (*vide* subcapítulo 1.3), podemos afirmar que as ferramentas disponibilizadas pelas bibliotecas públicas portuguesas em estudo respondem satisfatoriamente. Já não podemos dizer o mesmo quanto à exportação dos conteúdos, a funcionalidade mais requerida pelos investigadores que é a possibilidade de descarregar partes dos conteúdos para o computador particular. Este estudo verificou que apenas 6 permitem descarregar os documentos por partes, sendo que 29 bibliotecas permitem descarregar o documento completo.

<sup>66</sup> Biblioteca Municipal de Mafra, Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, Biblioteca Municipal José Régio, Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco.

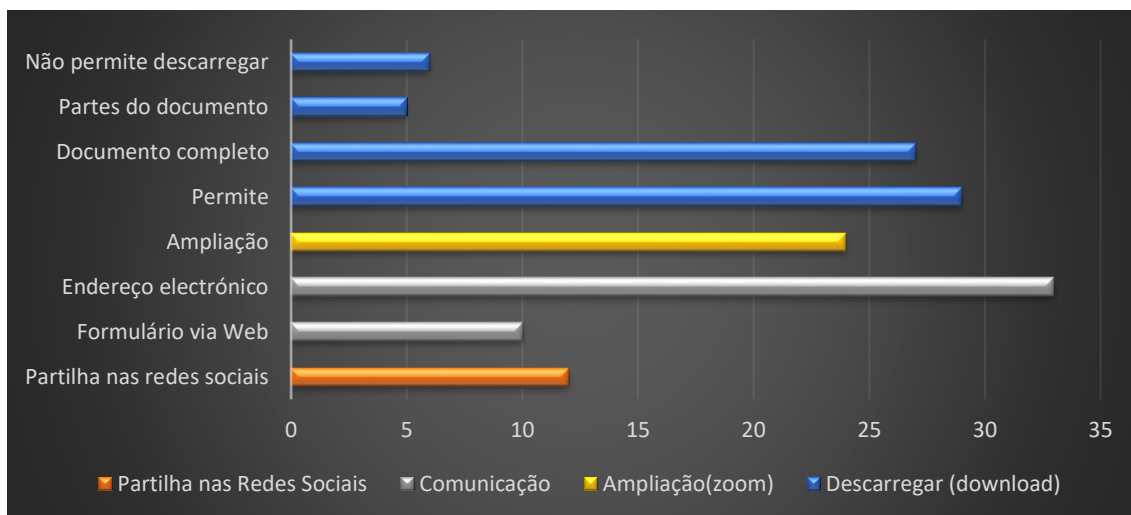


Gráfico 3: valores absolutos do estudo das plataformas na componente da Tipologia objeto, Interatividade: comunicação com os utilizadores, partilha nas redes sociais, ampliação e a possibilidade de descarregar os objetos digitais.

Quanto ao retorno de trabalhos de investigação e criativos decorrentes do uso e acesso aos conteúdos disponibilizados pelas bibliotecas, não se detetou em nenhuma plataforma um pedido de envio dos trabalhos nem um formulário específico para esse efeito. É de destacar a Biblioteca Municipal António Botto, de Abrantes, que incita os autores locais a enviar os dados biográficos, curriculares e trabalhos para a página da biblioteca, disponibilizando um formulário para informação referente a novos autores. Porém, não é explicado se existe um critério de seleção e de integração dos conteúdos enviados. Neste aspeto, as bibliotecas públicas em Portugal não parecem ter em conta que o fomento da partilha do trabalho de investigação, baseado (total ou parcialmente) em recursos e fontes primárias da biblioteca, consitui um ponto forte para a valorização das suas coleções e do trabalho realizado na digitalização das mesmas. Por outro lado, apurou-se que as bibliotecas públicas portuguesas dão reduzida importância à comunicação com a comunidade, pois o número de bibliotecas que disponibiliza interface direto e permite a partilha nas redes sociais é pouco expressivo.

### Recuperação da Informação

Neste critério de análise pretende-se estudar as estruturas de pesquisa disponibilizadas pelas bibliotecas públicas para a recuperação dos conteúdos relativos às coleções especiais. Assim, e como é possível verificar no gráfico 4, há predomínio de índices (temáticos, autor e cronológico) para os utilizadores percorrerem a informação, correspondendo a 24 bibliotecas que optam por este método de acesso à informação. Porém, 6 bibliotecas vão mais longe e permitem, em simultâneo, percorrer o índice e pesquisar em formato avançado, aplicando filtros de refinamento e parâmetros estruturados.

Na pesquisa simples, a recolha de informação é feita, apenas, por uma única palavra-chave por pesquisa, não existindo mais opções de pesquisa, e surge com menor frequência (5 bibliotecas).

Para além disso, constata-se que 20 bibliotecas permitem a pesquisa de conteúdos digitais e digitalizados através de pesquisa por filtro e escolha de parâmetros, seja por via das funcionalidades inerentes ao OPAC, seja através de um sistema estruturado de pesquisa da própria plataforma.

Quanto à pesquisa no texto, sendo que os investigadores apelam à possibilidade de utilização de um programa de reconhecimento ótico de caracteres – OCR (*vide* capítulo 1.3), os



dados recolhidos indicam uma reduzida expressão neste domínio. Apenas 2 bibliotecas disponibilizam a pesquisa nos PDF através do OCR, designadamente, a Biblioteca Municipal Almeida Garret do Porto e a Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Lisboa.

No que diz respeito aos pontos de acesso, procurou-se analisar a existência de ligações aos conteúdos digitais sem ser na página de alojamento dos mesmos. Procurou-se a ligação entre os registos bibliográficos, quando existem, e a o conteúdo digital. Para além disso, procurou-se nas páginas e subpáginas institucionais e nas plataformas outras formas de aceder aos recursos digitais. Como demonstra o gráfico 4, são 14 as bibliotecas que facilitam a descoberta das coleções especiais disponíveis em ambiente Web.

No entanto, não se verifica consistência nos procedimentos nas diversas plataformas e projetos desenvolvidos pela mesma instituição. A Biblioteca Municipal Figueiró dos Vinhos disponibiliza conteúdos digitalizado subsequentes de duas iniciativas diferentes: Imprensa Local e Figueiró em Imagens. Constatou-se que há pontos de acesso entre o OPAC e a subpágina Imprensa Local, ou seja, uma pesquisa bibliográfica no catálogo devolve resultados relacionados com os conteúdos digitais na referida página e com a respetiva ligação ao mesmo. No caso do projeto Figueiró em Imagens, um fundo fotográfico patrimonial do ponto de vista da história local, os documentos disponibilizados não têm acesso a partir do catálogo, ou seja, não há interligação entre o OPAC e o Flickr.

No caso da Biblioteca Municipal de Lisboa, observámos a existência de pontos de acesso entre a hemeroteca e o OPAC, porém, entre os conteúdos digitais do projeto *Vidas e Memórias do Bairro* e o catálogo bibliográfico, não há pontos de acesso, não permitindo a pesquisa nem a descoberta dos mesmos. Repara-se que este último projeto pretende “recuperar, preservar e divulgar histórias de vida, testemunhos, relatos e memórias importantes sobre os bairros e freguesias de Lisboa<sup>67</sup>[...] sendo o seu testemunho insubstituível se quisermos compreender a história e o quotidiano desta cidade.”

Situação idêntica é a ausência de ligação entre o OPAC da Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo de S. João da Madeira e o catálogo Digital do Fundo Local, sendo que o registo bibliográfico não estabelece ligação nem faz referência ao conteúdo digitalizado correspondente à informação bibliográfica.

A Biblioteca Municipal do Funchal apresenta na página institucional vários acessos aos conteúdos da Hemeroteca Digital, porém, não existe uma relação entre os mesmos e o registo bibliográfico do OPAC.

Conjugando as duas componentes essenciais para a recuperação da informação, conforme consta no gráfico 4, verificámos que 13 bibliotecas preenchem requisitos satisfatórios ao providenciar diversos pontos de acesso aos conteúdos digitais e dispõem de um sistema estruturado de pesquisa avançada. O que nos remete para a importante questão da visibilidade das coleções especiais na Web e para a facilidade de descoberta por parte da comunidade académica e do cidadão comum. Os investigadores apontam como ponto negativo o tempo necessário para trabalhar meticulosamente e percorrer grandes volumes de materiais bibliográficos e digitais. Para os humanistas digitais, é complexo recolher e preparar o *corpus* desejado de materiais e necessitam um único ponto de acesso para a descoberta através de um *corpus* abrangente. Assim sendo, podemos inferir que a resposta das bibliotecas públicas portuguesas em estudo é pouco significativa face à necessidade de obter resultados de qualidade aquando da pesquisa e recuperação da informação.

---

<sup>67</sup> Disponível em: <http://blx.cm-lisboa.pt/vidasmemoriasbairro>



Gráfico 4: valores absolutos do estudo das plataformas na componente da recuperação da informação.

## Metadados

Considerando a importância dos metadados para a descoberta, apresentação, e interoperabilidade na gestão do objeto digital, a nossa análise procurou identificar e apurar as práticas vigentes nas bibliotecas públicas para a descrição dos dados.

Neste sentido, constatou-se que 22 bibliotecas públicas apresentam uma estrutura de dados descritivos que permite ao utilizador obter informação bibliográfica necessária para a identificação do título, autor, data, a localização do documento original, entre outros, do recurso digital. Porém, 14 desses casos não contêm dados do criador nem data da publicação do conteúdo digital.

Relativamente aos metadados técnicos, ou seja, tipo e tamanho do ficheiro, entre outros, 12 bibliotecas disponibilizam a informação técnica do ficheiro.

Quanto à dificuldade levantada pelos investigadores no acesso e na partilha de metadados dos documentos em ambiente Web, o nosso estudo identificou 13 bibliotecas que permitem exportar os metadados descritivos, que correspondem aos registos bibliográficos inerentes ao OPAC, e 1 caso de exportação de metadados técnicos, a Biblioteca Municipal de Oeiras, que permite visualizar e exportar dados em formato Dublin core, entre outros.

No que diz respeito à questão levantada pelos investigadores a propósito do *download* (vide subcapítulo 1.3), nomeadamente as dificuldades na localização do ficheiro quando descarregam conteúdos para o computador pessoal por este não ter os dados essenciais integrados para a sua posterior identificação: na observação às 33 bibliotecas públicas, verificámos que nenhuma dá resposta positiva a esta questão, ou seja, ao descarregar o documento, os dados incorporados no ficheiro não facilitam a sua identificação posterior no computador pessoal.

Na informação relativa aos direitos de autor, nomeadamente nas condições de uso, 8 bibliotecas públicas veiculam informações relativas às condições de uso, e incluem uma indicação genérica dos direitos de autor em vigor na plataforma que disponibiliza os conteúdos digitais. Porém, 2 casos aplicam as licenças Creative Commons a cada documento digitalizado e disponibilizado, designadamente a Biblioteca Municipal de Figueiró dos Vinhos e a Biblioteca Municipal de Penacova.

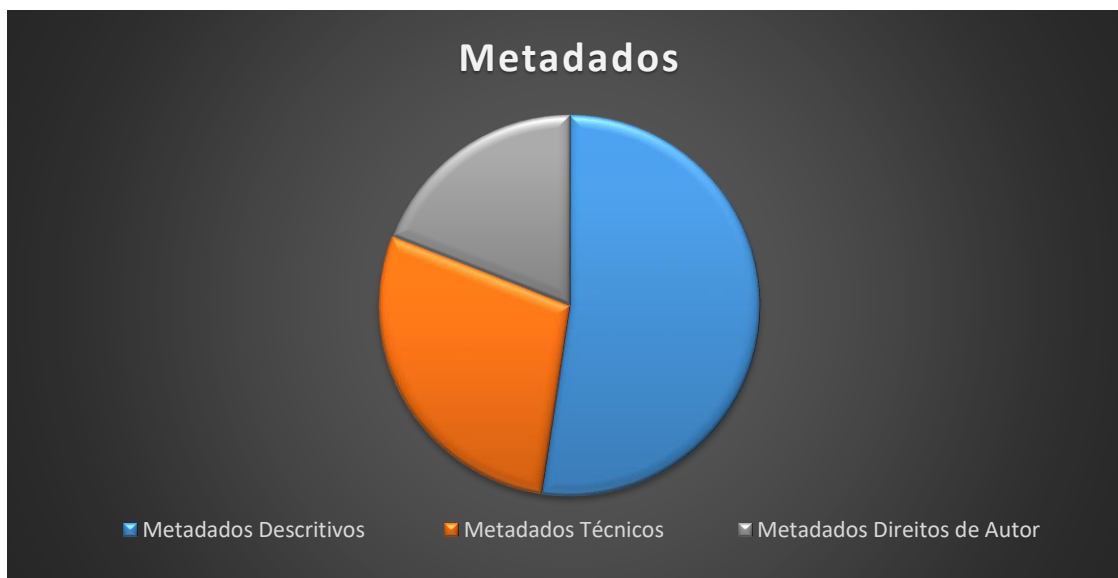


Gráfico 5: valores absolutos do estudo das plataformas na componente Metadados.

Assim, podemos afirmar que a resposta das bibliotecas públicas em estudo à necessidade de catálogos e registos completos do ponto de vista dos metadados descritivos, metadados de técnicos e metadados autorais, que são o requisito principal dos investigadores, fica aquém das reais necessidades e possibilidades.

#### Colaboração

Na literatura consultada constata-se que a colaboração e cooperação em redes de trabalho e as parcerias entre instituições são essenciais para a otimização da gestão dos recursos humanos e tecnológicos e para a sustentabilidade dos projetos de divulgação do património documental em ambiente digital (*vide* subcapítulo 1.4).

No que diz respeito às parcerias interserviços para a recolha e divulgação do património documental em ambiente digital, o presente estudo identificou três casos:

- A página da Biblioteca Municipal de Ponte de Lima possui um seção de Jornais Locais digitalizados cujos registos remetem para a página do Arquivo Municipal de Ponte de Lima. Esta parceria interserviços revela-se um bom recurso para os investigadores, pois para além de fornecer em formato PDF as publicações periódicas da região, fornece também informação histórica sobre o jornal.
- A Biblioteca Municipal de Oeiras oferece aos seus utilizadores um serviço de referência especializado, cujas temáticas principais incidem no município e na história local, que nos remete para o Catálogo Digital de Oeiras<sup>68</sup>. Este catálogo é um agregador de registos bibliográficos, arquivísticos e museológicos que facilita o acesso aos conteúdos culturais tratados e disponibilizados pelas Bibliotecas, Arquivo e Museu Municipais.
- O terceiro e último caso identificado é a parceria, não muito clara, entre o arquivo e a biblioteca de Mafra. Como já foi referido anteriormente, na página da Biblioteca Municipal não há referência a conteúdos digitais ou digitalizados de âmbito local, porém, a página do Arquivo Municipal dá acesso a jornais que pertencem à biblioteca. Consideramos um exemplo de parceria interserviços, porém constitui um mau exemplo de visibilidade da parceria.

<sup>68</sup> Disponível em: <http://catalogodigital.cm-oeiras.pt/>

Nas parcerias institucionais temos o caso do projeto BibRia, uma biblioteca digital que disponibiliza o património da região dos municípios da Ria de Aveiro que tem como objetivo a digitalização de conteúdos através dos fundos bibliográficos das bibliotecas. Lê-se no portal<sup>69</sup>: “a implementação do projeto resulta da operacionalidade de um Consórcio estabelecido entre a Câmara Municipal de Aveiro, entidade beneficiária principal; Câmara Municipal de Ovar; Câmara Municipal de Oliveira do Bairro; Universidade de Aveiro, entidades beneficiárias participantes”. Embora o consórcio seja constituído por três municípios diferentes, e, naturalmente, as suas bibliotecas municipais também estão a associados a este projeto, verifica-se que as bibliotecas municipais de Ovar e de Oliveira do Bairro não disponibilizam acesso aos conteúdos digitalizados da biblioteca digital BibRia. Já a Biblioteca Municipal de Aveiro, como se constatou ao longo da investigação, estabelece pontos de ligação entre o OPAC e os respetivos conteúdos.

Outro caso de parceria institucional é a Biblioteca Digital do Alentejo (BDA). É uma iniciativa da Fundação Alentejo - Terra Mãe que pretende constituir um fundo documental regional digital de recursos impressos e manuscritos, relativos à região do Alentejo. A presente investigação constatou que de todas as bibliotecas inseridas no contexto da nossa observação, apenas a Biblioteca Pública de Évora estabelece ligação entre os seus registos bibliográficos e os respetivos conteúdos digitalizados. Uma pesquisa na plataforma da BDA permite visualizar conteúdos digitalizados de todas as regiões do Alentejo, o que nos permite afirmar que este projeto constitui um recurso de valor acrescentado para as bibliotecas do Alentejo que não possuem OPAC ou não têm presença na Web, pois encontram aqui uma oportunidade de divulgar o seu património documental e bibliográfico.

A presente investigação identificou um terceiro exemplo de parceria insituicional onde estão envolvidas bibliotecas públicas para a divulgação da herança cultural de região: o RECOPA - Rede de Coleções Patrimoniais das Bibliotecas do Alentejo. Por se encontrar numa fase embrionária, o referido projeto não foi alvo de análise (Salgado, Medeiros, & Guerreiro, 2015). Por fim, o projeto mencionado no blogue da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, a Rede Cultural da Beira Baixa Bibliotecas Municipais do Distrito de Castelo Branco e Politécnico de Castelo Branco: não é possível analisá-lo pela inatividade da ligação. Pelo mesmo motivo não é possível analisar o catálogo coletivo do Fundo Local do Grupo de Trabalho das Bibliotecas da Associação de Municípios da Região de Setúbal.

Podemos afirmar que as parcerias e as redes de trabalho colaborativo na recolha e disponibilização de património cultural local são pouco expressivas, face ao universo de 303 bibliotecas públicas e municipais em Portugal. É, contudo, de realçar que as parcerias identificadas nesta investigação constituem bons exemplos das pontencialidades e vantagens de trabalhar em rede.

Para uma melhor estruturação e visualização dos resultados obtidos, apresenta-se um quadro resumo com os principais dados recolhidos na observação direta das plataformas:

---

<sup>69</sup> Disponível em: <http://bibria.cm-aveiro.pt/Forms/ProjectoBibria.aspx>

Parâmetro	Observação
Visibilidade e acessibilidade	24 casos com informação explícita na página principal. 9 casos de ausência de informação nas plataformas. Terminologia indevida.
Tipologia documental	32 casos apresentam conteúdos textuais. 25 casos de digitalização de publicações periódicas de âmbito local. 10 casos apresentam monografias.
Formato	22 casos que disponibilizam em PDF e 3 casos que apresentam os mesmos conteúdos em 2 formatos.
Comunicação e interatividade	Ausência de estímulo de retorno de trabalhos académicos e de canais diretos com o investigador. 12 casos de partilha nas Redes sociais. 24 permitem ampliar o objeto. 4 permitem manusear o objeto em vários ângulos (rodar). 6 permitem descarregar por partes e 29 o objeto completo.
Recuperação da Informação	20 BP dispõem de um sistema estruturado de pesquisa (OPAC). 13 bibliotecas fornecem pontos de acesso e sistema estruturado de pesquisa. 19 casos de ausência de ligação entre o OPAC e a BD. 2 casos de pesquisa no texto (OCR).
Metadados	22 casos apresentam dados descritivos bem estruturados (OPAC) sendo que 13 bibliotecas permitem exportar os dados descritivos. 12 casos com dados técnicos. 8 bibliotecas com informação genérica sobre as condições de uso e direitos de autor. 2 casos que aplicam as licenças do Creative Commons.
Colaboração	3 casos de parcerias interserviços e 2 casos ativos de parceria institucional

Quadro resumo dos resultados obtidos

Terminada a análise dos resultados da investigação empírica, sentimos a necessidade de caracterizar geograficamente a realidade das bibliotecas públicas no que diz respeito à disponibilização de conteúdos das coleções especiais na Web. Verifica-se um predomínio de BPMP na região Norte de Portugal representando 42% das 33 bibliotecas em estudo, seguido pela zona Centro, com 27%.

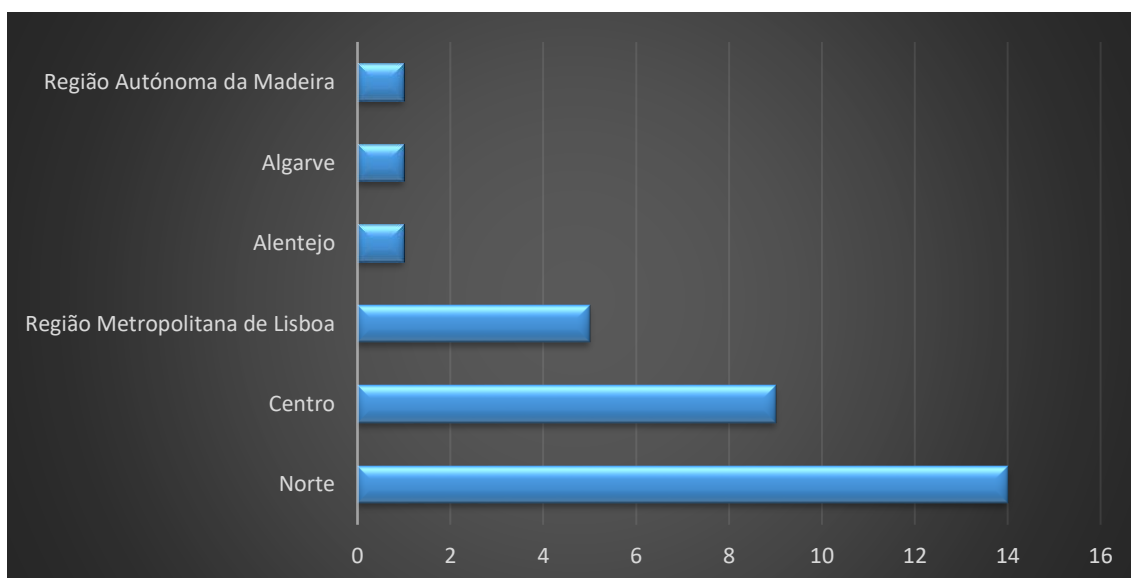


Gráfico 6: Distribuição geográfica das BPMP que disponibilizam conteúdos das coleções especiais na Web de acordo com o sistema hierárquico de divisão do território em regiões (NUTS II)<sup>70</sup>

<sup>70</sup> Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), disponível em: <http://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>



## CONCLUSÃO

É no quadro de mudanças profundas que caracterizam a sociedade atual que as humanidades digitais se têm vindo a afirmar como área de investigação e de trabalho com uma força própria. A investigação parte da questão: existe nas bibliotecas públicas portuguesas um processo estruturado na gestão das coleções especiais com reflexo para a investigação nas humanidades digitais?

Para responder a esta questão, começámos por iniciar com uma reflexão sobre as humanidades digitais como uma área de atividade académica das humanidades que reflete a aplicação da tecnologia digital como ferramenta indissociável da investigação. Para responder à pergunta, conceito ou prática? constatou-se que a discussão em torno da conceptualização e a delimitação do objeto científico está longe de encontrar consensos. Por um lado, devido à sua natureza mutável e de transformação à medida que se desenvolvem ferramentas digitais para compreender melhor o legado dos nossos antepassados. Por outro, devido à multi e interdisciplinaridade inerente às humanidades digitais. Como já referimos, a história das humanidades digitais está a ser escrita. As humanidades digitais como prática geram mais consenso, e é recorrente na literatura verificar que as humanidades se caracterizam pelo seu foco no processo dinâmico como prática de investigação, baseando-se nos valores do Acesso Aberto, colaboração, multiplicidade, participação, inovação na investigação académica, interdisciplinaridade e democratização no acesso ao conhecimento. A tudo isto perpassa o objetivo de fomentar a investigação de qualidade e inovadora na área das Humanidades.

Para compreender as necessidades e o comportamento dos académicos nas humanidades digitais, recorreremos à literatura para identificar a matéria prima dos investigadores. As fontes primárias, os recursos que transmitem em primeira mão, as ideias, os saberes, os costumes e o comportamento da Humanidade são as fontes de informação dos investigadores. E são as bibliotecas e arquivos os locais eleitos para a recolha e consulta dessas fontes. A centralidade das fontes primárias na pesquisa em Humanidades é confirmada por uma série de estudos recentes que exploraram as práticas de pesquisa dos historiadores e o uso de coleções digitais.

Procurámos identificar os requisitos essenciais para a descoberta e utilização das fontes primárias em ambiente Web: Acesso Aberto, pesquisa e recuperação da informação, navegação, transferência de informações, software adicional usado, presença de metadados essenciais para a extração de conteúdo, extração de texto, acesso e navegação em ficheiros em formato PDF e de imagem. Adicionalmente, através da revisão da literatura, apurou-se que os académicos consideram que as instituições de salvaguarda do património cultural não valorizam o suficiente a utilização deste património para a investigação e quando a informação cultural é disponibilizada em formato digital, os investigadores encontram barreiras à sua utilização. Por esta razão, consideram que a falta de infraestruturas digitais sustentáveis e competências específicas no domínio do património cultural não garantem a acessibilidade a longo prazo ao património cultural digital. As infraestruturas digitais para a investigação e cultura são fragmentadas e as plataformas e acessos não são alimentados de forma sistemática (manutenção) e não servem de forma metódica a comunidade académica internacional e local. Paralelamente, apurou-se que os projetos bem sucedidos na área das humanidades digitais envolvem uma ampla rede de trabalho colaborativo entre instituições académicas e entidades de promoção da salvaguarda do património cultural. Na literatura consultada constata-se que a colaboração e cooperação em redes de trabalho e as parcerias entre instituições são essenciais

para a otimização da gestão dos recursos humanos e tecnológicos garantindo a sustentabilidade dos projetos de divulgação do património documental em ambiente digital.

No segundo capítulo, a literatura consultada demonstra que as bibliotecas públicas, enquanto casa de liberdade e igualdade de acesso à informação e ao conhecimento, operando como instituições de salvaguarda do património documental e bibliográfico e da história da comunidade local, têm um lugar preponderante na área da investigação das humanidades. Distinguem-se assim as coleções especiais, constituídas pelas fontes primárias sobre a história local e o património cultural, da restante coleção, de carácter generalista e universal. Pela importância para a reconstituição da memória e história local, distingue-se a coleção do Fundo Local e do Fundo Antigo, pois estes documentos são testemunhos culturais, documentos históricos e localmente circunscritos. Vimos que a comunidade local é a área de intervenção direta da biblioteca pública, porém com impacto a nível mundial, no sentido em que todo o trabalho de conservação e divulgação do património dessa mesma comunidade é um forte contributo para a história universal. Neste contexto, podemos afirmar que um projeto ou programa desenvolvido numa biblioteca pública nas humanidades digitais terá impacto direto na comunidade local, mas também terá um profundo impacto na comunidade académica ao disponibilizar e facultar o acesso, no mundo digital, a recursos e materiais únicos das coleções especiais. Adicionalmente, a literatura comprova que um projeto em humanidades digitais é uma prática dinâmica que requer interdisciplinaridade, colaboração, diversidade, experimentação e interatividade. É essencial que a biblioteca providencie acesso a fontes primárias, mas de uma forma estruturada e apoiada por especialistas em Humanidades e em tecnologias digitais.

Fica também demonstrado que o uso de coleções especiais é uma oportunidade de desenvolvimento de projetos de investigação académica assim como, de forma criativa, serve de alavanca para a criação de empresas e de projetos de negócios originais. Verificou-se que, cabe às instituições de memória a responsabilidade de abrir as coleções o mais amplamente possível. Ao assumir este grau de especialização de proteção da herança cultural, a biblioteca pública conquista o lugar que lhe é devido na comunidade ao afirmar-se como um parceiro ativo e colaborativo, capaz de assumir compromissos relevantes para a história local. Assim, os Fundos Locais e Fundos Antigos das bibliotecas públicas, enquanto coleções patrimoniais de uma região, constituem um motivo de atenção especial e cuidada por parte dos bibliotecários ao estimular na comunidade a crença de que herança cultural pertence a todos. Estamos perante uma mudança de paradigma onde a revolução digital é uma janela para a divulgação do património cultural existente em cada comunidade local, facultando o acesso a estes raros e valiosos materiais por parte do investigador em Humanidades ou de um simples cidadão curioso que vai incrementar novos saberes, uma vez que estes já não se encontram guardados em depósitos inacessíveis e inexploráveis. Por outro lado, é necessário tornar a investigação e os estudos sobre a história e memória dos nossos antepassados mais acessível e “comunicável” para o cidadão comum, o que implica potenciar a comunicação e a divulgação de conteúdos em novos formatos de mediação, alcançando assim novos públicos. Fica demonstrado ao longo do estudo teórico que as ferramentas digitais permitem uma melhor compreensão do património cultural. Permitem contar as histórias dos nossos antepassados de forma mais acessível, logo, a necessária colaboração e a partilha entre a comunidade académica e bibliotecários tem de ter em conta os interesses dos parceiros não académicos. O discurso de defesa e estudo da herança cultural deve ter em consideração o contribuidor anónimo da memória local da comunidade civil já que, para demonstrar a relevância das humanidades digitais, é essencial também demonstrar que o cidadão comum pode contribuir para o estudo do legado dos seus antepassados.



Ao longo do estudo teórico fica demonstrado que as equipas envolvidas nos projetos das humanidades digitais são constituídas por especialistas de diversas áreas, sendo que o bibliotecário, pelo seu grau de especialização na organização e descrição da informação é um elemento fundamental em todas as iniciativas de digitalização e difusão da herança cultural. Por conseguinte, é possível afirmar que os profissionais das bibliotecas e a comunidade académica têm aqui uma oportunidade de estabelecer realções profícuas para ambas as partes.

No terceiro capítulo, o estudo empírico apurou que, de um universo de 303 bibliotecas públicas e municipais em Portugal, apenas 33 promovem o acesso às coleções especiais em ambiente digital. Um número revelador de um entendimento limitado das potencialidades das plataformas digitais na divulgação e disponibilização de conteúdos digitais. Do ponto de vista da descoberta dos conteúdos digitais, o primeiro aspeto a destacar é a grande discrepância de procedimentos adotadas por cada biblioteca pública na divulgação dos recursos das coleções especiais que disponibilizam em ambiente Web; o segundo aspeto a destacar é a utilização indevida de terminologia para designar serviços que não correspondem ao conceito do termo. Vejamos o caso da designação de *biblioteca digital* utilizada para referenciar listas de títulos de publicações periódicas ou para divulgar a existência de jogos e *tablets* na biblioteca. Ainda neste aspeto, denota-se uma ausência de práticas consertadas dentro da própria biblioteca na concentração de pontos de acessos aos conteúdos digitais de âmbito local. Encontrámos na página da mesma biblioteca mais do que uma referência a recursos digitais sob a temática da história local. É visível a ausência de coerência e de uma visão holística, tanto na organização da informação como na divulgação da mesma.

No que respeita à tipologia documental, as práticas das bibliotecas públicas portuguesas correspondem positivamente às necessidades apontadas pelos investigadores em dois aspectos: o formato textual e o acesso às publicações periódicas locais. Um dado relevante e encorajador visto que vai ao encontro das necessidades dos historiadores que consideram os jornais fontes de informação relevantes para a investigação nas mais diversas áreas das ciências sociais e humanas. Em oposição a esta realidade, ainda neste domínio, os dados apontam resultados pouco significativos relativamente ao acesso a filmes e a histórias orais.

No que se refere aos metadados, verificou-se que as práticas vigentes nas bibliotecas públicas para a descrição dos dados apresentam uma estrutura de dados descritivos que permite ao utilizador obter informação bibliográfica. Porém, as práticas de disponibilização e de exportabilidade de metadados técnicos e direito de autor são incipientes e são raros os casos que disponibilizam os dados do criador e data da publicação do conteúdo digital. Neste aspecto, é evidente que a especialização dos profissionais das bibliotecas públicas na organização e tratamento da informação requer uma adaptação às novas exigências do mundo digital, onde os metadados técnicos são tão importantes quanto os metadados descritivos. Quanto ao metadados de direitos de autor, verifica-se uma prática que não se coaduna com formação dos profissionais das bibliotecas, visto que são poucos os casos que fazem referência à forma de utilização dos conteúdos.

Quanto à comunicação e retorno de trabalhos de investigação e criativos decorrentes do uso e acesso aos conteúdos, as bibliotecas públicas portuguesas não têm em conta que o fomento da partilha do trabalho de investigação, baseado, total ou parcialmente, em recursos e fontes primárias da biblioteca, constitui um ponto forte para a valorização das suas coleções e do trabalho realizado na digitalização das mesmas. Por outro lado, apurou-se que as bibliotecas públicas portuguesas dão reduzida importância à comunicação com a comunidade, pois o número de bibliotecas que disponibiliza interface direto e permite a partilha nas redes sociais é pouco expressiva.

No que respeita à recuperação da informação apurou-se que a resposta das bibliotecas públicas portuguesas em estudo é pouco significativa face à necessidade de obter resultados de qualidade aquando da pesquisa. As estruturas disponibilizadas pelas bibliotecas públicas para a recuperação dos conteúdos relativos às coleções especiais são eficazes quando acedidas através do OPAC. Verificámos, porém, casos de ausência de ligação entre os registos bibliográficos e os respetivos conteúdos digitais, quando alojados em páginas diferentes. São escassos os exemplos de múltiplos acessos aos conteúdos, ou seja, onde a pesquisa da informação se faz através dos índices temáticos ou, em formato avançado, aplicando filtros de refinamento e parâmetros estruturados.

Em relação aos conteúdos digitalizados e aos conteúdos digitais produzidos pela biblioteca, verifica-se uma grande discrepância nos procedimentos adotados no tratamento descritivo e técnico destes objetos, dentro da própria instituição. Verifica-se que os conteúdos digitais não são acedidos nem pesquisáveis nos OPAC's. Um dado revelador da negligência e da reduzida importância dada à organização da informação criada no mundo digital.

Quanto à participação em projetos coletivos, apurámos que as parcerias e as redes de trabalho colaborativo na recolha e disponibilização de património cultural local são pouco expressivas, face ao universo de 303 bibliotecas públicas e municipais em Portugal. É, contudo, de realçar que as parcerias identificadas nesta investigação constituem bons exemplos das potencialidades e vantagens de trabalhar em rede.

Em suma, existe nas bibliotecas públicas portuguesas um processo estruturado na gestão das coleções especiais com reflexo para a investigação nas humanidades digitais?

Este trabalho defende que as bibliotecas públicas devem olhar além do papel tradicional de recolha e organização das suas coleções. O que confere singularidade às bibliotecas públicas são as suas coleções especiais e, é por via desta unicidade, que elas contribuem para a criação de conteúdos para a investigação nas humanidades digitais. No momento em que se promovem debates para refletir sobre o futuro das bibliotecas públicas e sobre as novas competências dos seus profissionais, o presente trabalho apresenta um ponto da situação no que diz respeito às práticas das bibliotecas públicas portuguesas na disseminação das coleções especiais em ambiente digital. E consideramos que é um caminho que os profissionais das bibliotecas públicas devem percorrer: as práticas vigentes nas bibliotecas públicas portuguesas devem ter em conta as questões complexas de experiência do utilizador que emergem no complexo mundo da Internet - como a visibilidade, os metadados e a acessibilidade - que influenciam criticamente a forma como as coleções especiais digitais são incorporadas na investigação nas humanidades.

Apesar deste trabalho dar algumas pistas sobre os contributos das bibliotecas públicas para as humanidades digitais e qual a motivação dos investigadores para aceder às coleções especiais, é importante que existam mais pesquisas que foquem a importância de elaborar normas padronizadas em Portugal de uma descrição generalista para a interoperabilidade dos recursos, sem colocar em causa a especificidade de cada coleção especial. Futuras pesquisas também poderão concentrar-se em fazer um levantamento estatístico (recenseamento bibliográfico) das coleções especiais das bibliotecas públicas portuguesas para se conhecer o património documental e bibliográfico existente. E, consideramos pertinente analisar a formação académica para perceber se as aquisições de competências se coadunam com as necessidades reais no atual paradigma da organização da informação em plataformas digitais. Para além disso, sugere-se que futuros estudos alarguem a investigação para examinar a perceção dos profissionais das bibliotecas sobre o seu papel na recolha e disponibilização de matéria-prima para as humanidades digitais.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J. F., & Pinto, J. M. (1986). Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais. Em *Metodologia das Ciências Sociais* (6ª). Porto: Afrontamento.
- Alvarado, R. C. (2012). The Digital Humanities Situation. Em M. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/50>
- Alvim, L. (2001). Fundo Local na Biblioteca Pública: “Portal” de uma Região. Em *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas* (Vol. 7). Porto.
- Amante, M. J., Extremerio Placer, A. I., & Costa, A. F. (2011). Bibliotecas universitárias: conhecer para valorizar. Em *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. Obtido de <http://bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/168>
- André, J. M. (2012). O valor das humanidades. Em *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Coimbra: Palimage.
- Audenaert, N., & Furuta, R. (2010). What humanists want: how scholars use source materials (p. 283). ACM Press. <https://doi.org/10.1145/1816123.1816166>
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Borges, M. M. (2006). *A esfera : comunicação académica e novos media*. Universidade de Coimbra, Coimbra. Obtido de [https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/30649/1/MMBorges\\_tese.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/30649/1/MMBorges_tese.pdf)
- Borges, M. M. (2015). Bibliotecas Universitárias: jogos de luz e sombra. Em J. A. C. Bernardes, A. M. E. Miguéis, & C. A. S. Ferreira, *A biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses* (1.ª ed., pp. 197–206). Imprensa da Universidade de Coimbra. [https://doi.org/10.14195/978-989-26-1045-0\\_11](https://doi.org/10.14195/978-989-26-1045-0_11)
- Busa, R. A. (2004). Perspectives on the Digital Humanities. Em R. Siemens, J. Unsworth, & S. Schreibman, *Companion to Digital Humanities (Blackwell Companions to Literature and Culture)*. Oxford: Blackwell Publishing Professional. Obtido de <http://www.digitalhumanities.org/companion/>
- Cabral, M. L. (2002). *Amanhã é sempre longe demais : crónicas de preservação*. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede* (Vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Corsini, S. (2016). Scriptorium : an Open Access Platform dedicated to digitized Newspapers launched by the Bibliothèque cantonale et universitaire – Lausanne. Apresentado na IFLA Internacional News Media 2016 : Reviving the past and keeping up with the future – the libraries' role in preserving and providing access to newspapers and news media, Hamburgo, Alemanha.
- DeRidder, J. L., & Matheny, K. G. (2014). What Do Researchers Need? Feedback On Use of Online Primary Source Materials. *D-Lib Magazine*, 20(7/8).  
<https://doi.org/10.1045/july2014-deridder>
- Diretrizes da IFLA sobre os serviços da Biblioteca Pública.* (2013) (2ª ed.). Lisboa: Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.
- Dooley, J. M., Beckett, R., Cullingford, A., Sambrook, K., Sheppard, C., Worrall, S., ... Research Libraries UK. (2013). *Survey of special collections and archives in the United Kingdom and Ireland*. Dublin, Ohio: OCLC Research : RLUK. Obtido de <http://www.oclc.org/resources/research/publications/library/2013/2013-01.pdf>
- Escande, A. (2016). 'Europeana for Research' - digitisation, copyright reform and advocacy beyond the pilot stage. Obtido 30 de Outubro de 2016, de <http://pro.europeana.eu/blogpost/europeana-for-research-digitisation-copyright-reform-and-advocacy-beyond-the-pilot-stage>
- Fiormonte, D., Numerico, T., & Tomasi, F. (2015). *The digital humanists : a critical inquiry*. Nova Iorque: Punctum Books. Obtido de [https://www.dropbox.com/s/sz0i1b6gqb9qope/Fiormonte\\_Numerico\\_Tomasi\\_The\\_Digital\\_Humanist\\_EBook.pdf?dl=0v](https://www.dropbox.com/s/sz0i1b6gqb9qope/Fiormonte_Numerico_Tomasi_The_Digital_Humanist_EBook.pdf?dl=0v)
- Fitzpatrick, K. (2012). The Humanities, done digitally. Em M. Gold, *Debates on Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/30>
- Freitas, G. de. (1982, D.L). Herança. *Vocabulário de história : política, social, económica, cultural, geral* (p. 294). Lisboa: Plátano.
- Gallon, K. (2016). Making a Case for the Black Digital Humanities. Em M. Gold & L. F. Klein, *Debates in the Digital Humanities 2016*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/55>
- García Gómez, F. J. G., & Díaz Grau, A. D. (2005). La colección local en la biblioteca pública (I): concepto, delimitación y justificación. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, 20(78), 19–42.

- Gold, M. (2012). The Digital Humanities Moment. Em M. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/2>
- Green, H. E., & Courtney, A. (2015). Beyond the Scanned Image: A Needs Assessment of Scholarly Users of Digital Collections. *College & Research Libraries*, 76(5), 690–707. <https://doi.org/10.5860/crl.76.5.690>
- Guerreiro, D. (2015). O livro antigo na era digital [Billet]. Obtido 25 de Setembro de 2016, de <http://bdh.hypotheses.org/1369>
- Guerreiro, D. M., & Borbinha, J. L. (2014). Humanidades Digitais: Novos desafios e oportunidades. *Cadernos BAD*, 0(1), 63–78.
- Harris, V. V., & Weller, A. C. (2012). Use of Special Collections as an Opportunity for Outreach in the Academic Library. *Journal Of Library Administration*, 52(3–4), 294–303.
- Herrera Morillas, J. L. (2004). *Tratamiento y difusión digital del libro antiguo: directrices metodológicas y guía de recursos*. Gijón: Trea.
- Hockey, S. (2004). The History of Humanities Computing. Em S. Schreibman, R. Siemens, & J. Unsworth, *A Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell. Obtido de <http://www.digitalhumanities.org/companion/>
- Johnson, J. A. (2015). Creating Digital Cultural Heritage Collections in an Urban Academic Library Setting. *Urban Library Journal*, 21(1). Obtido de <http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/urbanlibrary/article/view/1622>
- Kirschenbaum, M. (2012). What Is Digital Humanities and What’s It Doing in English Departments? Em M. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/38>
- Kirschenbaum, M. (2014). What is «digital humanities,» and why are they saying such terrible things about it? *differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, (1), 46.
- Klein, J. T. (2014). *Interdisciplining Digital Humanities: Boundary Work in an Emerging Field*. Obtido de <http://hdl.handle.net/2027/spo.12869322.0001.001>
- Leitão, P. (2010). Uma biblioteca nas redes sociais: o caso da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian no Flickr. Em *Políticas de Informação na Sociedade em Rede: Atas do 10º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. Lisboa: BAD. Obtido de <http://www.bad.pt/publicações/index.pt/congressosbad/article/view/189>
- Libraries safe guarding cultural heritage. (2017). Obtido de <https://www.ifla.org/files/assets/pac/Documents/librariessafeguardingculturalheritage.pdf>

- Lourenço, E. (2015). Sobre nós: leituras da história, do outro e do vazio hoje. *Biblos. Revista da Universidade de Coimbra*, (1, 3ª série), 245–266.
- Luft, E. v d. (2015). Between Tradition and Automation in Special Collections: A Memoir. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts and Cultural Heritage*, 16(2), 93–100.
- Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas. (1994).
- Matos, M. C. de. (2007). Duas artes a par em Portugal, na 1ª metade do século XVI, a Imprensa e a ds Ouriversaria em dois momentos específicos da sua actividade. *Revista Portuguesa de História do Livro*, (Ano XI, nº 21).
- Mattoso, J. (1985). *Identificação de um país : ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325* (2ª, Vol. 2º). Lisboa: Estampa.
- McCarty, W. (1998). What is humanities computing? Toward a definition of the field. *Centre for Computing in*. Obtido de <http://www.mccarty.org.uk/essays/McCarty,%20What%20is%20humanities%20comp%20uting.pdf>
- McGann, J. (2005). Information technology and the troubled humanities. *Text Technology*, 14(2), 105.
- McGann, J. (2011). On creating a usable future. *Profession*, 1, 182–95.
- Meister, J. C. (2016). *Libraries as 'epistemological agents' in Digital Humanities research*. Apresentado na *Reviving the past and keeping up with the future – the libraries' role in preserving and providing access to newspapers and news media*, Hamburg, Alemanha.
- Muller, A. M. (2015). O jornal como fonte de pesquisa histórica e antropológica. *Biblos. Revista da Universidade de Coimbra*, (1, 3ª série), 269–286.
- Neudecker, C. (2016). Who cares about yesterday's news? Use cases and requirements for newspaper digitization. Apresentado na *Reviving the past and keeping up with the future – the libraries' role in preserving and providing access to newspapers and news media*, Hamburg, Alemanha.
- Nóvoa, A. (2015). Humanamente. *Biblos. Revista da Universidade de Coimbra*, (1, 3ª série), 13–30.
- Nunes, H. B. (1989). A Biblioteca e a memória da vida local. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de V.N. de Famalicão*, p. p.91-96.
- Nunes, M. B. (2003). *El medio es el servicio: sitios web de bibliotecas públicas en Portugal y España*. Obtido de <http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/581>
- Nunes, M. B. (2010). *Bibliotecas públicas e território: a importância do Fundo Local num mundo globalizado*. Obtido de <http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/276>



- Nyhan, J., Flinn, A., & Welsh, A. (2015). Oral History and the Hidden Histories project: towards histories of computing in the humanities. *Digital Scholarship in the Humanities*, 30(1), 71–85. <https://doi.org/10.1093/lhc/fqt044>
- Oberhelman, D. D. (2015). Distant Reading, computational stylistics, and corpus linguistics : the critical theory of digital humanities for literate subject librarians. Em *Digital Humanities in the Library* (pp. 53–53). Chicago: The Association of College & Research Libraries.
- Overholt, J. H. (2013). Five theses on the future of special collections. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, pp. 15–20.
- Palmer, C. L. (2005). Scholarly work and the shaping of digital access. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 56(11), 1140–1153. <https://doi.org/10.1002/asi.20204>
- Paula Dobrecky, L. (2016). Crowdsourcing en bibliotecas. (Portuguese). *Crowdsourcing in libraries. (English)*, (63), 71–77.
- Piez, W. (2008). Something Called Digital Humanities. *Digital Humanities Quarterly*, 002(1).
- Proffitt, M., & Schaffner, J. (2008). The Impact of Digitizing Special Collections on Teaching and Scholarship. Apresentado na *Digitization and the Humanities*, Dublin, Ohio.
- Racine, B. (2014). Digital humanities and cultural institutions. Em B. Dufrene (Ed.), *Heritage and digital humanities : How should training practices evolve?* (pp. 5–9). Berlim: LIT Verlag. Obtido de <http://www.lit-verlag.de/isbn/3-643-90487-4>
- Reis, F. L. dos. (2010). *Como elaborar uma dissertação de mestrado : segundo Bolonha*. Lisboa: PACTOR.
- Riley, J. (2017). *Understanding Metadata : what is metadata, and what is it for?* Baltimore: National Information Standards Organization (NISO).
- RNOD - Registo Nacional de Objectos Digitais. (sem data). Obtido 28 de Janeiro de 2017, de <http://rnod.bnportugal.pt/rnod/>
- Rockwell, G. (2013). *Is humanities computing an academic discipline?* Obtido 10 de Outubro de 2016, de <http://www.iath.virginia.edu/hcs/rockwell.html>
- Rodríguez-Yunta, L. (2014). Ciberinfraestructura para las humanidades digitales: una oportunidad de desarrollo tecnológico para la biblioteca académica. *El Profesional de la Información*, 23(5), 453–462. <https://doi.org/10.3145/epi.2014.sep.01>
- Romanello, M., & Bodard, G. (2016). Introduction. Em *Digital Classics Outside the Echo-Chamber: Teaching, Knowledge Exchange & Public Engagement* (pp. 1–11). London: Ubiquity Press. Obtido de <http://dx.doi.org/10.5334/bat.a>

- Rutner, J., & Schonfeld, R. C. (2012). Supporting the changing research practices of historians. *Final Report from ITHAKA S+ R*, 12–10.
- Santos, A. dos. (2005). Património? Que património? O património etnológico. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 45(1–2), 37–48.
- Schaffner, J., & Erway, R. (2014). *Does every research library need a digital humanities center?*  
 Obtido de <http://oclc.org/content/dam/research/publications/library/2014/oclcresearch-digital-humanities-center-2014.pdf>
- Spiro, L. (2012). “This Is Why We Fight”: Defining the Values of the Digital Humanities. Em M. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press.  
 Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/13>
- Svensson, P. (2012). Beyond the Big Tent. Em M. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Obtido de <http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/22>
- Svensson, P. (2016). *Big Digital Humanities: Imagining a Meeting Place for the Humanities and the Digital*. Obtido de <http://hdl.handle.net/2027/spo.13607060.0001.001>
- Terras, M. (2006). Disciplined: Using Educational Studies to Analyse ‘Humanities Computing’. *Literary and Linguistic Computing*, 21(2), 229–246. <https://doi.org/10.1093/lc/fql022>
- Terras, M. (2011). Peering inside the big tent: digital humanities and the crises of inclusion. Apresentado na *Interface 2011*, Londres. Obtido de <http://melissaterras.blogspot.pt/2011/07/peering-inside-big-tent-digital.html>
- Terras, M. (2015). So you want to reuse digital heritage content in a creative context? Good luck with that. *Art Libraries Journal*, 40(3), 33–37.
- Terras, M., & Nyhan, J. (2016). Father Busa’s Female Punch Card Operatives. Em M. Gold & L. F. Klein, *Debates in the Digital Humanities 2016*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Trevor Muñoz. (2012). *Digital humanities in the library isn’t a service*. Obtido 13 de Junho de 2017, de <http://trevormunoz.com/notebook/2012/08/19/doing-dh-in-the-library.html>
- UNESCO. (2013a). Protecting Our Heritage and Fostering Creativity. Obtido 15 de Maio de 2017, de <http://en.unesco.org/themes/protecting-our-heritage-and-fostering-creativity>
- UNESCO. (2013b). Science for a Sustainable Future. Obtido 15 de Maio de 2017, de <http://en.unesco.org/themes/science-sustainable-future>
- Unsworth, J. (2002). What is Humanities Computing and What is not? Obtido 10 de Outubro de 2016, de <http://computerphilologie.uni-muenchen.de/jg02/unsworth.html>

- Vandegrift, M., & Varner, S. (2013). Evolving in common: creating mutually supportive relationships between libraries and the digital humanities. *Journal of Library Administration*, pp. 67–78.
- Vanhoutte, E. (2013). The Gates of Hell. History and Definition of Digital. Em M. Terras & J. Nygren (Eds.), *Defining Digital Humanities. A Reader* (pp. 119–156).
- Walker, T. (2014). Local Treasures: The Value of Special Collections in the Public Library Setting. *Alki*, 30(2), 18–23.
- Warwick, C. (2011). Studying users in digital humanities. Em *Digital Humanities in Practice*. Obtido de <http://blogs.ucl.ac.uk/dh-in-practice/chapter-1/>
- Warwick, C., & Terras, M. (2012). The Myth of the New: Mass Digitization, Distant Reading and the Future of the Book. Obtido de <http://www.dh2012.uni-hamburg.de/conference/programme/abstracts/the-myth-of-the-new-mass-digitization-distant-reading-and-the-future-of-the-book.1.html>
- Watt, D. H. (2008). Scholars Perspective: Impact of Digitized Collections on Learning and Teaching. Apresentado na *RLG Programs Symposium, Chemical Heritage Foundation* in Philadelphia. Obtido de [www.oclc.org/programs/events/2008-06-04a.pdf](http://www.oclc.org/programs/events/2008-06-04a.pdf)

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: valores absolutos das bibliotecas incluídas e excluídas nas diversas etapas do estudo empírico.....	75
Gráfico 2: Valores absolutos do estudo da tipologia do objeto e formato utilizado pelas bibliotecas.....	79
Gráfico 3: valores absolutos do estudo das plataformas na componente da Tipologia objeto, Interatividade: comunicação com os utilizadores, partilha nas redes sociais, ampliação e a possibilidade de descarregar os objetos digitais.....	80
Gráfico 4: valores absolutos do estudo das plataformas na componente da recuperação da informação.....	82
Gráfico 5: valores absolutos do estudo das plataformas na componente Metadados.....	83
Gráfico 6: Distribuição geográfica das BPMP que disponibilizam conteúdos das coleções especiais na Web de acordo com o sistema hierárquico de divisão do território em regiões (NUTS II).....	85
Quadro resumo dos resultados obtidos.....	85

## ANEXOS

## ANEXO I - RESULTADOS DA ANÁLISE À TIPOLOGIA OBJETO, FORMATO, TEMÁTICA E DOCUMENTAL

Instituição	Tipologia do objeto		Formato			Temática	Tipologia Documental	
	digital	digitalizado	Texto	Imagem	multimédia			
Biblioteca Municipal António Botto	X	X	PDF	jpeg	não	Autores locais, artistas	fotografia, monografia,	
Biblioteca Municipal de Alcobaça		X	não	jpeg	não	História local	Jornais locais	
Biblioteca Municipal de Alpiarça - Dr. Herminio Duarte Paciência		X	PDF	jpeg	som	Autores, História local	Jornais locais, monografia	
Biblioteca Municipal de Arganil - Miguel Torga	X	X	PDF	não	não	Personalidades e História do concelho	Jornais locais, hemeroteca	
Biblioteca Municipal de Aveiro		X	PDF	não	não	História local	Cartografia, Iconografia, Monografias, Música, Jornais locais	
Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago		X	PDF	não	não	Geografia, Etnografia, autores locais	Jornais locais, monografia,	
Biblioteca Municipal de Cascais - Casa da Horta da Quinta de Santa Clara		X	PDF	jpeg	Não	História local	Jornais locais - Boletim	
Biblioteca Municipal da Chamusca - Ruy Gomes da Silva		X	PDF	não	não	Autores e personalidades locais	texto/impresso	
Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura		X	PDF	não	não	História local	jornais locais, boletins	
Biblioteca Pública de Évora		X	PDF	não	não	Historia regional	Jornais locais, Monografias	
Biblioteca Municipal do Funchal		X	não	não	multimédia	História local	Jornais locais	
Biblioteca Municipal Simões de Almeida (tio)		X	PDF	jpeg	vídeo	Vida social e cultural, património	Iconografia, Jornais locais, fotografia	
Biblioteca Municipal de Gondomar	X	X	não	jpeg	não	Toponímia e património edificado, documental (foral) e artístico	texto.	
Biblioteca Municipal de Lamego		X	não	jpeg	não	História local	Boletim, fotografia, postais, carazes	
Biblioteca Municipal de Lisboa	X	X	PDF	jpeg	vídeo	História local	Publicações periódicas (jornais e revistas), fotografia, texto,	
Biblioteca Municipal de Mafra		X	não	jpeg	não	História local	imprensa local.	
Biblioteca Municipal Dr. José Vieira de Carvalho		X	PDF	não	não	História local	imprensa local 1 revista cultural e coleção de manuscritos mas não está identificada como tal.	
Biblioteca Municipal Dr. Motta e Moura		X	PDF	não	não	História local	imprensa local, monografia	
Biblioteca Municipal de Oeiras	X	X	PDF	jpeg	vídeo	História local	imprensa local, monografia, iconografia	
Biblioteca Municipal Ferreira de Castro		X	não	não	multimédia	História local	imprensa local	
Biblioteca Municipal de Palmela	X	X	PDF	não	não	História local	imprensa local	
Biblioteca Municipal de Penacova		X	não	jpeg	não	História local, particular incidência na etnografia	fotografia	
Biblioteca Municipal de Ponte de Lima		X	PDF	jpeg	não	História local	imprensa local	
Biblioteca Municipal Almeida Garrett	X	X	PDF	jpeg	não	História	Predomínio no impresso - monografia, jornais. Manuscritos.	
Biblioteca Municipal Rocha Peixoto	X	X	PDF			Personalidades, historia local.	Imprensa local, fotografia, manuscritos, impressos (personalidades)	
Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira		X	PDF	jpeg	não	História local	Imprensa local, iconografia, fotografia, cartazes, postais, impressos	
Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel	X	X	PDF	jpeg	não	História - 1ª República (ambito local)	texto, fotografia	
Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo		X	PDF	não	não	História local	imprensa regional	
Biblioteca Municipal de Viana do Castelo		X	PDF	png	não	História local	imprensa regional	
Biblioteca Municipal José Régio		X	não	não	multimédia	História local	imprensa regional	
Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco	X	X	não	não	multimédia	História : Biblioteca Digital da Oposição Democrática (1945-1974)	cartas, fotografias, panfletos, relatórios, requerimentos, circulares, entre outros.	
Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia	X	X	não	jpeg	não	Personalidades locais e património edificado	texto, fotografia	
Biblioteca Municipal José Baptista Martins	X	X	pdf	jpeg	som	vídeo	História local	Monografia, Iconografia, Jornais Locais

## ANEXO II - RESULTADOS DA ANÁLISE À RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO NAS BPMP

Instituição	Pesquisa e Recuperação da informação					
	Percorrer Índice	Pesquisa Simples	Pesquisa com filtros / refinamento		Pesquisa no texto (OCR)	Pontos de acesso
			Catálogo OPAC para aceder a conteúdos digitais	Conteúdo digital/digitalizado		
Biblioteca Municipal António Botto	Sim	Pesquisa de temas referente ao conteúdo digital (separador Espaço do Autor) através do campo de pesquisa da página institucional. Os resultados devolvidos remetem para a página onde está o resultado e não diretamente para o conteúdo referente ao termo de pesquisa.	não	não	não permite pesquisa no texto	não
Biblioteca Municipal de Alcobaca	Não	Não	catálogo OPAC	Sim	não.	não
Biblioteca Municipal do Albarça - Dr. Hermínio Duarte Paciência	Sim, a Biblioteca digital tem índice de autores, títulos e data.	Não	Não	não	Não	Não há ponto de acesso entre a Biblioteca digital e o catálogo OPAC. Os registos do catálogo não fazem referência ao conteúdo digitalizado.
Biblioteca Municipal de Argani - Mguel Torga	Tem índice para o separador Património	Sim, pesquisa de temas referente ao conteúdo digital (separador Património) através do campo de pesquisa da página institucional. Os resultados devolvidos remetem para a página onde está o resultado e não diretamente para o conteúdo referente ao termo de pesquisa.	Hemeroteca é pesquisável no catálogo OPAC	Não	Não	Não há ponto de acesso entre o conteúdo digital e o catálogo OPAC.
Biblioteca Municipal de Aveiro	Biblioteca digital tem índice com a tipologia de documentos (Mat. Gráfico, Cartazes, Fotografias, Gravuras, Postais)		catálogo OPAC	sim	não	Há ponto de acesso no catálogo OPAC com a biblioteca Digital BIRA
Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago	Não		Catálogo OPAC	Não	Não	Há ligação entre os conteúdos digitalizados das várias coleções e com o catálogo bibliográfico.
Biblioteca Municipal de Cascais - Casa da Horta da Quinta de Santa Cara		Não	Catálogo OPAC	Não	Não	Tem pontos de acesso entre os vários fundos
Biblioteca Municipal da Chamusca - Ruy Gomes da Silva	Percorrer a plataforma para descobrir os conteúdos e pesquisa simples.	sim.	não	Não	Não	Não há ponto de acesso entre o catálogo e a plataforma ISSU.
Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura	Jornais Digitais tem um índice de pesquisa com títulos e anos.		não	sim	Não	Não há pontos de acesso entre o catálogo, a biblioteca digital e jornais digitais.
Biblioteca Pública de Évora	Catálogo da BDA tem diretório temático.		Catálogo OPAC	sim	não	sim, há pontos de acesso entre os catálogos.
Biblioteca Municipal do Funchal	Catálogo tem um índice com os títulos disponíveis		Não	sim	não	Há ponto de acesso na página, mas não há ponto de acesso entre o registo do catálogo OPAC ao conteúdo digital.
Biblioteca Municipal Símbos de Almeida (to)	Índice de títulos na plataforma Imprensa Local e índice temática no Flickr Figueró em imagens	sim	Catálogo OPAC	Não	Não	Há pontos de acesso entre o catálogo OPAC e a subpágina Imprensa Local. Não há pontos de acesso entre o catálogo e o Flickr.
Biblioteca Municipal de Gondomar	Percorrer a subpágina Património Cultural para descobrir os conteúdos.	não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Lamego	Repositório Digital tem índice temático	Não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Lisboa	Há um diretório na página da Hemeroteca que permite percorrer os conteúdos por "título, autor, cronológico, geográfico e géneros de imprensa".		Catálogo OPAC	Não	Hemeroteca.	Há ponto de acesso entre a hemeroteca e o catálogo bibliográfico, não há ponto de acesso entre os conteúdos digitais do projeto Vidas e memórias do bairro e o catálogo bibliográfico, não permitindo a pesquisa dos mesmos.
Biblioteca Municipal de Mafra	não	Não	Não	Sim, página do Arquivo.	Não	Não há ponto de acesso entre o catálogo OPAC e o conteúdo digital.
Biblioteca Municipal Dr. José Vieira de Carvalho	não	Não	Catálogo OPAC	não	Não	Não
Biblioteca Municipal Dr. Motta e Moura	Biblioteca Local Digital tem diretório temático de acordo com a CDU, os jornais tem diretório com títulos, anos e números	Não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Oeiras	Índice temático no plataforma do projeto Memórias de Oeiras	Sim	Não	Sim, filtros nos resultados do Catálogo digital de Oeiras.	Não	Catálogo Opac apresenta registo bibliográfico mas não referencia ao conteúdo, o ou seja não há ponto de acesso entre o catálogo OPAC e o catálogo digital.
Biblioteca Municipal Ferreira de Castro	Sim	Não	Não	sim	Não	Há pontos de acesso entre o catálogo bibliográfico e a biblioteca digital da Imprensa local Regional
Biblioteca Municipal de Palmela	não	não	Catálogo OPAC, Bibliografia temática existente no catálogo OPAC permite aceder aos registos que disponibilizam conteúdos.	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Panacova	Percorrer o índice temático	não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Ponte de Lima	Índice de títulos na subpágina Jornais Locais cuja ligação remete para o Arquivo Municipal.	Não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal Almeida Garrett	Índices específicos gerados automaticamente de acordo com determinadas tipologias documentais, temas ou tipos de conteúdos		Catálogo OPAC	Não	sim	sim
Biblioteca Municipal Rocha Poixoto	Índices temáticos no separador História Local	Não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira	Não	Não	Catálogo OPAC	Não	Não	Sim
Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel	Índice temático no separador História Local.	Não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo	Índice de títulos.		Não	Sim	Não	Sim, ao catálogo digital do Fundo Local mas o catálogo bibliográfico generalista não faz referência ao conteúdo digital, apenas apresenta descrições bibliográficas.
Biblioteca Municipal de Viana do Castelo	Índice de títulos e cronológico	Não	Catálogo OPAC	Não	Não	Sim, na página e no catálogo OPAC
Biblioteca Municipal José Régio	Não	Não	Catálogo OPAC	Sim	Não	Sim
Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco	não	Não	Catálogo OPAC	Sim	Não	Há pontos de acesso entre o catálogo bibliográfico e a Biblioteca Digital da Oposição Democrática
Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia	Navegação pelas etiquetas do bloque.	não	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal José Baptista Martins	Índice temático	não	Não	Não	Não	Não

ANEXO III - RESULTADO DA ANÁLISE DOS METADADOS DESCRITIVOS, TÉCNICOS E DIREITOS DE AUTOR DAS BPMP

Instituição	Dados descritivos	Metadados			
		Descritivos		Técnicos	Direitos de autor
		estruturados	Exportação		
Biblioteca Municipal António Botto	Autor, título e assunto.	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Alcobça		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	Não
Biblioteca Municipal de Alpiarça - Dr. Herminio Duarte Paciência		Sim	Não	Sim	Não
Biblioteca Municipal de Arganil - Mguel Torga	Separador Património não há uma estrutura de dados definida, apenas tem título.	Sim	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Aveiro		Sim	Não	Não	Há indicação dos direito de autor na página da biblioteca digital, porém, cada objeto digital não tem associado qualquer indicação nem licença Creative Commons.
Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	Não
Biblioteca Municipal de Cascais - Casa da Horta da Quinta de Santa Clara		Sim	Não	Sim	não
Biblioteca Municipal da Chamusca - Ruy Gomes da Silva	Autor e título	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura	Título e ano de publicação	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Pública de Évora		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Sim	a BDA faz referencia às condições de utilização. Tem u separador a explicar.
Biblioteca Municipal do Funchal	Título, ano, edição		Não	Não	Não
Biblioteca Municipal Simões de Almeida (tio)		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Sim	sim, aplica a licença Creative Commons.
Biblioteca Municipal de Gondomar	Título	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Lamego	Título e coleção		Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Lisboa		Sim	Sim, do registo bibliográfico da Hemeroteca.	Sim para a Hemeroteca. O projeto <i>Vidas e Memórias</i> não possui dados técnicos.	Há indicação de direitos de autor em vigor.
Biblioteca Municipal de Mafra		Sim	Sim (arquivo)	Sim	não
Biblioteca Municipal Dr. José Vieira de Carvalho		Sim	Não	Não	não
Biblioteca Municipal Dr. Motta e Moura	Título e assunto	Não	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Oeiras		Sim	permite exportar dados (Dublin core, entre outros formatos)	Sim	Sim
Biblioteca Municipal Ferreira de Castro		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Sim	não.
Biblioteca Municipal de Palmela		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	não
Biblioteca Municipal de Penacova		Sim	Não	Sim	sim, utiliza a licença Creative Commons.
Biblioteca Municipal de Ponte de Lima		Sim	Sim (arquivo)	Sim	Sim
Biblioteca Municipal Almeida Garrett		Sim	Sim	Sim	Sim
Biblioteca Municipal Rocha Peixoto	Título, assunto e data	Não	Não	Não	não
Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	não
Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel	Título e assunto	Não	Não	Não	não
Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo		Sim	Não	Não	Não
Biblioteca Municipal de Viana do Castelo		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	Não
Biblioteca Municipal José Régio		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	Não
Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco		Sim	Sim, do registo bibliográfico	Não	não
Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia	Títulos	Não	Não	Não	não
Biblioteca Municipal José Baptista Martins	Título, assunto.	Não	Não	tamanho do ficheiro	não



ANEXO IV - RESULTADOS DA ANÁLISE DAS PARCERIAS INTERSERVIÇOS E INSTITUCIONAIS DAS BPMP

Instituição	Parceiros	
	Colaboração interserviços	Institucional
Biblioteca Municipal António Botto		
Biblioteca Municipal de Alcobaça		
Biblioteca Municipal de Alpiarça - Dr. Herminio Duarte Paciência		
Biblioteca Municipal de Arganil - Miguel Torga		
Biblioteca Municipal de Aveiro		BibRIA
Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago		
Biblioteca Municipal de Cascais - Casa da Horta da Quinta de Santa Clara		
Biblioteca Municipal da Chamusca - Ruy Gomes da Silva		
Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura		
Biblioteca Pública de Évora		Biblioteca Digital do Alentejo
Biblioteca Municipal do Funchal		
Biblioteca Municipal Simões de Almeida (tio)		
Biblioteca Municipal de Gondomar		
Biblioteca Municipal de Lamego		
Biblioteca Municipal de Lisboa		
Biblioteca Municipal de Mafra	Arquivo e Biblioteca	
Biblioteca Municipal Dr. José Vieira de Carvalho		
Biblioteca Municipal Dr. Motta e Moura		
Biblioteca Municipal de Oeiras	Catálogo Digital de Oeiras: Biblioteca, Museu e Arquivo	
Biblioteca Municipal Ferreira de Castro		
Biblioteca Municipal de Palmela		
Biblioteca Municipal de Penacova		
Biblioteca Municipal de Ponte de Lima	Arquivo e Biblioteca	
Biblioteca Municipal Almeida Garrett		
Biblioteca Municipal Rocha Peixoto		
Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira		
Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel		
Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo		
Biblioteca Municipal de Viana do Castelo		
Biblioteca Municipal José Régio		
Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco		
Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia		
Biblioteca Municipal José Baptista Martins		

